



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

REGINA APARECIDA BRITO NASCIMENTO DA SILVA

**ANÁLISE DOS ASPECTOS (SÓCIO)LINGUÍSTICOS NA FALA DO
HOMEM PANTANEIRO**

Campo Grande-MS
2019

REGINA APARECIDA BRITO NASCIMENTO DA SILVA

**ANÁLISE DOS ASPECTOS (SÓCIO)LINGUÍSTICOS NA FALA DO
HOMEM PANTANEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação,
Mestrado Acadêmico em Letras, da Universidade Estadual de
Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo
Grande, como requisito para obtenção do título de Mestre em
Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura.
Linha de pesquisa: Sociolinguística.

Orientadora: Profa. Dra. Natalina Sierra Assêncio Costa.

Campo Grande-MS
2019

S583a Silva, Regina Aparecida Brito Nascimento da
Análise dos aspectos (sócio)linguísticos na fala do
homem pantaneiro/ Regina Aparecida Brito
Nascimento da Silva. – Campo Grande, MS: UEMS,
2019.
116f.

Dissertação (Mestrado) – Letras – Universidade Estadual de
Mato Grosso do Sul, 2019.
Orientadora: Prof.^a Dra. Natalina Sierra Assêncio Costa.

Língua 2. Variação linguística 3. Sociolinguística 4. Homem pantaneiro
I. Costa, Natalina Sierra Assêncio II. Título

CDD 23. ed. - 417

REGINA APARECIDA BRITO NASCIMENTO DA SILVA

**ANÁLISE DOS ASPECTOS (SÓCIO)LINGUÍSTICOS NA FALA DO HOMEM
PANTANEIRO**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Natalina Sierra Assêncio Costa (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Profa. Dra. Maria Leda Pinto (membro)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Profa. Dra. Adriana Viana Postigo Paravisine (membro)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

Profa. Dra. Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (Suplente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Profa. Dra. Onilda Sanches Nincao (Suplente)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

Campo Grande/MS, 26 de março de 2019.

*Não há nada mais bonito
que o pantanal alagado,
e na linha do infinito,
ver o céu amplo e azulado!*

*Os jacarés bocejantes,
mormacentos, preguiçosos,
as araras revoantes,
tuiuiús esplendorosos!*

*Nos corixos, nas baías,
o pantaneiro pescando,
nas canoas flutuantes...*

*As garças tão alvadias
os periquitos cantando
nas palmeiras mais distantes...*

(Edir Pina de Barros)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela força e coragem durante esta trajetória acadêmica, que me permitiu chegar até aqui.

Agradeço a minha família pelo apoio e pela compreensão de minhas ausências em vários momentos deste estudo.

A minha querida orientadora Profa. Dra. Natalina Sierra Assêncio Costa, por ter acolhido minhas ideias e por sua dedicação, disponibilidade e paciência durante todo o período de orientação desta pesquisa.

O meu especial agradecimento a Profa. Dra. Maria Leda Pinto por nos disponibilizar o *corpus* de sua pesquisa a respeito da linguagem do homem pantaneiro; por seu companheirismo e amizade durante todo o processo de pesquisa. Também a Profa. Dra. Débora Fittipaldi Gonçalves pela importante contribuição e auxílio no desenvolvimento teórico desta pesquisa.

Por fim, deixo meu agradecimento a todos os professores do Programa de Mestrado acadêmico da UEMS, em especial a professora Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros e ao professor Nataniel dos Santos Gomes pelas valiosas contribuições a este estudo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Pantanal alagado.....	50
Figura 2: Biomas do Pantanal	51
Figura 3: Tuiuiú: ave símbolo do Pantanal.....	52
Figura 4: Homem pantaneiro com seus instrumentos de trabalho.....	55
Figura 5: Vaqueiro ou peão pantaneiro.....	56
Figura 6: Comitiva de gado.....	59

SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	9
INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
1.1 Breve percurso dos estudos linguísticos.....	14
1.2 Sociolinguística: princípios e fundamentos.....	18
1.3 Língua, cultura e identidade.....	22
1.3.1 Língua: alguns conceitos.....	22
1.3.2 Cultura: alguns conceitos.....	25
1.3.3 Identidade: alguns conceitos.....	27
1.4 Variação linguística.....	28
1.5 Variedades linguísticas.....	34
1.5.1 A dialetologia e os estudos dos dialetos.....	37
1.6 A norma culta e o preconceito linguístico.....	39
1.7 Neologismos.....	44
1.7.1 Classificação dos Neologismos	46
CAPÍTULO II – CONTEXTO E SUJEITO DA PESQUISA: O PANTANAL E O PANTANEIRO.....	49
2.1 Descrição panorâmica do Pantanal.....	49
2.2 Homem pantaneiro: hábitos e costumes.....	53
2.2.1 As comitivas de gado.....	57
2.3 Expressões regionais e pantaneiras.....	60
2.4 Aspectos identitários pantaneiros.....	62
2.5 Aspectos identitários pantaneiros.....	63
CAPÍTULO III – METODOLOGIA DA PESQUISA.....	66
3.1 Contextualização e natureza da pesquisa.....	66
3.1.1 Seleção dos informantes.....	68
3.1.2 Fonte de coleta dos dados.....	68
CAPÍTULO IV – ANÁLISE DOS DADOS INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	71
4.1 Análise dos dados.....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	82
APÊNDICES	85

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar as variações linguísticas presentes na fala do homem pantaneiro da região do Pantanal do Rio Negro, Mato Grosso do Sul. A pesquisa discute a respeito dos conceitos sociolinguísticos existentes na interação desse falante a partir do uso da língua em um determinado contexto de comunicação. Por meio do estudo da língua, da cultura e da identidade do homem pantaneiro sul-mato-grossense buscamos identificar as variedades linguísticas e os neologismos que integram a linguagem desse sujeito, verificando a importância que a língua representa na preservação da sua cultura e da sua identidade. Pautados nos conceitos da Sociolinguística, analisamos as falas mencionadas nas entrevistas que compõem o *corpus* desta pesquisa e descrevemos os aspectos linguísticos e sociolinguísticos da variação em relação à oralidade e aos comportamentos linguísticos observados. Para um melhor entendimento, realizamos uma releitura do contexto regional do ambiente pantaneiro buscando interpretar os significados das misturas de falares e suas origens e destacamos os aspectos linguísticos, sociolinguísticos e culturais que envolvem a fala do peão pantaneiro. Assim, objetivando conhecer um pouco mais desse universo, nos apoiamos nos elementos da natureza como a fauna e a flora; a vestimenta, os hábitos e costumes, bem como outros fatores que julgamos relevantes para retratar a imagem desse pantaneiro. Na análise e interpretação dos dados, utilizamos a metodologia da Teoria da Variação e mudança linguística baseadas na teoria laboviana. Os dados da pesquisa são provenientes do *corpus* da tese de doutorado da pesquisadora Maria Leda Pinto com peões pantaneiros residentes em fazendas da região do Pantanal do Rio Negro e foram obtidos a partir das transcrições das entrevistas realizadas *in loco*, por meio de gravação das conversas com indivíduos do sexo masculino, com idade entre 45 e 70 anos. Para fundamentar os estudos, abordamos a questão da variação linguística; da norma culta e o preconceito linguístico; das variedades regionais e neologismos; a respeito da cultura e da identidade com base nas concepções de teóricos como Bortoni-Ricardo (2004); Bagno (2007); Alves (1990); Orlandi (2002); Proença (1997); Morettini e Urt (2010); Nogueira (1990; 2002); Barros (1998), entre outros, além de nos apoiarmos em estudos provenientes de teses e dissertações realizadas por pesquisadores da temática em questão.

Palavras-chave: Língua; Variação linguística; Sociolinguística; Homem pantaneiro.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the linguistic variations present in the speech of the Pantanal man from the Rio Negro Pantanal region, Mato Grosso do Sul. The research discusses about the sociolinguistic concepts existing in the interaction of this speaker from the use of language in determined communication context. Through the study of the language, culture and identity of the Pantanal man from Mato Grosso do Sul, we seek to identify the linguistic varieties and the neologisms that integrate the language of this subject, verifying the importance that language represents in the preservation of his culture and his identity. Based on the concepts of Sociolinguistics, we analyze the speech mentioned in the interviews that compose the corpus of this research and describe the linguistic and sociolinguistic aspects of variation in relation to orality and observed linguistic behaviors. For a better understanding, we realize a rereading the regional context of the Pantanal environment seeking to interpret the meanings of the mixtures of speech and their origins and highlight the linguistic, sociolinguistic and cultural aspects that involve the speech of the Pantanal pawn. Thus, in order to know a little more about this universe, we support on elements of nature such as fauna and flora; dress, habits and customs, as well as other factors that we consider relevant to portray the image of this Pantanal man. In the analysis and interpretation of the data, we use the methodology of Theory of Variation and linguistic change based on the Labovian theory. The research data come from the corpus of the doctoral thesis of the researcher Maria Leda Pinto with Pantanal pawn living in farms of the Rio Negro Pantanal region and were obtained from the transcripts of the interviews carried out in loco, by recording the conversations with males aged between 45 and 70 years. To support the studies, we address the issue of linguistic variation; of the educated norm and the linguistic prejudice; regional varieties and neologisms; about culture and identity based on the conceptions of theorists such as Bortoni-Ricardo (2004); Bagno (2007); Alves (1990); Orlandi (2002); Proença (1997); Morettini and Urt (2010); Nogueira (1990; 2002); Barros (1998), among others, besides relying on studies from theses and dissertations carried out by researchers on the subject in question.

Key-Words: Language; Linguistic variation; Sociolinguistics; Pantanal man

INTRODUÇÃO

Durante o processo de colonização do Brasil a mistura de povos foi dando origem a diferentes falares. Tal fato contribuiu para que o povo brasileiro fosse construindo uma linguagem própria, inserindo os indivíduos em diferentes grupos sociais e influenciando no surgimento de uma grande diversidade de vocabulário e de pronúncia.

A influência desses fatores, associada ao desenvolvimento histórico e geográfico de cada região do país, foi dando origem às diferentes expressões e variedades na língua portuguesa brasileira. Assim, essa diversidade contribuiu para que a língua falada no Brasil apresentasse diferenças na variação da língua em decorrência de fatores linguísticos e/ou extralinguísticos que influenciaram, direta ou indiretamente, na forma de falar dos seus sujeitos e na formação de uma diversidade linguística nos falares brasileiros.

O processo linguístico está diretamente relacionado com a maneira com que seus indivíduos interagem no ambiente comunicativo que se formaliza por meio de um sistema chamado de signos vocais e linguísticos, ou seja, a língua, a qual busca retratar o comportamento e a cultura próprios de um determinado grupo de falantes.

A fala de uma comunidade retrata ainda sua história, seus valores e costumes e não se limita apenas às expressões orais, mas transcende o universo linguístico porque atribui uma identidade única a seus sujeitos. Estudar o uso social da língua, de acordo com a teoria laboviana, envolve conhecer as origens do falante e suas diversas realidades a partir da fala representada.

Nesse sentido, a Sociolinguística surge com a finalidade de estudar os diferentes comportamentos linguísticos a partir do uso da língua em situações reais de comunicação. Fundamentada nessa linha de pesquisa, que discute a respeito dos conceitos nas interações entre falantes, ouvintes e contextos, desenvolvemos este estudo a respeito dos aspectos linguísticos, culturais e identitários do homem pantaneiro sul-mato-grossense.

Portanto, a Sociolinguística considera o fator sociocultural de seus falantes, em que nenhuma língua ou variedade linguística deve ser considerada inferior ou superior a outra, mas apenas diferente. A Sociolinguística discute a respeito dos conceitos nas interações entre falantes, ouvintes e contextos sociais, levando em consideração as diferenças regionais que singularizam e particularizam a linguagem do falante ou de uma comunidade de fala por meio de situações sociais e práticas discursivas.

Diante dos fatos, esta pesquisa teve como objetivo principal identificar algumas variações linguísticas e sociolinguísticas presentes na fala do homem pantaneiro e, como objetivos específicos, buscamos destacar algumas expressões e neologismos que compõem a linguagem oral do peão pantaneiro; evidenciar os aspectos (sócio)linguísticos que constituem a fala desse sujeito; e, verificar a relação da língua e da cultura na representação da identidade da comunidade pantaneira.

No levantamento bibliográfico nos baseamos em teóricos que abordam os estudos linguísticos na linha da Sociolinguística e a questão da língua regional da população pantaneira sul-mato-grossense. E, num segundo momento, realizamos a análise das entrevistas realizadas com os peões pantaneiros, constante no Centro de Documentação em Educação, Diversidade Cultural e Linguagens de Mato Grosso do Sul, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, por meio da utilização do *corpus* da tese de doutorado da pesquisadora Maria Leda Pinto, intitulada “Discurso e cotidiano: histórias de vida em depoimentos de pantaneiros”, com o objetivo de conhecermos melhor o ambiente sociocultural dessa comunidade, bem como levantar dados a respeito das singularidades linguísticas presentes na fala do homem pantaneiro.

A partir dos dados levantados na pesquisa, buscamos observar e evidenciar os traços linguísticos predominantes na fala da comunidade pantaneira, analisando o processo de preservação da língua no cotidiano desse grupo de falantes no contexto real de comunicação.

Para a realização deste estudo temos como informantes os peões pantaneiros da região de Rio Negro que trabalham em propriedades rurais daquela região, onde se

localiza um número significativo de fazendas na extensão do pantanal sul-mato-grossense, também conhecido como Pantanal do Nabileque.

Portanto, para conhecermos melhor o ambiente sociocultural dessa comunidade, faz-se necessário identificar esse cenário que é o Pantanal e “adentrar o improvável universo de terra e água (...) reouvir vaqueiros, boiadeiros, campeiros, rememorando o episódio épico de cada trajetória pantaneira”, estudar sua constituição física e geográfica, sua diversidade de flora e fauna, sua cultura, bem como os habitantes daquela região, conforme menciona Nogueira (1990, p. 60).

Para fundamentar a pesquisa, nos baseamos nas concepções de alguns teóricos como: Bagno (2006; 2007; 2010); Bortoni-Ricardo (2004); Calvet (2002); Orlandi (2003); Leite e Callou (2010); Mollica e Braga (2003); Tarallo (1986); Alves (1990); Nogueira (1990; 2002); Proença (1997); Morettini e Urt (2010); Barros (1998), dentre outros estudiosos que abordam os temas relacionados às questões Linguísticas, Sociolinguísticas, cultura, identidade e a respeito do Pantanal e do homem pantaneiro.

Ainda contribuíram para nortear os estudos, as pesquisas elaboradas por: Costa (2002, 2010); Pinto (2006); Queiróz (2015); Gonçalves (2009); Oliveira (2016), dentre outros estudos provenientes de teses e dissertações que abordam a temática em questão.

A presente pesquisa é composta de quatro capítulos distintos. O capítulo I apresenta a fundamentação teórica que vem subsidiar e nortear os estudos trazendo um breve histórico a respeito da Linguística e da Sociolinguística; da variação e da mudança linguística no português do Brasil; e ainda a questão da norma culta e do preconceito linguístico e suas contribuições para o avanço dos estudos sociolinguísticos no país. Nesse capítulo abordamos ainda a questão da língua, da cultura e da identidade tendo em vista a inter-relação existente entre estes três elementos e o tema em discussão.

No capítulo II descrevemos o contexto e o sujeito da pesquisa, ou seja, a região do Pantanal e o sujeito desta pesquisa – o homem pantaneiro (peão), onde apresentamos alguns aspectos sociais e culturais que integram o universo desse

indivíduo como hábitos e costumes; vestimenta; tipo de atividade que exerce; ambiente social; dentre outros fatores que julgamos relevantes para o registro cultural dessa comunidade pantaneira.

No capítulo III abordamos a metodologia da pesquisa onde explanamos a contextualização da pesquisa e seleção dos informantes; e discorremos a respeito da fonte de coleta de dados que compõe o *corpus* deste trabalho, ou seja, os relatos orais e as histórias de vida dos peões pantaneiros registrados e documentados por meio de gravação disponível na base de dados do Centro de Documentação em Educação, Diversidade Cultural e Linguagens de Mato Grosso do Sul, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, unidade universitária de Campo Grande.

No capítulo IV apresentamos a análise do material linguístico selecionado com a interpretação dos resultados obtidos por meio desta análise. Neste capítulo tecemos a análise de alguns trechos de falas selecionados das entrevistas com os peões na perspectiva laboviana da Sociolinguística. Ao final da dissertação, relacionam-se as considerações finais, com nossas argumentações a respeito deste estudo e, após, constam as referências que serviram de aporte teórico para o desenvolvimento da pesquisa.

CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo apresentamos os conceitos teóricos a respeito da Linguística e da Sociolinguística que fundamentaram esta pesquisa e nortearam seu desenvolvimento. Primeiramente, fazemos uma breve abordagem dos estudos da Linguística de Saussure e seu predecessor Meillet, e posteriormente apresentamos um panorama histórico da Sociolinguística a partir da evolução dos estudos linguísticos ocorridos na segunda metade do século XX, bem como o surgimento dessa disciplina como campo de estudo da língua no contexto social.

Discorreremos ainda a respeito da língua e suas variações; a questão do preconceito linguístico; dos neologismos; da cultura e da identidade que serviram para subsidiar a pesquisa, permitindo uma melhor análise dos dados coletados junto aos indivíduos da comunidade pantaneira.

Ademais, apresentamos algumas definições a respeito da variação e da variedade linguística existente no Português do Brasil visando fomentar o contexto desta pesquisa. A questão da norma culta, do preconceito linguístico e dos neologismos também são mencionados neste capítulo considerando que tais temas relacionam-se com esta pesquisa na medida em que pretendem demonstrar as variações e variedades linguísticas presentes na fala do pantaneiro e a discriminação que ainda permeia com relação aos dialetos em detrimento da norma culta padrão.

1.1 BREVE PERCURSO DOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

A Linguística moderna surgiu no final do século XIX a partir das pesquisas desenvolvidas pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913) que passou a estudar o aspecto sincrônico da língua, estabelecendo-se, assim, a oposição entre diacronia versus sincronia. Sua iniciativa de implantar um modelo abstrato voltado para o estudo da *língua* a partir dos *atos de fala* contribuiu para despontar o estruturalismo em linguística (SILVA, 2009, p. 24).

Calvet (2002, p. 11) destaca que no entendimento de Saussure, a língua era entendida como um sistema próprio em que o linguista buscava afirmar a teoria de que “a linguística tem por único e verdadeiro objeto de estudo a língua considerada em si mesma e por si mesma”, sem considerar o seu caráter individual. Segundo ele, “a língua é elaborada pela comunidade, é somente nela que ela é social” (p.16). Portanto, seus estudos não compreendiam a existência de uma relação entre língua e fato social, pois apenas a estrutura abstrata e os signos linguísticos eram definidos como objeto de estudo da língua, distinguindo assim estrutura de história. A partir desse entendimento idealizado, Saussure foi construindo um estruturalismo na linguística que o distanciava da interface entre língua e sociedade.

Antoine Meillet (1866-1936), ex-aluno e contemporâneo de Saussure (considerado um de seus seguidores), já mencionava no início do século XX que este seria um século voltado ao estudo da mudança linguística no contexto social em que a língua está inserida. Ele não chegou efetivamente a elaborar uma teoria linguística baseada no conceito de língua como um fator social, apesar de ter tido grande prestígio acadêmico. Contudo, a maneira como o estudioso abordava a linguística e seu processo de mudança, contribuiu significativamente com os estudos e pesquisas dessa natureza que foram desenvolvidos por seus ex-alunos (CALVET, 2002).

Nesse sentido, podemos inferir que Meillet foi o precursor das ideias de Labov uma vez que já anunciava alguns entendimentos próximos aos pensamentos deste, como podemos observar ao afirmar que “por ser a língua um fato social resulta que linguística é uma ciência social e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social””, conforme destaca Calvet (2002, p. 16). Portanto, ao compreender a língua como um fato social, Meillet se aproxima das concepções posteriormente apresentadas por William Labov em relação a língua ao refletir sobre a sua natureza que é ao mesmo tempo interna (sistema) e externa (fato social) ao indivíduo.

Diante do posicionamento de Saussure, que considerava em seus estudos a *língua em si mesma e por si mesma*,

enquanto o empreendimento do linguísta suíço é essencialmente terminológico (ele tenta elaborar o vocabulário da linguística para embasar teoricamente esta ciência), o de Meillet, é programático: ele não deixa de desejar que se leve em conta o caráter social da língua. (CALVET, 2002, p. 17).

O pesquisador destaca ainda que, apesar de alguns pensamentos de Saussure e Meillet serem bastante semelhantes, havia divergências entre as ideias e uma oposição na linha de entendimento desses dois linguístas, conforme podemos observar nesta passagem:

Quando Saussure opõe linguística interna e linguística externa; Meillet as associa. Quando Saussure distingue abordagem sincrônica de abordagem diacrônica, Meillet busca explicar a estrutura pela história. Realmente *tudo opõe os dois homens tão logo os situamos no terreno da linguística geral*. Enquanto Saussure busca elaborar um modelo abstrato da língua; Meillet se vê em conflito entre *o fato social* e *o sistema que tudo contém*: para ele não se chega a compreender os fatos da língua sem fazer referência à diacronia, à história. (CALVET, 2002, p. 15)

O trecho acima evidencia a oposição de ideias existentes entre os dois teóricos em relação à linguística, comprovando as divergências em seus entendimentos quanto a sincronia e a diacronia da língua. Enquanto um se preocupava com os aspectos relacionados aos elementos sociais e ao processo evolutivo da língua através do tempo e da história; o outro se detinha ao sistema linguístico em si e seu funcionamento estrutural.

Portanto, após a publicação da obra *Curso de linguística geral (1916)* em que Saussure opõe a língua à fala considerando a língua como social e psíquica e a fala como um ato individual; a linguística e a sociolinguística entram em conflito passando a se desenvolver independentes em decorrência dessas duas correntes apresentarem entendimentos e posições divergentes em relação a abordagem da língua. Calvet (2002) destaca que a Linguística compreende a língua organizada por fonemas; já a Sociolinguística busca considerar a língua e sua variação de acordo com os fatores

linguísticos e também extralinguísticos como: idade, sexo, classe social, entre outros. Enquanto que para Meillet a noção de língua era tida como fato social estruturada pela sua história (diacronia); para Saussure a língua era algo abstrato, uma instituição social cuja variação independe das condições externas.

Ao resenhar o livro *Curso de linguística geral* (publicação póstuma de Saussure), Meillet entra em conflito com algumas ideias de seu mestre ali contidas. No entendimento de Meillet “ao separar a variação linguística das condições externas de que ela depende, Ferdinand de Saussure a priva da realidade; ele a reduz a uma abstração que é necessariamente inexplicável”, conforme evidencia Calvet (2002, p.14).

Esse entendimento da ‘língua como fato social’ se manifesta como sendo antissaussuriano. Saussure advogava que a língua poderia e deveria ser estudada de maneira independente e autônoma num determinado tempo sem que fosse necessário observar seu processo evolutivo. O teórico defendia que a única realidade linguística a ser considerada pelo falante era a língua em funcionamento.

Cabe destacar que muito antes de Meillet insistir no caráter social da língua essa ideia já havia sido enfatizada pelo sociólogo Émile Durkheim (1858-1917). Em Calvet (2002, p. 13), podemos verificar uma associação com o pensamento do sociólogo quando este afirma que “a linguagem é eminentemente um fato social.” Portanto, Durkheim e Meillet apresentavam entendimentos bem próximos em relação ao lado social da língua.

Ainda em relação aos fatos que envolvem a Linguística, temos na França outra abordagem social da língua com um estudo a respeito do vocabulário francês “antes e depois da Revolução”, demonstrando as mudanças na língua e associando-a a fatos políticos. Na Rússia, Nicolai Marr (1864-1934), postula uma teoria marxista de origem comum a todas as línguas, uma ideia de nação, de superestrutura da língua, fazendo surgir o que foi oficialmente denominado de *nova teoria linguística*. Nesse mesmo período, nos Estados Unidos, mais precisamente em Los Angeles, acontece, em maio de 1964, por iniciativa de William Bright, a Conferência Sociolinguística que reuniu 25

pesquisadores, dentre eles, William Labov, conforme observa Calvet (2002). Enquanto isso, a luta por uma concepção social da língua foi se desenvolvendo e ganhando novos entendimentos por meio de pesquisas apresentadas por diferentes linguistas em diferentes pontos.

Diante desse cenário, a partir de 1930, o campo dos estudos linguísticos ganham novos rumos por meio de pesquisas e obras que referenciam e tratam da questão social na língua. Dentre os estudiosos podemos elencar, além de Antoine Meillet, Émile Benveniste, Roman Jakobson, Mikhail Bakhtin, dentre outros. Ainda Calvet (2002, p.12) destaca ainda a importância dos estudos desenvolvidos por William Labov para o desenvolvimento da sociolinguística como ciência social.

Nesse sentido, os estudos linguísticos do século XX tomaram rumos diversos em vários países em que se desenvolveram, definindo escolas ou correntes teóricas que privilegiavam diferentes aspectos da linguagem. Logo, termo “Sociolinguística” fixou-se em 1964, em um congresso organizado por William Bright, do qual participaram vários estudiosos da relação entre linguagem e sociedade, dentre estes estava William Labov.

Enquanto que em diversos países do mundo a corrente de entendimento da Sociolinguística ia crescendo e ampliando seus horizontes no campo da linguagem social e variacionista, no Brasil ela se desenvolvia em duas linhas de entendimento, conforme menciona Castilho (1991): “A Sociolinguística se desenvolveu no Brasil a partir de duas vertentes, os estudos variacionistas de inspiração laboviana, e os estudos interacionistas”. Na corrente dos estudos interacionistas, Castilho cita alguns teóricos como Callou (1979); Oliveira (1981); Lira (1982); Tarallo (1983 e 1985); Bortoni-Ricardo (1985); Braga (1986).(CASTILHO, 1991, p. 12)

Assim, sob o prisma da historiografia linguística, podemos observar que houve diversas tentativas de se introduzir uma ciência que compreendesse a língua como um fato essencialmente social, o que efetivamente só veio a efetivar a partir dos estudos elaborados por William Labov, nos anos 60, quando a linguística passou então a ser

entendida como sendo uma ciência social, ou seja, a Sociolinguística, como veremos no tópico seguinte.

1.2 SOCIOLINGUÍSTICA: PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS

A partir de meados do século XX, a área da linguística passa por mudanças significativas em que a linguística articula-se com a Filosofia e com outras ciências humanas como a Psicologia, a Antropologia, a Semiótica, para delimitar o seu objeto de estudo, fazendo surgir um novo campo: a Sociolinguística. Nesse contexto, ocorre a chamada virada paradigmática, em que os estudos linguísticos passam a se interessar não somente pelo sistema da língua em si mas também pelo seu uso real em situações reais de interação, conforme destaca Oliveira (2016, p. 24).

De acordo com Bagno (2007), a Sociolinguística surgiu nos Estados Unidos, em meados da década de 1960, quando alguns estudiosos entenderam que era possível estudar uma língua sem considerar a sociedade em que ela é falada. Assim, o estudo da mudança e da variação da língua se impulsionou sobretudo com as contribuições de William Labov, que se tornou o linguísta mais conhecido na questão dos estudos da Sociolinguística.

Abordamos, neste estudo, a Sociolinguística na concepção do americano Willian Labov (1927-2006) que, como mencionado por Calvet (2002), é considerado seu progenitor em razão de ter desenvolvido estudos voltados para a relação da *língua como fato social*, com a intenção de sistematizar as variações existentes na língua falada.

Por meio de pesquisas que consideravam os fatores extralinguísticos como: classe social, idade, sexo, escolaridade, entre outros, Labov buscou demonstrar a relação de dependência existente entre o fator linguístico de seus falantes e o meio social em que vivem. Tarallo (1986) menciona que:

Foi, portanto, William Labov quem, mais veemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada. Desde seu primeiro estudo, de 1963, sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts (Estados Unidos).(TARALLO, 1986, p. 7)

Diante dessa afirmação, não há como falar em Sociolinguística Variacionista sem nos reportarmos ao pesquisador William Labov e suas contribuições para o surgimento e o desenvolvimento dessa importante área de estudo. Ao reconhecer a língua como algo inerente ao indivíduo, como algo social que está em contínua mudança, Labov desponta para novas visões a respeito da língua, sem, contudo, tirar o mérito das contribuições de seus antecessores e predecessores na questão do estudo da língua.

A pesquisa mencionada acima por Tarallo, realizada em 1963 por William Labov, na comunidade da ilha de Martha'Vineyard, Massachusetts/Estados Unidos, foi considerada uma das mais importantes para o campo da Sociolinguística pois, a partir dela Labov publica um estudo evidenciando a importância dos fatores sociais que influenciavam na diversidade e na variação linguística daquela comunidade de falantes ao ser observada em situação real. Neste estudo, Labov buscou demonstrar a relação existente entre os fatores extralinguísticos como idade, sexo, ocupação, origem étnica e o comportamento linguístico, especificamente em relação à pronúncia de determinados fonemas do inglês apresentado pelos moradores da ilha, conforme observa Freitag e Lima (2010, p.15).

Ainda segundo as autoras, por meio da análise das variáveis sociais Labov buscava definir o quadro de variação observado numa determinada comunidade de fala, tendo como objetivo maior analisar e sistematizar as variantes linguísticas nos termos da dicotomia entre variação estável e em processo de mudança. Assim, ao descrever e interpretar os fenômenos linguísticos ocorridos no contexto social de comunidades urbanas, a Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação causou um forte impacto na linguística contemporânea. A partir de então, toda análise sociolinguística passa a ser orientada para as variações sistemáticas inerentes ao seu objeto de estudo, ou seja, a comunidade de fala.

Um outro estudo, publicado em 1966 também por Labov, a respeito da estratificação do /r/ nas grandes lojas de departamento nova-iorquinas, causa certa polêmica e é entendido por muitos como um manifesto que resgata as ideias inicialmente apresentadas por Meillet em relação a língua. Labov em seu livro *Padrões Sociolinguísticos*, no capítulo intitulado “estudo da língua em seu contexto social”, apresenta um trecho que demonstra a afinidade de ideias entre ele e Meillet: “para nós, nosso objeto de estudo é a estruturação e a evolução da linguagem no seio do contexto social formado pela comunidade linguística.” Tal afirmação, de acordo com Calvet (2002, p. 32) serviu para reforçar o princípio segundo o qual não é possível distinguir a linguística geral da sociolinguística, ou seja, no seu entendimento “a sociolinguística é a linguística.”

Apesar do interesse pelos aspectos sociais da linguagem, ou seja, a interação entre a língua, sua estrutura e seu funcionamento já estarem presentes nas discussões de outras épocas, vimos que Labov buscou ainda pesquisar a língua predominante em uma determinada comunidade de fala e percebeu que ela apresentava algumas variações quando utilizada em tempo real nas situações cotidianas de seus falantes. Assim, podemos inferir que essa descoberta propiciou uma grande contribuição para os estudos linguísticos posteriores no campo da Sociolinguística.

Nessa questão, Marcos Bagno (2001) ratifica que o surgimento da Sociolinguística efetivamente se deu a partir das pesquisas desenvolvidas por Labov destacando que:

A sociolinguística surgiu na década 60 nos Estados Unidos, graças, sobretudo aos trabalhos de William Labov, que veio mostrar que toda língua muda e varia, isto é, muda com tempo e varia no espaço, além de variar também de acordo com a situação social do falante.(BAGNO, 2001 p. 43).

Nesse sentido, a partir do entendimento de Labov, discute-se então a língua como um fato social cuja natureza tende a variar de acordo com os aspectos sociais linguísticos e extralinguísticos de seu falante. Diante dos fatos, podemos deduzir que a

Sociolinguística efetivamente teve seu desenvolvimento na década de 60, nos Estados Unidos, a partir dos estudos iniciados por Labov a respeito da língua falada por indivíduos comuns em seus contextos sociais e ao seu uso concreto em situações reais de comunicação.

Mollica e Braga (2010) referem-se à Sociolinguística com um campo interdisciplinar, uma subárea da Linguística, que se interessa pelos estudos da língua observados em uma comunidade de fala, identificando os aspectos linguísticos e sociais existentes na fronteira língua e sociedade. Ainda segundo as autoras, a Linguística “estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção a um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”, se ocupando da variação e das mudanças linguísticas; e que “todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas” (op cit, p. 9). Nesse sentido, a Sociolinguística tem objeto como estudo a língua e suas variações e os fenômenos linguísticos que envolvem esses conceitos.

Portanto, a Sociolinguística considera que todo indivíduo é plurilíngue por natureza pois é o único que possui a capacidade de utilizar diferentes formas de uma mesma língua para se comunicar de acordo com o ambiente em que esteja inserido. Seja no contexto familiar, por meio de uma linguagem mais informal ou no ambiente de trabalho com uma fala mais formal, conforme observa Oliveira (2016, p. 24). A pesquisadora destaca ainda que a relação existente entre língua e sociedade não é de mera casualidade, pois desde o nascimento o indivíduo já convive com uma série de signos linguísticos onde lhe são apresentadas inúmeras possibilidades comunicativas como os gestos, as expressões faciais e, por fim, a linguagem falada.

Assim, considerando que a Sociolinguística estuda as relações existentes entre os meios sociais e linguísticos e ainda os fatores internos e externos à língua, como as variações linguísticas por exemplo; e, considerando que esta pesquisa tem por finalidade analisar a fala do homem pantaneiro no contexto social em que este está inserido, destacando as variações presentes na fala dessa comunidade, julgamos

pertinente discorrermos a respeito dos aspectos relacionados a língua e suas variações no item seguinte.

1.3 LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE

1.3.1: Língua: alguns conceitos

As línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes.
(CALVET, 2002, p. 11)

Partimos do fragmento acima para iniciarmos a abordagem a respeito da questão da língua como um dos instrumentos que identificam um indivíduo ou uma comunidade dos demais grupos sociais por entendermos que uma língua não existe por si só. Essa afirmação apresentada por Calvet se opõe ao entendimento de Saussure, já mencionada anteriormente, que considera a *língua em si mesma e por si mesma*.

Todo ser humano faz uso da linguagem para se comunicar, seja por meio da fala, dos gestos, dos símbolos, dos sinais, dentro outros. Falar implica em selecionar certas unidades linguísticas e utilizar um repertório lexical comum entre o emissor e o receptor da mensagem para que haja um perfeito entendimento na comunicação. Mais do que achar as palavras adequadas, falar implica em ter a habilidade linguística e o domínio necessários para construir as palavras de maneira clara e ordenada.

Sociolinguisticamente falando, uma língua não pode existir sem as pessoas que as falam, e isso a torna essencialmente social. Para o teórico acima citado, cada língua, cada falar, cada dialeto ou expressão traz consigo uma história; a história de seu povo, de uma comunidade e seus falantes. Calvet (2002) destaca ainda três fatores essenciais que condicionam a diversidade linguística: a identidade social do falante; a identidade social do destinatário; e o contexto social em que estes estão inseridos.

Já Faraco (2002) observa que as normas linguísticas dos grupos sociais de uma comunidade apresentam características identitárias próprias por incorporar certos

valores socioculturais, mas também se mesclam e se influenciam mutuamente, ou seja, são mescladas ou “hibridizadas”, sendo a língua uma atividade essencialmente social que preserva a nacionalidade de seus falantes (FARACO, 2002, p. 39 *apud* FREITAG e LIMA, 2010, p. 10), como veremos no caso da comunidade estudada nesta pesquisa.

Partindo desse princípio, a língua se torna um instrumento de fala que ao ser utilizada pelo falante e passa a representar um veículo identitário uma vez que o ato discursivo constitui também ato de identidade do sujeito. Portanto, a linguagem representa, por meio da língua, um papel essencial na transmissão da cultura e nas representações da identidade de um determinado grupo social.

Podemos destacar ainda que é por meio do uso da linguagem, associada a fatores históricos e sociais, que o homem se constitui como sujeito, estabelecendo vínculos com outros povos e outras culturas e construindo a sua própria identidade. Portanto, a fala também representa a identidade cultural e social do indivíduo, e sua maneira de utilizar as palavras para se expressar determinam o seu perfil linguístico, conforme podemos observar na citação de Callou e Leite (2010):

É através da língua que uma sociedade se comunica e retrata o conhecimento e o entendimento de si própria e do mundo que a cerca. É na linguagem que se refletem a identificação e a diferenciação de cada comunidade e também a inserção do indivíduo em diferentes agrupamentos, estratos sociais, faixas etárias, gêneros, graus de escolaridade... [] Assim, para o linguista, todo homem é igual não só perante a lei, mas também frente a sua capacidade linguística... [] Não existe, assim, variante boa ou má; língua rica ou língua pobre; dialeto superior ou inferior.(CALLOU e LEITE, 2010, p. 3)

Nesse sentido, podemos entender que todo ato de fala retrata a identidade de seu falante e que a língua a expressa também a cultura de uma comunidade ou grupo de pessoas. Ela permite ao indivíduo utilizá-la de acordo com o seu contexto social sem impor uma maneira certa ou errada de falar. Assim, analisar a linguagem utilizada pelo peão pantaneiro é ter a possibilidade de conhecer melhor a sua história de vida por meio de sua identidade discursiva, que representa o seu ambiente e a sua visão de mundo.

Assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais descrevem a língua como sendo um sistema de signos específicos, histórico e social que possibilita a homens e mulheres significar o mundo e a sociedade. Aprender uma língua significa não somente assimilar palavras mas acima de tudo é necessário saber combiná-las em expressões complexas e compreender pragmaticamente seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas entendem e interpretam a realidade e a si mesmas. (BRASIL, 1998).

Segundo Saussure (1997 *apud* GANDOLFO, 2006) a língua é um fator essencial da linguagem e que seu caráter social atribui independência ao indivíduo e o insere na sociedade. Ainda para o autor, “ é através dela - e de sua metalinguagem que tudo se pode categorizar, classificar e interpretar, inclusive ela mesma. A fala, ao contrário, sendo secundária, é a parte individual da linguagem.” Portanto, Saussure entende a língua como uma parte da linguagem que manifesta a vontade individual dos que a falam.

Marcuschi (2001) apresenta a seguinte abordagem em relação a língua:

A condição aporética da linguagem enquanto fenômeno humano é a forma de ser da língua. Daí ser ela uma atividade social e cognitiva em contextos historicamente delineados e interativamente construídos. A linguagem se dá como interlocução situada e se oferece como conhecimento para o outro. Dinâmica por natureza, a língua é estável, mas não estática e permite que os indivíduos a sigam. Deixa-se normatizar, embora de forma variável e variada... Trata-se de uma interação cooperativa em que dois ou mais indivíduos desenvolvem instrumentos, símbolos etc. para uso comum. (MARCUSCHI, 2001, p.41 *apud* GANDOLFO, 2006).

Nesse entendimento, a língua possui um caráter social que faz com que o indivíduo se integre a sociedade ou a um determinado grupo social no qual convive constantemente. É por meio da fala que nos comunicamos e manifestamos nossa percepção do mundo.

A língua representa e é representada pelo universo cultural onde o falante produz uma visão de mundo por meio do seu universo semiótico, lexical e gramatical, den-

tre outros. Língua, cultura e sociedade, embora constituam processos distintos, estão interligadas por relações de dependência, pois modificações ocorridas no sistema linguístico podem alterar o universo sociocultural de um determinado grupo.(COSTA, 2002)

Ainda em relação a essa questão, Lyons (1979) menciona que

A língua de uma determinada sociedade é parte integral da sua cultura, e as distinções lexicais de cada língua tenderão a refletir traços culturalmente importantes de objetos, instituições e ou atividades na sociedade em que a língua opera.(LYONS, 1979, p. 457 *apud* Costa 2002, p. 34)

Assim a língua é uma representação da identidade social e cultural do indivíduo. Portanto, ela sempre estará presente um determinado grupo que representará uma diversidade linguística. Ela é um fato social de uma comunidade ou sociedade ou de um determinado grupo, pois ela reflete sua cultura, sua identidade e as transformações ocorridas no ambiente social do falante, pois é por meio da língua que os sujeitos interagem entre si e com o meio exterior que o cerca.

1.3.2 Cultura: alguns conceitos

Com os avanços tecnológicos e o processo de globalização, o homem foi evoluindo em meio às condições históricas, sociais e culturais impostas pela sociedade moderna e pós-moderna. A globalização promoveu a integração entre diferentes povos e diferentes culturas ao passo que com um simples *click* podemos ter acesso às diversas culturas do mundo. Ao falarmos em cultura, nos remetemos a uma dimensão subjetiva de valores e crenças que visam aproximar pessoas e povos com afinidades, e não separá-las (MORETTINI e URT, 2010).

Ao nosso ver, essa mistura de diversidades culturais que são apresentadas a sociedade moderna tem contribuído para que o indivíduo se aproprie de outras culturas por meio de manifestações ideológicas para se auto-reafirmar culturalmente. Ao buscar em outras culturas algo que o identifique, muitas vezes acaba perdendo sua personalidade própria. Isso porque ao conhecer outras culturas acaba por considerá-la melhor que a sua, comprometendo a definição da sua identidade enquanto membro de

uma determinada comunidade. A exemplo, podemos citar o caso de alguns indígenas que em decorrência da miscigenação e do contato continuado com a sociedade “branca” estão cada vez mais se aculturando.

Já no entendimento de Nogueira (2002) quando falamos em cultura estamos automaticamente falando do homem e de suas identidades e alteridades, sem deixar de considerar as diferenças existentes.

Partindo desse pressuposto, a cultura deixa de ser apenas a representação de hábitos e costumes de uma determinada comunidade passando a ter uma dimensão muito mais ampla quando pretende também definir e reafirmar a identidade de um povo. Isso porque a cultura possui um caráter social muito mais abrangente, pois além da representação social ela busca preservar e manter vivos certos fatos históricos de nossos antepassados.

Morettini e Urt (2010, p. 72) menciona que segundo Santos (1986) a cultura pode ser considerada “uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade, diz respeito a todos os aspectos da vida social. Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social.” As autoras apresentam uma definição genérica de cultura salientando que há uma diferença entre a cultura predominante na sociedade atual com a da sociedade primitiva em decorrência da dinamicidade da cultura contemporânea que varia, incorpora novos conhecimentos e vai se transformando com o tempo.

Portanto, cultura envolve um processo social concreto que somente terá sentido enquanto for parte de uma sociedade. Isoladamente as lendas, crenças, festas típicas, costumes e tradições não tem significado sem uma referência social. A cultura não é algo estático. O fato de que as tradições culturais identificam um determinado grupo não significa que ela não se transforma. O sujeito internaliza as formas culturais e as transforme de acordo com o meio (MORETTINI e URT, 2010).

Diante dessas afirmações, podemos entender que a cultura implica em um processo social que sofre transformações com o passar do tempo onde vão sendo

incorporados novos conhecimentos e havendo transformações em decorrência da interação com outros grupos sociais.

Nesse contexto, Proença enfatiza que:

para se conhecer a cultura pantaneira há de se ir às raízes, é necessário que se vá ao chão para buscar a rusticidade e a simplicidade do homem do Pantanal. É preciso se retirar as botas e atolar os pés nas almas dos brejos e na relava das baías... é preciso sentir o vento sul bater no rosto, conhecer a fases da lua, saber olhar as horas pelo movimento dos ventos, dialogar com o biguá pousado numa vara de porteira, chamar João-de-barro de amassa-barro; cão de cachorro; objetos pessoais de traíás; par de roupa de pareio; mulher grávida de enxertada; café-da-manhã de quebra-torto.(PROENÇA, 1997, p.161)

Assim, para conhecermos melhor o universo da cultura pantaneira buscamos obter dados por meio de pesquisas em livros, artigos e documentos que tratam desse assunto e trazem com informações a respeito dos hábitos e costumes dos habitantes da região do Pantanal onde buscamos evidenciar os traços culturais presentes nessa comunidade e sua representação na constituição da identidade do homem pantaneiro.

Por conseguinte, sendo a cultura um aspecto relevante na constituição das identidades, conforme já mencionado anteriormente, faremos no tópico seguinte uma breve abordagem com alguns conceitos acerca dessa temática.

1.3.3 Identidade: alguns conceitos

A identidade se relaciona com a memória coletiva, sendo também exterior ao indivíduo. Além de envolver questões de ordem individual auxilia na preservação de uma forma peculiar sobre os fatos que a sociedade e seu contexto têm para com o indivíduo. Como as identidades são uma construção humana, elas também podem ser modificadas. Formadas ao longo dos tempos são incompletas, estão sempre em processo de formação (MARTINS, 2003; HALL, 2011 *apud* GONÇALVES, 2016, p. 50).

Mesmo sendo algo individual, a identidade implica em pertencer a um determinado grupo, ou ainda a uma comunidade com sua cultura. Ela permite que o indivíduo se integre ao meio social que está inserido. Podemos dizer que os valores

culturais reafirmam uma identidade. A diversidade cultural brasileira também contribui na construção das identidades regionais e na preservação da identidade de cada um por meio da sua linguagem.

Morettini e Urt (2010) destacam que a identidade se forma a partir da articulação de vários personagens, tendo como princípio a própria representação e suas atividades produtivas, ou seja, a “identidade é o próprio processo de identificação” (p.81). No processo de identificação considera-se ainda as condições sociais e instituições onde ela ocorre.

Ainda para as autoras, a identidade é um processo de formação e transformação do sujeito, que se constitui na relação com o outro. Nesse sentido, ela é resultado das relações que o indivíduo estabelece com o meio e com as demais pessoas que o cercam, bem como pelos papéis que determinam a existência concreta do sujeito. Assim, a constituição de uma identidade é um processo permanente de formação e transformação do indivíduo.

Podemos concluir que a fala é uma forma de representação da identidade pois ela representa a identidade cultural e social da pessoa que a utiliza. Portanto, cultura e identidade se manifestam também por meio da fala, que é única de cada indivíduo.

1.4 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Quando os portugueses aportaram no Brasil, à época do descobrimento, se depararam com povos indígenas que não falavam o português. Durante o processo de colonização a mistura de raças foi dando origem a diferentes línguas, fato este que fez com que a população brasileira fosse construindo um falar próprio de cada comunidade e inserindo os indivíduos em diferentes grupos sociais ou comunidades linguísticas.

O contato com outras línguas e outras nações, seja por meio da imigração ou no contato com os povos das fronteiras, contribuíram para que a nossa língua e fosse constituída a partir de diferentes traços culturais. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) afirmam que a Língua Portuguesa é composta por diversas variedades

linguísticas sendo que essas variedades são determinadas em função do valor social que elas atribuem aos diferentes modos de falar. Os PCNs abordam ainda :

[...] Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais. (BRASIL, 1998, p. 29)

Partindo desse princípio, o nosso entendimento é de que a unidade linguística deixa de ser uma realidade social para se fortalecer nas variedades e diversidades de falares existentes em todo o território brasileiro. Precisamos entender que uma língua existe para atender as necessidades sociais e comunicativas de uma comunidade, e isso que atribui um valor cultural inestimável, fazendo com que a história e a cultura de um povo seja preservada, tornando assim um elemento de identificação de seus sujeitos por meio das expressões típicas do grupo.

E, para que de fato essa língua permanece viva, surgem as chamadas variações da língua que são determinadas em função do uso e da transformação social apresentada por seus falantes em relação a outros grupos. São as chamadas 'variantes linguísticas'. As variantes linguísticas de menor prestígio social são consideradas como sendo "inferiores" ou até mesmo "erradas".

Tarallo (1986, p. 08) destaca que as "variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística". Ele considera que a Teoria da Variação parte do princípio de que a heterogeneidade que emerge nos usos linguísticos pode ser observada tanto nos fatores externos ao sistema linguístico quanto nos fatores internos à língua.

Ainda nessa questão, Mollica (2003, p. 10) observa que "toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível". Já Callou e Leite (2010) associam a questão da variação linguística como sendo algo proveniente do processo de colonização em decorrência de modificações ocorridas nas línguas indígenas faladas no Brasil antes e depois da colonização, e que a dialeção horizontal existente na língua se deu por influência desses povos, ocasionando uma diferenciação vertical entre a fala do luso e a fala do nascido e criado na terra.

A variação linguística muitas vezes é representada por traços linguísticos próprios que podem ser observados a partir do uso de certas expressões ou palavras pelos membros de uma comunidade. Esses traços peculiares é que distinguem um grupo de falantes, determinando as variações linguísticas existentes dentro de uma mesma língua, contribuindo para que ela se torna um elemento delimitador de uma comunidade linguística e favorecendo o desenvolvimento da comunicação e da linguagem oral.

De acordo com Bagno (2006), quando o assunto é língua, existem duas vertentes que se contrapõem: a primeira refere-se a discurso de ordem científica, baseado na teoria da Linguística moderna que aborda a 'variação e mudança da língua'; a segunda refere-se ao discurso do senso comum, com uma concepção arcaica a respeito da língua, que trabalha com a 'noção de erro na língua'.

Assim, com base na teoria da variação e mudança, podemos destacar que a língua é um sistema de signos que permitem ao falante utilizá-la de diferentes maneiras para dizer a mesma coisa sem que ocorra efetivamente alteração no seu significado.

Essas diversidades linguísticas que permitem ao indivíduo utilizar a língua de diferentes maneiras no falar, na maioria das vezes são consideradas "incorretas" pelos gramáticos. Os dicionários e gramáticas estabelecem e normatizam o que é "certo" e o que é "errado" no uso da língua ao impor uma determinada modalidade linguística considerada padrão e de prestígio social. Diante desse contexto e em oposição às

normas, a Sociolinguística propõe que em vez de pensarmos em “erro” deveríamos pensar em variação da língua.

Portanto, a variação é algo inerente a toda língua viva e, ao pensarmos em língua, primeiramente devemos levar em consideração quem fala, para quem se fala, o contexto social dos falantes e a situação comunicativo em que ele está inserido (BAGNO 2007). Assim, podemos entender que a teoria da mudança e da variação considera a língua em seu contexto sociocultural e que essa variação ocorre em todos os níveis da língua, por isso podemos considerá-la como heterogênea.

Nesse sentido, a Sociolinguística tem contribuído significativamente para a mudança na concepção de língua ao classificá-la como um “substantivo coletivo” que abarca um extenso conjunto de expressões disponíveis aos seus falantes, o que tem possibilitado minimizar os preconceitos linguísticos existentes em relação as diferentes maneiras de falar. Portanto, os fatores sociais, externos à língua, exercem influência sobre sua variação dentro de uma comunidade de falantes que compartilham o mesmo dialeto, conforme observam Mollica e Braga (2003).

Por conseguinte, cabe destacar que não compete a Sociolinguística verificar 'erros' em variações linguísticas, mas sim estudá-los e analisá-los buscando compreender a estrutura presente no uso da linguagem oral representada presente em uma determinada comunidade de fala. Dessa maneira, os estudos sociolinguísticos tem contribuído para fomentar as discussões acerca das questões relacionados a variação e mudança na língua.

Consoante a essa questão, Eni Orlandi (2003) observa que a mudança e a variação linguísticas devem ser direcionadas para a área da Sociolinguística. Vejamos:

Para se responder a determinadas questões colocadas pela linguística, por exemplo: como entender a variação em língua, qual o domínio das mudanças em língua, como significa fatos que concernem diretamente à natureza da convenção na linguagem, devemos questionar o uso linguístico e deslocar o estudo para o da sociolinguística, entendida aqui em seu sentido amplo.(ORLANDI, 2003, p. 97).

Ao nosso ver, a explanação de Orlandi busca afirmar que compete a Sociolinguística responder às questões relacionadas as mudanças e variações da língua, sendo ela o campo de estudo dessa natureza da linguagem. Por meio dos estudos sociolinguísticos é possível verificar a existência de variedades e variações que se caracterizam principalmente pelo modo peculiar de falar de cada região do país.

Define-se, portanto, que a variação linguística trata a respeito da natureza e do funcionamento das línguas humanas e, sobretudo os processos de mudança linguística; enquanto que a variedade linguística se refere aos “modos de falar uma língua”, sendo que ambos se correlacionam aos fatores sociais, conforme menciona Bagno (2007, p. 43). O teórico observa ainda que os sociolinguistas se utilizam de um conjunto de fatores sociais e extralinguísticos para auxiliar na identificação dos fenômenos de variação linguística como origem geográfica; status econômico; grau de escolarização; idade; sexo; mercado de trabalho e redes sociais.

Na questão do fator origem geográfica, Bagno (2007) destaca que:

a língua varia de um lugar para outro; assim, podemos investigar, por exemplo, a fala característica das diferentes regiões brasileiras, dos diferentes estados, de diferentes áreas geográficas dentro de um mesmo estado etc.; Outro fator importante também é a origem rural ou urbana da pessoa.(BAGNO, 2007, p.43)

Assim, este estudo apresenta uma relação bastante próxima com esse fenômeno uma vez que o homem pantaneiro, objeto de estudo desta pesquisa, reside em uma comunidade com localização em uma região bastante peculiar e de origem rural, fato que contribui para um falar que se utiliza de uma linguagem bem própria e característica da região onde habita.

Ainda com relação ao entendimento de Bagno podemos concluir que a língua não é estática, que ela apresenta variações de acordo com cada região, que é possível verificamos nos diferentes falares existentes no Brasil onde o fator cultural e regional exercem grande influência para que essas diversidades ocorram. Ainda que as variações na língua estão relacionadas com a localização geográfica e com o ambiente

sociocultural do falante. Essa variação ocorre dentro de uma comunidade ou grupo de falantes com características próprias de uma determinada região.

Nessa vertente, se temos várias regiões geograficamente distribuídas no território nacional brasileiro, então é possível afirmar que “no Brasil *não se fala uma só língua*” sendo possível perceber “as muitas diferenças que existem entre o modo de falar do português e o modo de falar, brasileiro” (BAGNO, 2006, p.18). Portanto, não há de se falar em língua única padrão brasileira, mas sim em uma língua que apresenta variações. E ante a diversidade de falares existentes no Brasil, não há de se considerar que existe fala errada; existe falar diferente - que são as variações presentes no português falado por um determinado grupo de pessoas em uma determinada região, cada uma com sua diversidade e maneira de falar própria. Para o teórico, o mito da unidade linguística não passa de uma ideia abstrata, que não fundamenta a realidade vivenciada em cada comunidade de fala.

A respeito dessa questão, Bagno (2006) apresenta ainda o seguinte entendimento:

A tão celebrada *unidade linguística do Brasil* não passa de um *mito*, isto é, uma ideia muito bonita, muito convincente, mas falsa. [] ... portanto, não se fala “uma só língua portuguesa”. Fala-se um certo número de variedades de português, das quais algumas chegaram ao posto de norma-padrão por motivos que não são de ordem linguística, mas histórica, econômica, social e cultural. (BAGNO, 2006, p. 27)

Com base nesse pressuposto, podemos considerar que não há uma unidade linguística em nosso país, e que a crença de uma língua estática e imutável está muito mais relacionada às normas gramaticais de cujo unicamente tradicional e arcaico, do que com a realidade vivenciada no cotidiano. E que vamos encontrar na língua falada muitos termos que não fazem parte da norma-padrão ou da norma culta e que nem por isso devem ser consideradas incorretas ou inadequadas para o uso, uma vez pertencem a uma determinada comunidade de fala.

Bagno (2007) em *Nada na Língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística* nos apresenta uma classificação da variação sociolinguística, sendo elas:

variação diatópica (se verifica na comparação entre o modo de falar de lugares diferentes); variação diastrática (se verifica na comparação entre o modo de falar de diferentes classes sociais); variação diamésica (se verifica na comparação entre a língua falada e a língua escrita); variação diafásica (é a variação estilística – uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua); e, variação diacrônica (se verifica na comparação entre diferentes etapas da história de uma língua).(BAGNO, 2007, p. 46-47)

Destacamos que, dentre os tópicos acima mencionados, para a análise dos dados desta pesquisa, trabalharemos com a primeira classificação - a variação diatópica, por entendermos que está mais adequada ao tema abordado ao compararmos a maneira de falar dos habitantes de uma determinada localidade, ou seja, a região das fazendas do Pantanal do Rio Negro.

Ainda de acordo com Faraco (2005), a variação diatópica ou variação regional ou geográfica tem a função de identificar a origem de um indivíduo de acordo com a maneira como ele fala ou se expressa. Esse tipo de variação também pode estar relacionado com a colonização, com a influência dos povos colonizadores que imigraram para o Brasil no período colonial bem como dos povos indígenas, nativos do país.

Assim, os conceitos e fundamentos aqui abordados em relação as variações linguísticas nos possibilitou verificar que a língua abrange um conjunto heterogêneo e diversificado de falares. Que ela é constituída por diferentes indivíduos que formam diferentes comunidades de fala a partir de suas experiências históricas, sociais, culturais e geográficas às quais refletirão na identificação e no comportamento linguístico de seus falantes.

Verificamos ainda que a língua apresenta variedades e sofre variações no tempo; no espaço geográfico e social e de acordo com a situação em que o falante está inserido e se caracterizam principalmente pelo modo peculiar de falar de seus sujeitos. A essa diversidade verbal a Sociolinguística denomina de ‘variedades linguísticas’, que abordaremos no tópico a seguinte.

1.5 VARIEDADES LINGUÍSTICAS

A língua portuguesa brasileira apresenta uma diversidade de variedades dialetais às quais identificam os indivíduos pela forma como falam e em decorrência da situação geográfica e social em que estão inseridas. Apesar disso, ainda é bastante comum se considerar as variedades linguísticas de menor prestígio como sendo inferiores ou erradas. Contudo, podemos destacar que a língua portuguesa está relacionada às diferentes formas de pronúncia na construção das palavras, ou seja, as variedades linguísticas regionais provenientes das diversidades associadas à cultura de uma região ou comunidade (BAGNO, 2007).

Isto posto, podemos inferir que em nosso país existe uma variedade linguística nos falares em relação a língua oficial brasileira que evidenciam a presença de maneiras diferentes de se comunicar, às quais podem ser facilmente identificadas pelo uso de um vocabulário próprio de cada região do nosso território - e não apenas a presença de uma língua única. Essa questão das variedades presentes nos falares regionais é abordada pela sociolinguísta Bortoni-Ricardo (2004) como sendo um instrumento que identifica um determinado grupo de falantes sendo que,

Essas crenças sobre a superioridade de uma variedade ou falar sobre os demais é um dos mitos que se arraigaram na cultura brasileira. Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que se confere identidade a um grupo social. Ser nordestino, ser mineiro, ser carioca etc. é um motivo de orgulho para quem o é, e a forma de alimentar esse orgulho é usar o linguajar de sua região e praticar seus hábitos culturais.(BORTONI-RICARDO 2004, p. 33)

A partir dessa afirmação podemos considerar que as variedades linguísticas regionais constituem os falares típicos de uma determinada região e contribuem para identificar a origem de uma comunidade regional geograficamente constituída por meio dos traços linguísticos de seus falantes, se estabelecendo como um elemento que confere identidade a seus membros enquanto sujeitos. A superioridade de um falar sobre os demais trata-se de uma questão cultural que deve ser repensada, pois cada indivíduo deve ter orgulho da sua língua - e não se envergonhar dela.

Define-se, portanto, que as variedades linguísticas referem-se as diferentes formas de manifestação e aos diferentes modos de falar dentro de uma mesma língua e são condicionadas por traços que podem ser de origem social, cultural, regional ou ainda históricas em relação aos seus falantes. A Sociolinguística conceitua essa variedade linguística como os muitos “modos de falar” de uma sociedade. Dessa maneira, uma palavra pode ser pronunciada em diferentes contextos e apresentar conotações diferentes, dependendo da região em que ela está sendo utilizada.

Bagno (2007, p. 48 e 49) apresenta uma classificação das variedades linguísticas da seguinte maneira:

- Dialeto: é o modo característico de uso da língua numa determinada localidade.
- Socioleto: é a variedade linguística própria de um determinado grupo de falantes que partilham os mesmos traços socioculturais (nível cultural, profissão, etc.)
- Cronoleto: designa uma variedade pertencente a uma determinada faixa etária, modo próprio de uma geração de falantes.
- Idioleto: refere-se ao modo característico e particular de cada indivíduo expressar as palavras e construir sentenças.

A partir das classificações das variedades linguísticas acima apresentadas, entendemos que o 'dialeto' e o 'socioleto' estão mais relacionados ao estudo em questão uma vez que um discurso não pode ser analisado sem levar em consideração o modo característico de falar e a variedade linguística de uma determinada região - no caso a região pantaneira do rio Negro -, e o contexto histórico-social de seus falantes que compartilham os mesmos traços culturais.

Por conseguinte, temos a fala como uma representação social e cultural de uma determinada região que apresentam maneiras diferentes de se expressar e que caracterizam uma linguagem peculiar, ou seja, uma variedade regional própria de um grupo de falantes.

Faremos um ganço para trazer uma breve discussão a respeito da questão dos sotaques. É comum ouvirmos comentários um tanto subjetivos quanto a maneira de falar diferente de outras pessoas ou grupos sociais. Ouvimos, por exemplo, certa pessoa dizer que aquela outra apresenta um linguajar “arrastado” ou “rápido demais” ou fala “esquisito”. Tais alterações ou diferenças existentes na oralidade ao pronunciar o som de uma determinada expressão ou palavra, refere-se ao que muitos consideram de ‘sotaques’ da língua (FREITAG e LIMA, 2010, p. 22). Assim, quando encontramos um indivíduo que fala de maneira ‘diferente’, logo dizemos que ele tem ‘sotaque’ - que comumente é característico de uma determinada região ou localidade. A exemplo podemos citar o sotaque baiano ou ainda o carioca, que apresentam significativas diferenças na sua pronúncia.

Nesse sentido, o sotaque costuma ser associado a sua região de origem e a um perfil próprio daquele falante enquanto que o dialeto pode ser definido como a forma como uma dada língua é expressada em uma determinada região geográfica. Há alguns estudiosos que relacionam os sotaques aos dialetos, como se fossem equivalentes.

Por essa questão, faremos uma breve abordagem a respeito dos estudos dos dialetos e a disciplina de Dialetoлогия e suas contribuições para a Sociolinguística.

1.5.1 A Dialetoлогия e os estudos dos dialetos

Os estudos dos dialetos contribuíram para o surgimento, no século XX, de uma disciplina denominada de Dialetoлогия, considerada a precursora da Sociolinguística moderna. De acordo com Bagno (2007), a diferença existente entre as duas disciplinas é que a Dialetoлогия busca descrever os falares rurais isolados, que eram considerados “puros” e “autênticos”, sem a influência dos modismos da vida urbana. Enquanto que a Sociolinguística desconsidera essa visão mais tradicional da língua, investigando também as questões da língua nos ambientes sociais urbanos, do mundo contemporâneo.

Dessa maneira, os dialetos representam as peculiaridades de uma língua, ou seja, o modo característico da linguagem oral de uma comunidade, grupo ou localidade, conforme observa Martelotta:

Cada grupo social tem um comportamento que lhe é peculiar e isso vai manifestar também na maneira de falar de seus representantes: os cariocas não falam como os gaúchos ou como os mineiros e, do mesmo modo, indivíduos pertencentes a um grupo social menos favorecido têm características de fala distintas dos indivíduos de classes favorecidas. (MARTELOTTA, 2009, p.19 *apud* QUEIRÓZ, 2015, p. 23)

Partindo desse entendimento podemos observar que as manifestações e expressões típicas de uma região identificam e revelam características próprias de uma determinada comunidade de fala. A exemplo, podemos citar aqui a população que reside na região Nordeste em que apresenta uma pronúncia peculiar na fala em comparação ao linguajar de outras regiões do país (como o Sul, o Sudeste). Essa diferenciação contribui para a conceituação de uma diversidade de falares no Português do Brasil decorrente de diferentes culturas e diferentes variações lexicais presentes em uma mesma língua.

Portanto, ao longo de sua trajetória, a Dialectologia foi ganhando espaço no âmbito das pesquisas acerca dos falares regionais e dos dialetos. Contudo, ela foi alvo de severas críticas por parte de alguns linguistas estruturalistas bem como de sociolinguistas que detinham uma visão metodológica mais centrada nos estudos das variáveis sociais e suas influências no uso da língua. Foi assim que a Sociolinguística Variacionista, liderada por William Labov, fundamentada nas regras variáveis mantinha seu foco em uma visão mais social dos estudos linguísticos, passando a questionar as diretrizes presentes na Dialectologia, principalmente que no que se referia à dimensão geográfica na análise da fala (ISQUERDO e ROMANO, 2012).

Todavia, no entendimento de Cardoso (2002), a Dialectologia se pautava em:

A Dialectologia apresenta-se, no curso da história, como uma disciplina que assume por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Dois aspectos fundamentais estão, pois, na

sua gênese: o reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua reflete e o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas ou entre elas e a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades pré-fixados. (CARDOSO, 2002, p.1 *apud* ISQUERDO e ROMANO, 2012, p. 3).

Dessa forma, percebemos que a Dialetoлогия leva em consideração a língua em uso e as situações que envolvem a fala, e, por conseguinte também se interessa pelos estudos da língua de acordo com o seu contexto sociocultural e suas diferentes manifestações por meio de um dialeto que representa uma fonologia diferente daquela tida como padrão.

Nesse sentido, Câmara Júnior (1972) menciona que os dialetos referem-se as línguas regionais que apresentam entre si semelhanças de traços linguísticos associados a fatores extralinguísticos de ordem psíquica, social ou política. Já para a sociolinguística, dialeto quer dizer simplesmente, variação regional.

Contudo, podemos verificar, a partir das palavras proferidas por Callou (2003), a existência de uma interrelação entre os estudos linguísticos, provenientes da Dialetoлогия, com os da Sociolinguística no Brasil que,

Não se pode negar que o conhecimento sobre a realidade linguística brasileira teve início no âmbito da Dialetoлогия e atingiu o ápice com a Sociolinguística, mais especificamente, com a sociolinguística variacionista laboviana e os sofisticados métodos de análise estatística, um modelo de análise seguido em centenas de estudos na área. (CALLOU, 2003, p.33 *apud* ISQUERDO e ROMANO, 2012, p. 10)

Partindo da colocação da autora, é possível afirmar que os estudos a respeito da língua se iniciou a partir da Dialetoлогия, que posteriormente veio a se afirmar na Sociolinguística Variacionista. Ainda com relação à introdução dos estudos dialetológicos no Brasil, podemos destacar que ele ocorreu efetivamente com a publicação da obra *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral, ocorrida no ano de 1920. Contudo, alguns estudiosos afirmam que a primeira manifestação ocorreu muito antes, ainda no século XIX, por volta de 1826.

Assim, vemos que a Dialetoologia passou por algumas fases, iniciando no período que compreende de 1826 a 1920, caracterizado por estudos acerca do léxico e da elaboração de glossários e de dicionários. Em seu segundo momento, de 1920 a 1952, desenvolveram-se os trabalhos com enfoque nos glossários regionais; os estudos monográficos de caráter regional e da contribuição do elemento africano à língua, bem como algumas obras que abordavam questões mais abrangentes em relação às questões da língua portuguesa no Brasil, conforme mencionam Isquerdo e Romano (2012).

Os autores acima observam ainda que, diante da possibilidade de transformação, surge, a partir de 1996, um novo momento da Dialetoologia no Brasil que podemos considerar como a quarta fase dos estudos dialetológicos, em que ocorre a retomada do projeto de elaboração do Atlas Linguístico no Brasil – AliB e se propõe uma nova fase para os estudos dialetológicos no Brasil.

Assim, após tecermos breves considerações a respeito dos dialetos e da Dialetoologia, no tópico seguinte discorreremos a respeito da questão da norma culta e do preconceito linguístico que ainda se manifestam em nosso país em relação aos dialetos; aos sotaques e as variedades regionais.

1.6. A NORMA CULTA E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

A colonização teve grande influência na definição da norma-padrão no Brasil. Primeiramente com a cultura da cana-de-açúcar produzida no Nordeste que contribuiu para que essa região se tornasse o centro político, cultural e administrativo durante o período em que a capital do país era Salvador. Posteriormente, com a mudança da capital para o Estado do Rio de Janeiro, este passou a ser o mais importante nos aspectos político, econômico e cultural. São Paulo e Minas também se destacaram economicamente em decorrência do crescimento da industrialização, o que influenciou para que o português falado nessas regiões predominasse sobre os demais. Assim, o

português falado em outras regiões passou a ser considerado “diferente”, “incorreto” e até “engraçado”.¹

Há muito que a língua vem sendo instrumentalizada pelo Estado como um mecanismo de controle social. Como exemplo, citamos a crença do português como língua homogênea da população brasileira que contribuiu para o extermínio de muitos povos indígenas e fez desaparecer centenas de línguas. Durante boa parte do período colonial predominou a chamada “língua geral”, baseada no tupi antigo, empregada para catequizar os índios, trazendo consigo uma ideologia linguística que prevaleceu ao longo do tempo e se instalou na sociedade brasileira.

Entretanto, ao mesmo tempo em que as classes dominantes obrigavam uso da língua padrão por todos, não permitiam às classes dominadas o acesso a ela. Isso porque precisavam manter o controle social e o faziam por meio do controle da língua. Assim, as classes dominadas reconheciam a língua como legítima mas não a conheciam de fato, ou seja, sabiam que existia uma maneira diferente de falar mas não permitiam o acesso a ela.

Contudo, a hegemonia da língua portuguesa não se deu apenas por fatores linguísticos, mas também por fatores históricos e políticos. A normatização do português falado no Brasil, denominada como “padrão” se deu, efetivamente, a partir dos últimos dois séculos quando a língua passou a ter um certo prestígio e a representar uma “norma” que estabelecia o correto falar e escrever no português. Tal fato favoreceu muito mais os gramáticos do que a sociedade em geral uma vez que não condiz com a realidade brasileira.

Nota-se que a norma culta traz certas formalidades que abrangem prioritariamente a linguagem escrita não se aplicando efetivamente a linguagem oral. Em relação ao assunto, Faraco (2002) ressalta que:

A expressão norma culta deve ser entendida como designando a norma linguística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade), por aqueles grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita, em especial por aquela legitimada

¹ Preconceito que cala, língua que discrimina. Disponível em: www.brasildefato.com.br/node/5396/

historicamente pelos grupos que controlam o poder social (FARACO, 2002, p. 40 *apud* FREITAG e LIMA, 2010, p. 10).

Do ponto de vista linguístico, podemos afirmar que a imposição de uma determinada língua como padrão, acaba promovendo um certo preconceito linguístico nas comunidades de menor prestígio social. Essas diferenças que ocorrem na língua brasileira muitas vezes não representam a realidade de seus falantes, principalmente em relação àqueles que utilizam uma linguagem mais regional.

Partindo desse entendimento, Bagno (2015) menciona a existência do preconceito na fala de determinadas classes sociais menos favorecidas e ainda no falar característico de determinadas regiões do país. E complementa relatando que cria-se um padrão linguístico muito distante da realidade vivida pela língua e a partir dessa divergência, entre a maneira de falar e a língua padronizada, surgem os conflitos linguísticos.

A respeito dessa questão Silva (2009) menciona que:

A mudança que se processa no comportamento linguístico de falantes com pronúncia regional, submetidos a um meio onde entram em contato pronúncias diversas e esta diversidade de pronúncias em todo Brasil é resultado de um grande fluxo migratório entre os estados, notadamente dos estados do Nordeste. Um bom exemplo é a migração para o Distrito Federal. Uma realidade que se verifica a cada dia e traz consigo um conjunto de fatores sociais e entre os quais, a diversidade linguística. (SILVA, 2009, p. 35)

Uma variedade padrão ou norma culta está sempre relacionada ao uso que se faz da língua por grupos de maior prestígio cultural, político ou econômico, enquanto que uma variedade ou língua não padrão está associada a situações cotidianas de uso, ou seja, pelo seu uso em uma linguagem mais regional, pelo emprego de gírias e neologismos.

Como nos lembra Bagno (2003), o preconceito linguístico se constitui a partir da não aceitação da variação linguística presente na fala do outro. Na sua concepção, os chamados erros gramaticais não existem nas línguas naturais, salvo nos casos da presença de patologias de ordem cognitiva.

Portanto, o que a norma padrão considera como “erro” na fala ou na escrita, a Sociolinguística entende como sendo apenas uma “adequação ou inadequação” que vai depender de quem é o falante e do contexto em que a fala é proferida, conforme observa Bortoni-Ricardo (2004). A referida autora acrescenta que “estamos colocando a expressão “erros de português” entre aspas, porque a consideramos inadequada e preconceituosa. Erros de português são simplesmente diferenças entre variedades da língua.”(op. cit. p. 37)

Partindo desse entendimento, não há de se falar em erro na língua falada, apenas podemos dizer que houve uma transgressão nas regras da norma culta e que o discurso proferido utiliza uma variedade linguística diferente daquela considerada como 'padrão'.

Em relação ao preconceito que envolve a linguagem, Monteiro (2008) observa:

Um dos preconceitos mais fortes numa sociedade de classes é o que se instaura nos usos da linguagem. Se o falante é um camponês ou mora numa favela, se é analfabeto ou de baixo nível de escolaridade, é lógico que sua maneira de falar não será a mesma que a das pessoas que se situam no ápice da pirâmide social. Em todos os níveis linguísticos se manifesta essa distância: na fonologia, no léxico, na sintaxe. Ele provavelmente usará formas como vrido, pranta, expilicar e musga ou construções do tipo nós veve, ele viu eu, eu se danei etc. E, com isso, é mais discriminado ainda pela sociedade.(MONTEIRO, 2008, p.65 *apud* ARAÚJO, QUEIRÓZ e BUENO, 2012, p.7)

Observamos, nesse caso, que o preconceito em relação ao uso da língua se manifesta a partir da situação geográfica e/ou escolaridade em que o falante se encontra inserido, surgindo as diferenças na maneira de falar e na pronúncia de certas expressões, seja em decorrência de divergências no léxico, na fonologia, dentre outros. Como no exemplo citado por Monteiro (2008), o falante menos estigmatizado construirá formas próprias de pronunciar certas palavras, que sejam mais adequadas ao seu contexto regional. Assim, como no vocábulo 'vrido', 'pranta' e nos termos 'nos veve', 'ele viu eu', tais formas referem-se a situações que podem ser observadas na linguagem do peão pantaneiro, objeto de estudo desta pesquisa, conforme observaremos na metodologia deste estudo.

Outra questão refere-se ao falar que é ensinado nas escolas, ou seja, a norma padrão culta que, ao compararmos com a fala regional de um indivíduo de origem rural ou regional este se vê distante dessa realidade linguística. Muitas vezes ocorrem situações em o falante que não domina a variedade padrão passa a formar o pensamento de que o seu modo de falar é diferente dos demais, idealizando que sua fala é 'errada.' Portanto, esse pré-conceito em relação as variedades da língua já surge na fase escolar em que o sistema impõe aos alunos a forma 'correta' de se falar.

Assim, esse preconceito do ensino na escola associada a padronização da língua, é abordado por Bagno (1999, p.40):

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada”, feia, estropiada, rudimentar, deficiente, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português.

Ante a essa citação, destacamos a importância de se combater o preconceito linguístico partindo de práticas individuais onde cada cidadão deve ser conscientizado a entender que falar diferente ou inadequado aos padrões linguísticos cultos são conceitos que foram introduzidos pela sociedade e que tem gerado certa exclusão social e falta de oportunidade para muitas pessoas. Portanto, se faz necessário ser identificado e combatido esse preconceito em relação às diferentes formas de falar. Nesse sentido, entendemos que primeiramente é necessário acabar com esse preconceito por meio de ações efetivas que promovam uma mudança de atitude nos indivíduos e na sociedade e se transformem em ações práticas que gerem mudanças efetivas na maneira de pensar e de agir diante desse assunto.

A questão ganha ainda mais densidade quando nos referimos a outro tipo de preconceito na questão da língua, aquele decorrente da falta de conhecimento por parte da sociedade em relação existência das variações linguísticas. Em um país com uma pluralidade de culturas e uma variedade de dialetos, sotaques e falares, entendemos

que não deveria existir um valor social atribuído aos modos de falar, mas sim o respeito a essas diferenças.

É essa possibilidade de aceitação de mudanças que deve permear a conduta dos indivíduos em uma sociedade culturalmente estabelecida. E, ao discorrermos a questão do preconceito linguístico, buscamos demonstrar nessa pesquisa que a Língua Portuguesa falada no Brasil apresenta diferentes variações lexicais e variedades dialetais e que existe um preconceito linguístico ante ao valor social atribuído a 'norma culta' da língua em detrimento aos diferentes modos de falar.

Diante da alteridade e a complexidade de relação existente entre sujeito, linguagem e identidade, consideramos relevante fazer uma breve abordagem a respeito dos neologismos por se tratar de um termo que está relacionado com o linguajar que também está presente em alguns discursos do homem pantaneiro.

1.7 NEOLOGISMOS

O Neologismo pode ser compreendido como um processo de criação de uma nova palavra na língua devido à necessidade de designar novos objetos ou novos conceitos ligados às diversas áreas: tecnologia, arte, economia, esportes, etc. Um neologismo é criado por meio de processos diversos como: justaposição, aglutinação, prefixação, sufixação, abreviação, importação de vocábulos existentes em uma outra língua ou ainda através de um novo sentido dado a uma palavra já existente.². Os neologismos refletem também os contextos socioculturais e as relações entre as estruturas sociais, fato que os torna uma herança dos acontecimentos históricos, políticos e sociais de uma dada época.

Nesse aspecto, Araújo (2018) nos apresenta a seguinte definição de Neologismo:

é um fenômeno linguístico que consiste na criação de uma palavra ou expressão nova, ou na atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente. É uma nova palavra criada na língua, e geralmente surge quando o indivíduo quer se expressar, mas não encontra a palavra ideal.

² Significado de Neologismo. Texto extraído do endereço: www.significados.com.br/neologismo/

Como o falante nativo tem total domínio dos processos de formação de palavras, pois tem a língua internalizada, para ele é fácil criar uma nova palavra sem nem mesmo se dar conta de que está utilizando um dos processos existentes na língua como a prefixação, a sufixação, a aglutinação ou a justaposição (ARAÚJO, 2018).

Do ponto de vista teórico, podemos entender que as línguas são internalizadas nos indivíduos e apresentam em seu acervo lexical as características e os aspectos históricos e sociais de seus falantes que dela apropriam dela para formalizar o processo de comunicação. Assim, os neologismos surgem a partir das características dos falantes nativos, possibilitando que a língua permaneça viva e dinâmica, sofrendo modificações e adequações sempre que necessário. Então, com o passar do tempo o repertório linguístico vai se ampliando a medida que novas palavras e expressões vão sendo criadas.

Considerando tais aspectos, Alves (1990, p. 5) afirma que “o acervo lexical de todas as línguas vivas se renova”. Isso significa que, com o decorrer do tempo algumas palavras deixam de ser utilizadas ou passaram a ser proferidas com pouca frequência (geralmente por pessoas mais idosas ou por um grupo restrito de falantes). Em contrapartida, constantemente muitas outras palavras são criadas pelos falantes e novos termos ou expressões ganham vida dentro de uma comunidade linguística, o que vem a reforçar o entendimento de que a língua é dinâmica e viva.

Ainda segundo a autora, o surgimento de novos itens lexicais decorre do fato de que a língua é um patrimônio de uma comunidade linguística, sendo permitido a todos os seus falantes o direito de criatividade lexical. Assim, o processo de criação de novas unidades léxicas é denominado por Alves (1990) de *neologia*, enquanto que a nova palavra resultante, é chamada de *neologismo*.

Partindo desse princípio, podemos entender que quando criamos um neologismo não estamos de forma violando o sistema linguístico mas fazendo uso de novas estruturas da língua para construir uma nova palavra. Cabe destacar que neologismo é um termo de tem sua origem essencialmente popular pois é criado pelos próprios falantes em conversas informais, de maneira muitas vezes espontânea e não

intencional, onde podemos citar, a exemplo, a criação de novas palavras e expressões no mundo da internet que tem ocorrido com bastante frequência. Isso porque faz parte de toda língua viva o surgimento de novas palavras; palavras essas que com o tempo acabam sendo adicionadas ao dicionário da língua portuguesa e passam a compor seu quadro lexical.

Ainda de acordo com o Melo (2018), o neologismo é um fenômeno linguístico que consiste na criação de uma nova palavra ou expressão, ou até mesmo na atribuição de um novo sentido a uma palavra que já existe. A criação de uma palavra ou expressão geralmente acontece quando uma pessoa quer se expressar, mas não consegue encontrar a palavra ideal. Ainda segundo ela, como um falante nativo, possuímos um domínio total dos processos de formação das palavras, pois temos a língua internalizada, o que faz com que fique fácil criar uma nova palavra até mesmo sem perceber que está usando um dos processos que existem na nossa língua como a prefixação, a sufixação, a aglutinação ou a justaposição.

1.7.1 Classificação dos neologismos

De acordo com Melo (2018), há vários tipos de classificações do neologismo, entre eles temos:

1. Neologismo semântico – que é quando a palavra já existe, mas ganha um novo significado. Exemplo: Eu disse que aquilo daria zebra. (daria errado).
2. Neologismo lexical – é quando uma nova palavra é criada, com um novo conceito. Exemplo: deletar (apagar, eliminar)
3. Neologismo sintático – é quando existe a combinação de elementos já existentes na língua como a derivação ou a composição. Exemplo: João Paulo II reinventa a Igreja papalizando com êxito.

No caso da presente pesquisa, entendemos que o 'neologismo sintático' é o que mais se aproxima do tema abordado por esta pesquisa que busca analisar os termos existentes no vocabulário dos peões da comunidade pantaneira. Podemos citar ainda o neologismo de origem popular que são aqueles criados pelos próprios falantes nas conversas espontâneas do dia a dia.

Nesse sentido, o neologismo passa a ser parte do léxico da língua quando é dicionarizado e admitido na linguagem padrão, o que ocorre com certa e frequência uma vez a língua é que deve se adaptar ao uso de uma comunidade linguística, e não o contrário. Por isso, muitas palavras que pertenciam ao léxico da língua hoje são consideradas arcaicas, pois deixaram de ser utilizadas. Portanto, os neologismos permanecem na língua porque é viva e passível de mudanças, conforme conclui Araújo (2018).

Tomando por base o quesito neologismo que refere-se a criação de novas palavras que não constam da gramática normativa, julgamos oportuno fazer uma breve abordagem das expressões e palavras que fazem parte do *Dicionário Pantanêres* que objetiva manter viva e resgatar a cultura do homem pantaneiro da região do Pantanal de Corumbá por meio da preservação da sua oralidade. O referido dicionário reúne 120 palavras e está disponível para consulta no endereço https://issuu.com/leandrofernandes/docs/dicionario_virtual_pantaneres.

Você se considera uma pessoa esgualpada ou ururenta? Esses termos integram o *Dicionário Pantanêres* elaborado em 2014 pelo sul-mato-grossense, residente no município de Corumbá, Leonardo Arantes Fernandes. Leandro menciona que, após observar que palavras e expressões da região de Pantanal de Corumbá estão se perdendo no tempo decidiu criar um dicionário com as expressões típicas da comunidade pantaneira.

Em sua introdução, o dicionário menciona que: “este dicionário dirige-se ao público em geral em especial aos turistas que visitam a região do pantanal, e assim se coloca como um ponto de apoio para conhecimento dos verbetes falados na região

pantaneira.” Ainda o autor complementa que “para atingir os objetivos, estimulou-se a pesquisa sociolinguística e o resgate cultural do povo pantaneiro.” Percebe-se que a elaboração desse trabalho veio para contribuir para a preservação da língua e da cultura da comunidade daquela região.

Apresentamos a seguir alguns termos que compõem o referido dicionário (Fernandes, 2014):

Ansi = expressão para dizer ‘assim’
Bamburro = mato fechado
Boi banana = boi com chifre torcido
Carrear = boi puxando algo
Emborcar = afundar a cano ou barco
Esgualepado = pessoa mal arrumada
Lameiro = muita lama; muito barro

Portanto, sendo um dos objetivos dessa pesquisa a Análise dos aspectos (sócio)linguísticos na fala do homem pantaneiro utilizada no seu contexto social, o dicionário nos apresenta algumas expressões utilizadas pelo peão pantaneiro e que integra essa cultura peculiar.

Finalizando o capítulo I, no qual abordamos a fundamentação teórica que embasa a presente pesquisa, passaremos a dissertar o capítulo II em que apresentaremos o objeto de estudo, ou seja, o Pantanal e o pantaneiro, onde traremos algumas descrições do cenário pantaneiro com suas dimensões; seus habitantes, bem como outras informações que julgamos relevantes e oportunas mencionar. Para um melhor conhecimento da fauna e da flora que compõem essa região, apresentamos imagens ilustrativas (fotos) desse cenário de beleza e natureza exuberantes.

CAPÍTULO II – CONTEXTO E SUJEITO DA PESQUISA: O PANTANAL E O PANTANEIRO

Este capítulo destina-se a apresentação das informações inerentes ao sujeito e ao contexto da pesquisa, ou seja, o homem pantaneiro e o Pantanal, respectivamente, os quais formam elementos que julgamos essenciais para subsidiar este estudo e, para que se possamos ter um melhor entendimento e conhecimento a respeito dos eventos e situações que envolvem o universo pantaneiro e suas peculiaridades.

Inicialmente trazemos uma breve descrição do Pantanal e suas dimensões, para melhor situar o leitor. A seguir discorreremos a respeito do homem pantaneiro, os hábitos e costumes que compõem sua cultura e sua identidade.

2.1 DESCRIÇÃO PANORÂMICA DO PANTANAL

O Pantanal é a maior planície alagável do mundo, ocupando parte dos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, estendendo-se ainda pela Bolívia e Paraguai. Os primeiros habitantes da região pantaneira, assim como em todo Brasil, foram os povos indígenas: Guaranis, Xarayés, Guanás, Guatós, Payaguás, Guaikurús, entre outros.

Mas essa região, hoje conhecida como Pantanal, já teve outra denominação, recebeu o nome de *Xarayes* pelos espanhóis devido a uma nação indígena da região ter esse nome, conforme menciona Pinto (2006, p. 33). Existe ainda uma lenda a respeito do Mar de Xaraés, que batizou esta região. Estudos científicos levaram a deduzir que, há milhões de anos, a região era o suposto Mar Platino que com o tempo foi se estreitando até se reduzir a forma de uma “lagoa”, dando origem ao lugar inundável (figura 1) nominado de Mar de Xaraés (SIGRIST, 2000, p. 36 *apud* Gonçalves, 2016, p. 38).

Atraído pela presença de pedras e metais preciosos, em 1524 o português Aleixo Garcia foi o primeiro a visitar o território navegando pelo rio Paraguai e atingindo a região onde hoje está a cidade de Corumbá. Com o passar do tempo o aumento de exploradores e colonizadores ameaçou os nativos que tiveram suas terras invadidas e boa parte das tribos dizimadas pelos bandeirantes. Posteriormente, a região foi povoada por paulistas para exploração da atividade pastoril e da reconstrução fundiária.

De acordo o site da Embrapa Pantanal (2018), a região do pantanal é uma das maiores extensões úmidas contínuas do planeta e está localizado no centro da América do Sul, na bacia hidrográfica do Alto Paraguai. Sua área é de 138.183 km², com 65% de seu território no estado de Mato Grosso do Sul e 35% no Mato Grosso.

Em relação a sua dimensão, Nogueira (2002) destaca que os limites do Pantanal são demarcados por estimativa dos estudiosos, ficando a mercê destes conceituar esse sistema ecológico. Conforme versa o poeta e ex-pantaneiro Manoel de Barros “no Pantanal não se pode passar a régua, sobremuito quando chove. Régua é existidura de limites: E o Pantanal não tem limites.” (MORETTINI et. al, 2012, p. 5).



Figura 1 – Pantanal alagado (Fonte: Barros, 2011)

Ainda segundo a Embrapa Pantanal, a região é uma planície aluvial afetada por rios que drenam a bacia do Alto Paraguai, onde se desenvolvem fauna e flora de rara beleza e abundância, sendo influenciada por quatro outros grandes biomas: Amazônia, Cerrado, Chaco e Mata Atlântica (figura 2).

O clima é quente e úmido no verão, frio e seco no inverno. A maior parte dos solos do Pantanal é arenosa e suporta pastagens nativas, que servem de alimento para herbívoros da região e para o gado bovino, introduzido pelos colonizadores da área.

Os ciclos de secas e cheias na região são o que diferencia o bioma pantaneiro. A flora, fauna e os recursos hidrográficos são de uma grandeza incomparável no Pantanal sul-mato-grossense.

O Pantanal não é apenas um. Estudos efetuados pela Embrapa Pantanal identificam 11 (onze) pantanais, cada um com características próprias de solo, vegetação e clima: Cáceres, Poconé, Barão de Melgaço, Paraguai, Paiaguás, Nhecolândia, Abobral, Aquidauana, Miranda, Nabileque e Porto Murtinho. (EMBRAPA PANTANAL, 2018).

Segundo Nogueira (1990, p. 21), o Pantanal apresenta dois aspectos importantes para a sua caracterização: o isolamento em relação às grandes metrópoles do país e a proximidade com dois países latinos, com os quais, tem convivido intensamente.



Figura 2 – Biomas do Pantanal (Fonte: Barros, 2011)

Tomando por base a figura 1, notamos que o Pantanal caracteriza-se pela sua complexidade hidrográfica composta por rios, salinas baías, corixos³ e vazantes. Todo o Pantanal está inserido nessa Bacia e tem o Paraguai como o mais importante dos rios. Esses rios e outros menores como o Nabileque, o Apa e o rio Negro, compõem a trama hidrográfica do complexo pantaneiro e desempenham um papel de fundamental importância para a região.

Nesse contexto podemos entender que os rios formam o Pantanal. A região é privilegiada com um farto manancial híbrido composta de diversos rios, dentro estes o mais importante é o rio Paraguai. A respeito dos rios pantaneiros Proença (1997) menciona que:

Os rios descem do planalto para influenciar a vida na planície, seja ela animal ou vegetal. São responsáveis por tudo o que acontece de ruim e de bom e, além do mais, estabelecem normas e se fazem respeitar por

³ é um termo usado em Hidrografia que significa um canal que liga as águas de lagoas, baías, alagados, etc. com os rios próximos, ou seja, é um pequeno rio que se forma em épocas de chuvas que vem desaguar em outro rio maior.

suas manias e zangas. Quando cheios não são nada comportados: mudam constantemente de curso, abrem bocas, derrubam pontes, devastam plantações ribeirinhas, entopem vazantes e baías, carregam entulhos, inundam sedes de fazendas, cobrem campos de aviação e matam animais.(PROENÇA, 1997, p. 17)

Cabe destacar que o Pantanal é um patrimônio cultural e ambiental, reconhecido pela Constituição Federal (art. 225) como um 'Patrimônio Nacional', se tornando um dos pontos turísticos mais importantes para o turismo ambiental do país. Sua história é retratada no Museu da História do Pantanal, localizado no município de Corumbá – MS, inaugurado em 1960.

O Pantanal é simbolizado pela maior ave voadora da planície pantaneira, o Tuiuiú (figura 3).



Figura 3 - Tuiuiú: ave símbolo do Pantanal
(Disponível em: <https://academiapantaneira.webnode.com/simbolos-do-pantanal/>)

Assim, por suas características, sua importância e suas belezas naturais, a região do Pantanal foi reconhecida pela UNESCO, no ano 2000, como Reserva da Biosfera, conforme informação da Embrapa Pantanal, sendo considerada uma das reservas naturais mais exuberantes e diversificadas da Terra.

Para complementar esse universo ecológico não podemos deixar de mencionar seu habitante mais ilustre, o homem pantaneiro. Assim, buscando entender melhor o processo de constituição desse sujeito, apresentaremos no tópico seguinte uma

abordagem histórico-cultural, a partir da representação da sua cultura, expressa por meio de seus hábitos e costumes.

2.2 HOMEM PANTANEIRO: HÁBITOS E COSTUMES

“Afinal, quem é esse sujeito expresso nas diferentes manifestações regionais?”

Partindo da indagação acima apresentada por Morettini e Urt, 2010, p. 7, iniciamos nossa abordagem a respeito do homem pantaneiro e seu universo retratado a partir de suas tradições e costumes expressos no tipo de atividade laboral desenvolvida por ele, na sua vestimenta, na sua maneira de se expressar, dentre outros fatores que revelam a singularidade e a simplicidade desse indivíduo, em um ambiente de beleza e exuberância única que é o Pantanal.

Para Nogueira (1990 p. 25) “o Pantanal e o pantaneiro são duas realidades diferentes que se fundem numa realidade antropogeográfica única”. A pesquisadora ressalta a importância desse indivíduo para todo o conjunto elementos que constituem essa região, e observa que:

Pantanal é um sistema ecológico que não se completa apenas com o conjunto de uma avifauna e de uma flora variadíssimas. Muito mais importante é o homem que nele vive tanto na condição de dono da terra, quanto na de vaqueiro, empreiteiro, bagualeiro⁴, garimpeiro, balseiro, pescador, etc.(NOGUEIRA, 1990, p.12)

Diante dessa afirmação, temos então esse sujeito capaz de interferir no ecossistema de forma direta ou indireta, que aprender a conviver com a natureza e a interpretá-la buscando sua preservação. Muitas vezes com sua espora, a sela e o cavalo – que é o principal instrumento de trabalho desse peão -, esse sujeito é retratado por músicos; poetas; escritores e pintores que buscam expressar por meio de sua arte a vida desse habitante do Pantanal. Portanto:

⁴ Indivíduo que procura o gado bagual, para trazê-lo ao mangueiro e amansá-lo.(NOGUEIRA, 2002)

O Pantanal não seria o que é sem o homem que o habita, o homem que faz a história do Pantanal e sua própria história.[...] Por isso falar de pantanal e não se referir ao homem pantaneiro seria como, ao se falar sobre um rio, esquecer-se de mencionar suas águas.(NOGUEIRA, 1990, p. 59)

Assim, o homem pantaneiro é aquele que sabe relacionar-se com a natureza de maneira íntima, criando uma sintonia entre ambos. É aquele que há muito habita o Pantanal e que aprendeu a conviver nesse universo bastante inundado e úmido e que está sempre integrado a esse contexto de maneira harmoniosa.

Ao reportamos a essa figura tão peculiar, não podemos deixar de destacar a descrição do homem pantaneiro apresentada por Pinto (2006):

O homem pantaneiro, que há muitos anos habita o Pantanal, aprendeu a viver com um mundo inundado, úmido ou seco. É um homem simples, calmo, acostumado à solidão e ao isolamento, mas não deixa de lado a solidariedade: está sempre pronto a receber, a informar, a servir de guia, a explicar sobre animais e água e a contar seus causos. É antes de tudo um forte que, atuando em uma área cheia de adversidades, está integrado a esse contexto. Com seu chapéu de palhas de abas largas na cabeça (o de feltro não é apropriado para as altas temperaturas do verão pantaneiro), calças jeans surradas e a camisa ou camiseta de mangas curtas e facão no cinturão, trabalha com o gado, sempre montado com seu cavalo. Conhecedor da região, o pantaneiro sabe os perigos que enfrenta, mas sabe respeitar esse espaço e preservá-lo.(PINTO, 2006, p. 41)

Partilhando da definição apresentada, temos o entendimento de que o Pantanal e o pantaneiro possuem uma intrínseca relação de afinidade e de respeito, havendo uma integração entre ambos em uma relação onde um necessita do outro para sobreviver. Assim, podemos definir o homem pantaneiro como aquele indivíduo que está vinculado principalmente às atividades da pecuária, que são predominantes na região do Pantanal. Ainda podemos representá-lo como um sujeito simples e hospitaleiro, sempre disponível compartilhar seu modesto conhecimento da região.

Nesse mesmo entendimento, Morettini e Urt (2010) definem o homem pantaneiro como sendo “aquele que habita no Pantanal, reside e ali trabalha ou já deixou o espaço, mas, mantém vínculos afetivos e econômicos com o lugar”(op. cit. p. 8). São sujeitos que reproduzem sua cultura por meio de sua experiência de vida e por seus traços

singulares. Homem simples, calmo, acostumado à solidão e ao isolamento. Com seu chapéu de palha de abas largas; calças jeans surradas e facão na cintura, trabalha com o gado, sempre montado em seu cavalo (figura 4 e 5). Ainda segundo as autoras, “trata-se de um homem que é universal, pois, é como todos os homens, mas também é singular em razão da forma como organiza e produz sua existência, nesse caso no Pantanal.”



Figura 4 - homem pantaneiro e com seus instrumentos de trabalho (Fonte: Barros, 2011)

Já Gonçalves, Wenceslau e Garcia (2009, p.3) descrevem o homem pantaneiro como sendo “o indivíduo natural do Pantanal ou aquele que, mesmo não tendo nascido lá, assimilou a vivência daquele nativo, compartilhando dos hábitos e dos costumes típicos da região” e interagindo com o meio ambiente na sua forma de bem viver. E mencionam que para entender a simplicidade desse pantaneiro bem como a formação de sua cultura, é necessário apoiar-se na rusticidade e nas peculiaridades que formam aquela região.

Acrescentando às ideias dessa vivência, a poesia “*O Pantanal*” escrita por Otávio Antônio Pedriali (2016)⁵ retrata a figura do Pantanal e de seus ilustres e hospitaleiros habitantes, como podemos verificar no trecho abaixo.

“...Nos campos vivem o gado
Que foge das enchentes.
Há lugares isolados
Onde nunca chegou gente.

Os moradores pantaneiros
Trabalham com as boiadas.
É povo bom e hospedeiro
Que atende até de madrugada.”

Assim sendo, podemos descrever o pantaneiro como aquele indivíduo que apresenta características próprias que contribuem na definição de sua cultura e de sua identidade. Sendo ainda um sábio conhecedor da natureza que o cerca, podendo ser considerado um botânico; um geógrafo; um verdadeiro conhecedor da natureza local (LEITE, 2003). Ao transitarmos pelo universo pantaneiro temos a sensação de adentrar em um ambiente cercado por elementos únicos, em uma linguagem peculiar que constitui a identidade cultural dos seus personagens.

⁵ Disponível em: <http://escolageo.blogspot.com/2016/12/ensino-de-geografia-atraves-da.html>

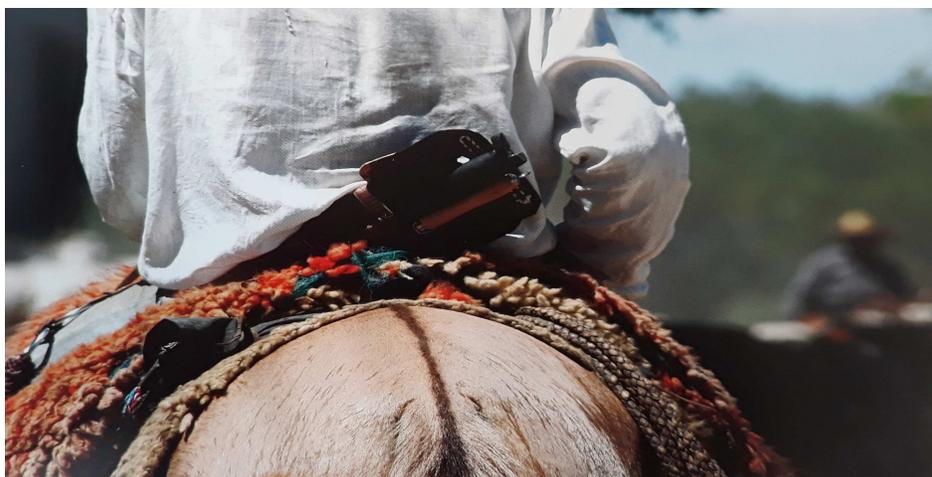


Figura 5 - vaqueiro ou peão pantaneiro (Fonte: Barros, 2011)

Destacamos aqui a figura do peão pantaneiro ou vaqueiro, que desempenha as funções de lida com o gado, gerente ou capataz de fazenda; peão ou vaqueiro e transita pelas áreas inundadas do Pantanal com sua vestimenta típica, ou seja, chapéu e botina. Sua rotina está relacionada diretamente à natureza do trabalho que é exercido constantemente no lombo de um cavalo e exige que se levante ainda quando o dia nem clareou e inicie os procedimentos para o dia de trabalho, como ele próprio diz: arreia sua montaria; come seu *quebra-torto* (arroz-carreteiro); ajeita sua matula e o tereré (ou mate-frio), que leva em seu *sapiquá*⁶ juntamente com a *guampa*⁷, a bomba e a erva-mate, para tomar antes do almoço e no meio da tarde, conforme menciona Pinto (2006).

Nesse mesmo entendimento, Dorsa (2006, p. 146) argumenta que:

as características do peão boiadeiro se fazem presentes na lida pantaneira, nas indumentárias, em seu lazer, nos hábitos, crenças e valores que trazem uma somatória das influências diversas que receberam os sul-mato-grossenses pantaneiros.

Segundo a autora, a expressão 'peão' é designada como “<homem que se ajusta para o serviço do campo; serviçal de estância; amançador de animais de sela>”, em termos dicionários. Já no sentido cultural da tradição pantaneira, “sintetiza a crença local

⁶ saco grosseiro de viajantes; picuá. Conforme Dicionário Eletrônico Houaiss, 2001.

⁷ chifre talhado em forma de copo ou vasilha para líquidos; guampo. Conforme. Dicionário Eletrônico Houaiss, 2001.

do homem que povoa o Pantanal Sul.”(Dorsa, p. 147). Nesse sentido, podemos observar as semelhanças nas definições e características apresentadas por Pinto (2006) e Dorsa (2006) ao descreverem a figura do peão pantaneiro como sendo aquele sujeito que habita nas terras do Pantanal e que executa a lida do gado.

Ainda de acordo com Dorsa (2006), a expressão “lida” é apresentada em dicionários como 'luta, trabalho'; já na linguagem pantaneira, representa “um conjunto de ações de vida de um peão.”

Diante disso, discorreremos a seguir a respeito do trabalho de cuidar do gado no Pantanal realizado por meio das chamadas 'comitivas', por entendermos se tratar de uma atividade essencialmente pantaneira até os dias de hoje.

2.2.1. As comitivas de gado

Nome que se refere a um conjunto de trabalhadores que acompanham o gado, quando este necessita ser transferido de um lugar para o outro em uma travessia feita a pé. Uma comitiva geralmente é composta pelo cozinheiro; os cargueiros – burros que carregam a carga; os peões – que tocam a boiada; o ponteiro – que vaia frente da comitiva tocando o berrante e é um conhecedor dos caminhos; os fiadores – que ficam um de cada lado da boiada e não cuidam para que ela não se espalhe; os meeiros – que ajudam a empurrar o gado; o culatreiro - é o indivíduo que vai atrás da boiada e cuida para que nenhuma rês se perca pelo caminho. Uma comitiva percorre, em média, 16 km por dia. Cada dia completado de percurso é denominado de ‘marcha’ (MORETTINI, 2010, p. 51).

Durante as comitivas, o peão enfrenta a seca, a cheia, a condução e cuidado com os animais. Na condução da boiada, o momento mais delicado é a travessia do gado nos rios. Os diversos obstáculos enfrentados pela comitiva durante seu trajeto, servem para demonstrar as habilidades do condutor e da comitiva.

O peão pantaneiro tem o hábito de dormir em redes, muitas vezes amarradas nos galpões ou há lugares cobertos para o pouso, pernoitam ao ar livre com as redes amar-

radas em árvores. Leite (2003), nos apresenta no trecho a seguir alguns trabalhos inerentes aos membros de uma comitiva:

o homem pantaneiro tem sua maneira de trabalhar e pelo seu isolamento geográfico, desenvolveu seu modo de lida campeira. Este ser humano desenvolve diferentes atividades no Pantanal e tem diferentes nomes a partir destas. Peão pantaneiro é o nome dado ao homem que cuida do gado e da sua fazenda. E existem algumas diferenças no que diz respeito às suas obrigações diárias. São divididos em condutor de boiada, peão-campeiro e peão-de-boiadeiro. O condutor de boiada é aquele que vai à frente da comitiva, possui um conhecimento empírico sobre a região que será transitada, conhece todas as técnicas para uma boa condução do gado. (LEITE, 2003 *apud* GONÇAVES, 2016, p. 46)

Ainda com relação a condução do gado no Pantanal, apresentamos outra descrição desse trabalho realizado por meio de comitiva. Agora na exposição de Morettini e Urt (2010), vejamos:

Na frente desse mar de cabeça de reses seguia o ponteiro ou guieiro, ou seja, o vaqueiro que vinha na frente, tomando o rumo a seguir e, que, com seu berrante feito de vários chifres de vacas emendados, chamava a boiada para segui-lo. Ao lado do ponteiro seguiam mais dois peões, os cabeceiras ou fiadores, cada um de um lado do guieiro. Nas laterais da vaquejada, ajudando para que nenhuma rês se desgarrasse do lote seguiam os meeiros que com seu reador (fio de couro e corrente usado para a condução do gado) ou piraim, obrigavam o gado a obedecer o comando e seguiam viagem sem se esparramar pela campina. (BARROS, 2004, p. 9 *apud* MORETTINI e URT, 2010, p. 46)

No trecho acima as autoras narram o trabalho de uma comitiva de gado (figura 3) e nos permite ter uma noção detalhada dessa atividade realizada pelo homem pantaneiro nas fazendas da região do Pantanal. É possível, ainda, verificar a complexidade dessa tarefa, bem como a habilidade que ela requer daqueles que realizam tal função. Assim, é nesse ambiente que o peão pantaneiro se constitui enquanto sujeito de suas ações em meio a um contexto social que se revela próprio daquela região.



Figura 6 – comitiva de gado (Fonte: Barros, 2011)

No Pantanal o termo vaqueiro não se refere apenas a uma definição profissional, mas pode ser também uma qualificação adjetiva: “ele era um patrão muito vaqueiro”. Tal fato se justifica em decorrência da própria lida campeira e seu aspecto alegre e competitivo onde o laço e o cavalo são os instrumentos de luta do vaqueiro. A destreza, a coragem e a habilidade no lombo do cavalo são muito mais importantes do que a própria força. (MORETTINI, et al., 2012)

Outra peculiaridade do pantaneiro é o seu conhecimento no uso das plantas. Longe dos médicos e das farmácias, o pantaneiro tem as suas receitas medicinais para curar as doenças, as machucaduras e os ferimentos causados pelo ataque dos animais selvagens. Conforme observa Nogueira:

[...] a natureza, como dizem os peões, é uma clínica. Quase todas as ervas e plantas, tanto as caseiras, quanto às nativas, são um “*santo remédio*” e, às vezes, transformam-se em coisas sagradas, tal é a crença no poder de cura, através de remédios extraídos não só delas, como também da *graxa* de bichos como peixes, sucuri, capivara e jacaré. (NOGUEIRA 1990, p. 31)

Podemos observar que a relação do homem pantaneiro com a natureza vai além da realização do seu trabalho ou da preservação do meio em que vive. Ele também

aprendeu a extrair desse ambiente muitos remédios que podem ser utilizados no tratamento de doenças, sempre mantendo uma relação de respeito e cuidado com a flora local pois tem a consciência de que os danos causados à natureza também afetam a sua própria existência.

Com hábitos diferenciados em decorrência das especificidades do seu trabalho bem como da localidade onde reside, o homem pantaneiro possui um falar próprio, com sotaque específico e característico desse universo pantaneiro. Ao toque do berrante, traduz uma linguagem exclusivamente pantaneira na qual faremos uma breve abordagem a seguir.

2.3 EXPRESSÕES REGIONAIS E PANTANEIRAS

A língua está presente em todos os aspectos de convivência humana social. Ela está relacionada à forma como o indivíduo interage, retratando seu comportamento e sua cultura e o seu uso representa também um veículo identitário. Por ser uma construção humana, apresenta uma diversidade nos falares de indivíduos, comunidades ou grupos sociais. Ela é utilizada como principal ferramenta de construção entre as sociedades, por isso sofre mudanças, transforma-se no tempo e se diversifica no espaço geográfico (ARAÚJO, QUEIRÓZ e BUENO, 2012).

Conforme mencionam Gonçalves, Wenceslau e Garcia (2009):

pela linguagem, o homem pantaneiro transmite de geração em geração seus mitos, lendas e histórias buscando articular, compreender e responder com elas e a partir delas, conflitos e situações das mais diversas do que está presente no seu cotidiano. Tece relações sagrado e o profano, o individual e o coletivo, o próximo e o distante, o presente, o passado e o futuro no intuito de superar as condições de provisoriedade e inconclusão de sua condição como ser humano, buscando romper limites e promover encontros com outras situações, pessoas e realidades, compondo e recompondo assim seu *ethos*, sua cultura e identidade. (GONÇALVES, WENCESLAU e GARCIA, 2009, p. 4)

Nesse sentido, as autoras buscam destacar a importância das atividades desenvolvidas pelo peão pantaneiro no seu ambiente natural, na sua maneira de

interagir com o meio. Portanto, a linguagem transmitida pelo pantaneiro por meio de suas expressões regionais peculiares, constituem elementos que contribuem para o processo de constituição de sua identidade.

Com referência a essas expressões regionais pantaneiras, não podemos deixar de mencionar as relevantes contribuições das pesquisadoras e escritoras Albana Xavier Nogueira e ainda citamos Marly Teixeira Morettini e Sônia da Cunha Urt, no campo dos estudos a respeito do Pantanal e homem pantaneiro. Em sua obra *Pantanal: homem e cultura*, a pesquisadora Albana Xavier Nogueira nos apresenta uma gama de palavras e expressões que compõem o universo da oralidade do homem pantaneiro. A escritora publica ao final do livro um glossário contendo diversos verbetes que são utilizados na linguagem da comunidade pantaneira, apresentando o significado de cada um deles. Esse conteúdo, entendemos ser bastante relevante a título de informação turística e também de difusão da cultura dessa região tão peculiar do nosso Estado.

Já na obra *Expressões Regionais*, Morettini et al. (2012, p. 55) apresentam um diálogo contendo uma fala da comunidade pantaneira. Vejamos alguns trechos:

“...o guri não parou de brincar com o carrinho, olhou a poeira que se erguia dentro do capão e, como sempre fazia o ver a vaquejada se aproximar da sede da fazenda, correu e foi chamar a mãe na cozinha.

- mãe, vêm-vê, a boiada tá chegando.

- Não quero vê, guri, vai brincar pra lá.

- Vem-vê, mãe, a poeira!”

Podemos observar que o trecho acima apresenta alguns termos típicos da região rural, no caso em questão, da região pantaneira, como 'capão' e 'vaquejada'. Já a fala resumida, com a presença da omissão de fonemas ou junção de mais de uma palavra formando uma única, como pode ser identificada no termo 'vêm-vê' (= vem ver).

Tal situação será objeto de análise deste estudo em que as expressões utilizadas pelos falantes/informantes apresentam similaridade ao caso acima mencionado. Essa linguagem do homem pantaneiro é manifestada por meio do seu discurso mas também

pode ser revelada a partir de atos simples e corriqueiros do seu cotidiano. Nesse cotidiano é construída a sua marca identitária, conforme mencionam Morettini e Urt (2010).

Outro exemplo de falar regional rural temos em *A Língua de Eulália: novela sociolinguística*, Bagno (2006) menciona diversas situações de discurso que apresentam variações linguísticas e que representam, segundo o teórico, apenas uma das muitas diversidades que o português do Brasil apresenta, demonstrando assim, que toda língua varia em função de fatores linguísticos e também extralinguísticos - inerentes ao seu falante e seu contexto comunicativo.

Em relação aos 'erros' na pronúncia, o autor acima mencionado destaca que “se milhões de pessoas por este Brasil afora dizem “os óio” onde você esperaria “os olhos”. Em um outro momento, Bagno nos apresenta situação semelhante, agora envolvendo a pronúncia dos verbos. Tal situação é um dos temas de análise constante da metodologia da pesquisa, onde temos a simplificação na conjugação dos verbos. Vejamos estes exemplos:

“Eles gosta; nós gosta; vocês gosta... e assim por diante”. (p. 65)

Bagno observa que pesquisadores que estudam a questão dos falares regionais e não padrão tem verificado uma tendência a diminuir as seis formas de conjugação do verbo para apenas duas. Portanto, segundo Bagno (2006, p. 37), “existem muito mais semelhanças do que diferenças entre as variedades do português no Brasil”.

Assim, entendemos que o conhecimento mais aprofundado a respeito da linguagem do homem pantaneiro, obtemos por meio de um contato direto com essa comunidade que traz consigo uma bagagem cultural riquíssima, tanto em termos de dialeto quanto em termos culturais. Assim, com referência a alguns termos e expressões pertinentes ao universo da oralidade da comunidade pantaneira, podem ser pesquisados no Dicionário Pantanerês (LEANDRO, 2014) que contempla 120 (cento e vinte) palavras utilizadas na fala do pantaneiro.

2.4 ASPECTOS IDENTITÁRIOS PANTANEIROS

Segundo Urt (2010, p. 84), a identidade é um produto da interação do sujeito com o meio que se manifesta a partir do seu modo de agir, de fazer e de pensar. Para ela, “o sujeito pantaneiro constitui-se no processo de identicar-se com o outro e diferenciar-se do outro”, pela sua cultura; pelo tipo de atividade e nos afazeres que desenvolve no seu cotidiano; e nas relações que ele estabelece ao longo de sua história.

As mesmas autoras mencionam ainda que “a linguagem é essencial no processo de constituição da identidade, pois é por meio dela que o homem torna interno o que ele experiência externamente, e todo o produto deste processo é o que se chama de identidade” (p.84).

Compartilhando dessa citação, podemos então entender que a fala, como um dos elementos da linguagem, compreende uma importante participação na formação do sujeito e na constituição da sua identidade, pois por meio dela o indivíduo incorpora aquilo que vivencia no seu cotidiano, na sua interação com o outro, e a interioriza para a formação da sua cultura e conseqüentemente a formação de sua identidade.

Por intermédio de suas práticas sociais e costumes, muitas vezes adquiridos desde à infância, permitem que esse indivíduo vá incorporando valores que passarão compor sua cultura e servirão para nortear suas ações no seu dia a dia como peão pantaneiro. A transmissão dos conhecimentos produzidos no espaço do Pantanal permite uma harmonia com a fauna e flora daquele local em uma convivência de respeito a natureza que o cerca.

Assim, entendemos que a identidade pantaneira se estabelece a partir de vários elementos que compõem a sua cultura, dentre estes, a linguagem peculiar daquela região. E é por meio das diferenças que se forma a figura do peão pantaneiro, onde a sua identificação se dá a partir das diferenças e diversidades existentes e das influências que o ambiente possibilita ao seu estilo de vida, que são retratados na sua subjetividade.

2.5 ASPECTOS CULTURAIS PANTANEIROS

A cultura do homem pantaneiro é oriunda de uma mistura de povos formados a partir de uma relação de índios, que foram os primeiros habitantes do local; os bandeirantes que povoaram a região em seguida; e ainda com outros povos que vieram em busca do ouro na região de Poconé.

De acordo com o site da Academia Pantaneira, a cultura da região pantaneira possui várias influências, formada desde o contato dos indígenas com os primeiros desbravadores, sendo eles bandeirantes que vieram procurando ouro na região de Poconé ou mesmo os negros escravos que pela região do pantanal ficaram perpetuando manifestações afrodescendentes.

Ao mesmo tempo em que se distanciava acabava se misturando duas culturas diferentes em pequenos centros: do rico e do pobre tendo visto que nas grandes fazendas pelo período de mais de 200 anos, pela facilidade na criação de gado tendo em vista as pastagens, evidenciaram os contrastes entre a cultura rústica do peão e as tradições burguesas dos patrões e seus descendentes.

O Pantanal passou a ser ocupado por outros povos a partir do século XVIII tendo em vista a busca de minérios na região centro-norte do antigo Mato Grosso enquanto no centro-sul, grupos de migrantes desbravaram o pantanal e constituíram as fazendas de gado que marcam profundamente a cultura da região, centrada nos valores pastoris e com influência paraguaia e dos nativos.

Por outro lado no centro-sul, as famílias de imigrantes chegavam ao pantanal conquistando e construindo grandes fazendas de gado marcando a cultura local, vivenciando atividades pastoris tendo forte influência paraguaia e dos nativos da região, conforme mencionado no site da Academia Pantaneira, 2018).

Ainda para Pinto (2006), conhecer um povo de uma determinada região pressupõe conhecer suas práticas sociais e especialmente sua língua, o que torna possível o conhecimento de uma cultura peculiar de uma comunidade ou de um grupo

que carregam crenças, costumes, valores sociais e culturais e ideologias próprias, que se manifestam por meio da fala utilizada por esses sujeitos no seu cotidiano.

Já de acordo com Costa (2002), o conhecimento da cultura de um povo está intimamente relacionada ao estudo de sua língua, sendo esta forma e produto dela. É por meio da fala que se revela uma identidade cultural própria que representa e produz identidades. Ao fazer parte de uma comunidade de fala se mantém vivo o referencial linguístico desses falantes em decorrência da linguagem utilizada por seus membros apresentarem uma mesma pronúncia.

Portanto, é por meio da linguagem que o homem pantaneiro transmite de geração em geração seus mitos, lendas e histórias buscando responder com elas e a partir delas, conflitos e situações diversas presentes no seu cotidiano, conforme mencionam Gonçalves, Wenceslau e Garcia (2009). As crenças que integram o cotidiano desse pantaneiro são contadas, recontadas e vivenciadas nas rodas de comitivas, nas prosas do dia a dia entre amigo e também nos encontros familiares.

Contudo, a diversidade de atividades, os costumes e os avanços tecnológicos e da atividade turística e outros fatores presentes nos tempos modernos tem contribuído para a transformação da cultura pantaneira, conforme menciona Nogueira (2002). A pesquisadora destaca que o maior acesso às cidades e o contato com essa cultura também tem colaborado para a alteração nos comportamentos e costumes do pantaneiro, além das mudanças ecológicas, eletrificação rural, relação patrão/peão e o uso das mídias.

Assim, nos apoiando no entendimento das autoras mencionadas, podemos observar que a linguagem é um meio de transmissão de conhecimentos entre as gerações futuras e as gerações passadas e, especificamente no caso do homem pantaneiro, por meio dos “causos” que são contados de pai pra filho. Em razão disso, a cultura constitui um processo de acumulação de conhecimentos e experiências, preservando alguns hábitos e costumes e preservando também a identidade dessa comunidade.

Assim, em relação ao homem pantaneiro entendemos que é necessário uma maior valorização da sua cultura para que não ocorra uma aculturação, partindo-se do princípio de que as culturas se influenciam mutuamente, ou seja, o contato com outros povos e culturas tende a provocar uma mudança de comportamento no indivíduo que busca acompanhar a globalização e os avanços tecnológicos, decorrentes da cultura moderna.

Diante das definições e fundamentações teóricas abordadas nos capítulos anteriores, passaremos no tópico seguinte para a descrição da metodologia da pesquisa.

CAPÍTULO III – METODOLOGIA DA PESQUISA

No capítulo III nos referimos a metodologia empregada neste estudo onde faremos uma breve explanação acerca da natureza da pesquisa e da fonte de proveniência do material linguístico que subsidiou nossos trabalhos. Assim, apresentamos as informações referentes ao *corpus* utilizado nesta pesquisa relativamente aos depoimentos dos peões pantaneiros e ainda descrevemos a acerca da origem do acervo documental que serviu como base de fonte de consulta.

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E NATUREZA DA PESQUISA

A presente pesquisa, de cunho qualitativo, buscou analisar os aspectos linguísticos, extralinguísticos e socioculturais presentes na oralidade dos seus informantes e sua representação na definição do perfil linguístico do homem pantaneiro. Em um primeiro momento procedemos a seleção do material bibliográfico partindo da definição de temas e teóricos da linha de pesquisa da Sociolinguística, especialmente aqueles que abordam a questão da mudança e da variação da língua, das variedades regionais e do preconceito linguístico. Ainda selecionamos livros e documentos que mencionam a respeito do Pantanal; da cultura e da identidade do homem pantaneiro.

Na etapa seguinte, passamos para a seleção dos dados no material que compõe o *corpus* decorrente de pesquisa.

O material linguístico que constitui o *corpus* é composto de três depoimentos transcritos ortograficamente (apêndice 1), de peões pantaneiros, todos nascidos e

criados no Pantanal sul-mato-grossense. O acervo deste estudo é proveniente do trabalho da pesquisadora Maria Leda Pinto que culminou com a elaboração de sua tese de doutorado intitulada “*Discurso e cotidiano: histórias de vida em depoimentos de pantaneiros*”, decorrente de pesquisa realizada para o Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, na perspectiva teórica da Análise do Discurso, disponível na base de dados do Centro de Documentação em Educação, Diversidade Cultural e Linguagens de Mato Grosso do Sul, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, unidade universitária de Campo Grande.

Embora a pesquisadora Maria Leda Pinto tenha desenvolvido sua pesquisa na perspectiva da linha francesa da Análise do Discurso, nesta pesquisa utilizamos os dados para análise sob a óptica do entendimento da linha da Sociolinguística Variacionista, onde realizamos uma investigação a respeito das diversidades e variedades linguísticas existentes nas falas dos peões pantaneiros.

Posteriormente, de posse dos registros do material linguístico, iniciamos a análise de trechos destas falas buscando relacioná-las com bases teóricas mencionadas no capítulo I deste trabalho com referência às variações e variedades linguísticas presentes nesses discursos e ainda identificar algumas peculiaridades e singularidades presentes no linguajar desses indivíduos, como dialetos e os neologismos, conciliando e agregando as contribuições constantes no capítulo II.

Pinto (2006) menciona que, para entrevistar os pantaneiros foram realizadas 5 (cinco) viagens ao Pantanal, em diferentes momentos. As fazendas visitadas foram: a) inicialmente: Fazenda Santa Emília; Fazenda Santa Maria, a São Geraldo e a Chão Parado, todas no Pantanal do Rio Negro.; b) posteriormente: Fazenda Campo Lourdes; novamente a Fazenda Santa Emília; e, Fazenda Paloma, Distrito de Taboco.

Ainda de acordo com Pinto (2006, p. 13-14):

A coleta dos dados se realizou por meio de um roteiro que elaboramos com base nos objetivos estabelecidos para o trabalho e com o intuito de estabelecermos um primeiro contato com os pantaneiros. Esse roteiro que chamamos de *Roteiro de conversa com os pantaneiros* é composto de dois itens, sendo o primeiro deles relacionado à fazenda visitada e o segundo ao pantaneiro. No que diz respeito às fazendas, colocamos aspectos relativos à identificação (nome, época de fundação, proprietário, rápido histórico da fazenda). Concentramo-nos no item dois, relativos ao pantaneiro. Este item ficou subdividido em três blocos que compreendem dados pessoais, trabalho, como se situa e/ou atua nesse espaço, cada um deles com seus questionamentos.

Assim, traremos na análise dos dados informações mais detalhadas a respeito desses sujeitos/ informantes que constituem o *corpus* para um melhor entendimento do assunto em questão. Por ora, discorreremos acerca da seleção dos informantes.

3.1.1 Seleção dos informantes

Os informantes que compõem o *corpus* desse estudo referem-se aos peões pantaneiros da região do Pantanal do rio Negro que residem ou residiram na região do Pantanal há mais de trinta anos. De acordo com Pinto (2006), trata-se de indivíduos do sexo masculino, com idade entre 45 e 70 anos.

Um outro critério importante na seleção dos informantes refere-se à localidade em que residem, ou seja, a região do Pantanal do Rio Negro cujos hábitos e costumes linguísticos são característicos da região que engloba o complexo pantaneiro sul-mato-grossense.

Os parâmetros para as transcrições das narrativas orais obedeceram as Normas para Transcrição do Projeto NURC/SP.⁸ No que diz respeito às transcrições das fitas e a digitação, estas foram feitas a algumas mãos, conforme menciona Pinto (2006). As narrativas foram colhidas por meio de um roteiro de conversas e que a pesquisadora fez a leitura para os informantes entrevistados e em seguida permitindo que estes se expressassem sem interrupção.

⁸ O acervo do Projeto NURC-RJ (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro), constitui referência nacional para estudos da variante culta da língua portuguesa. Disponível em <http://www.nurcrj.lettras.ufrj.br/>

As entrevistas foram realizadas a campo pela pesquisadora que, após coleta *in loco*, realizou a transcrição dos dados dos informantes. Podemos observar que ao longo dos trabalhos de campo a pesquisadora buscou levantar informações socioculturais a respeito dos informantes, num total de 7 (sete) entrevistados, sendo que destes foram analisadas as conversas de 3 (três) informantes.

Para uma melhor análise dos dados, buscamos relacionar as entrevistas selecionadas com fatores referentes ao cotidiano dos seus falante, o que nos possibilitou um melhor entendimento ao descrever e analisar os aspectos que envolvem a fala do homem pantaneiro com relação ao uso das variedades linguísticas.

3.1.2 Fonte de coleta dos dados

Como já mencionado na contextualização da pesquisa, os dados empregados neste estudo referem-se às informações oriundas do trabalho da pesquisadora Maria Leda Pinto decorrente de sua tese de doutorado disponível no Centro de Documentação em Educação, Diversidade Cultural e Linguagens de Mato Grosso do Sul, pertencente a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, unidade universitária de Campo Grande.

Segundo informações da coordenação do Centro de Documentação o mesmo foi criado no ano de 2012, com financiamento proveniente da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul – FUNDECT. Esse Centro de Documentação possui um banco de dados digital constituído por 42 (quarenta e dois) relatórios da instrução pública, encontrados no arquivo público de Cuiabá, abrangendo o período de 1850 a 1950.

De acordo com Figueira, Stein e Lacerda (2013):

os documentos servem para comprovar algo para fim legal e/ou financeiro; para recuperar a informação e, por isto, há um caráter orgânico visto que a informação quase sempre está relacionada com outra e para fim histórico, pois demonstra qual era o posicionamento daquela pessoa, ou grupo acerca de determinado assunto. Os

documentos, portanto, são sempre reveladores de alguma intenção manifesta ou oculta. (FIGUEIRA, STEIN e LACERDA, 2013, p. 3)

As autoras mencionam ainda que “os arquivos escolares constituem acervos arquivísticos, contendo diversas espécies documentais que são fontes de pesquisa. São expressões da memória, depositários de fontes produzidas e acumuladas...” (op. cit, p. 4), e complementam que a pesquisa histórica passou por um processo de renovação teórico-metodológico no qual ocorreu a valorização da utilização os aportes teóricos oriundos do campo da História, contemplando também as fontes orais e icnográficas.⁹ O referido Centro engloba diversas áreas do conhecimento como a diversidade cultural e a linguagem.

Cabe destacar ainda a existência de uma proposta de constituição de um acervo do *Arquivo da Memória da Palavra dos Povos Pantaneiros*¹⁰, com a finalidade de armazenar, organizar e disponibilizar aos seus usuários um vasto material proveniente de estudos realizados na região pantaneira por pesquisadores de algumas Instituições de ensino do Estado e também desta Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. Nesse sentido, as memórias do homem pantaneiro servem para identificar qual é a projeção da memória de futuro e de conhecimentos peculiares que vão sendo construídos a partir de suas histórias evidenciadas por meio de seus saberes e de suas tradições culturais (FIGUEIRA, STEIN e LACERDA, 2013).

Após o capítulo da metodologia, daremos prosseguimento ao capítulo seguinte no qual descreveremos a análise dos dados e apresentaremos os resultados obtidos.

⁹ O Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis define Icnografia como: Material visual que documenta todas as civilizações; Arte e técnica de representar por imagens; Seção de biblioteca destinada à organização, descrição e arquivo de material visual.

¹⁰ Link para acesso ao arquivo <http://www.uems.br/cepex/conteudo/624dd0924058f6e0a63c04c2e66c716c/8be45d359c8887b2e9e02abe059435a4>

CAPÍTULO IV – ANÁLISE DOS DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

A pretensão desta pesquisa foi de analisar os aspectos linguísticos, mais precisamente os de cunho sociolinguísticos, presentes na linguagem oral do homem pantaneiro sul-mato-grossense. Baseando-se nos estudos sociolinguísticos da linha laboviana verificamos os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam na fala desses sujeitos a partir do seu contexto sociocultural, ou seja, no seu ambiente de convívio diário, dentro de uma determinada comunidade de indivíduos que compartilham os mesmos hábitos e costumes.

Nesse sentido, abordaremos a seguir alguns aspectos a respeito da língua, da cultura e da identidade do homem pantaneiro para uma melhor compreensão das

questões que envolvem as regionalidades desse homem pantaneiro objeto desta pesquisa.

4.1 ANÁLISE DOS DADOS

Inicialmente faremos a apresentação dos informantes utilizados nesta pesquisa onde traremos a qualificação de cada um dos 3 (três) peões mencionados na análise dos dados. Para maior clareza e legitimidade das informações, faremos as transcrições na íntegra, das descrições realizadas pela pesquisadora Maria Leda Pinto (2006), referente aos peões pantaneiros pesquisados, como segue:

primeiro depoimento (doravante D1) é de S.N.C¹¹, pantaneiro com 45 anos que atualmente trabalha na Fazenda Paloma, distrito de Taboco... O pantaneiro recebeu-nos em um domingo, no período da tarde, em sua residência, que fica em um retiro da fazenda. Sua casa é de madeira, pintada, confortável, com móveis simples e com um pequeno jardim na frente. Tem cerca de balaústre¹² e situa-se em frente a um grande açude¹³, com uma vista muito bonita.(p. 138)

A segunda história (doravante D2) é de J.Q., pantaneiro aposentado, com 70 anos, que reside na cidade de Aquidauana-Alto Pantanal¹⁴. J. Q. reside em uma casa de alvenaria, bem mobiliada, com um amplo jardim, murada, com grade na frente e portão eletrônico.(p. 140)

A terceira história (doravante D3) é de R.O... Ele é campeiro e, quando necessário, atende os turistas — pantaneiro de 45 anos — que já nos esperava, sentado na varanda. O informante reside em uma pousada, as casas dos funcionários ficam na ala direita de quem chega e, quase todas, apresentam características semelhantes: são de madeira, pintadas, forradas, com energia elétrica, encanamento de água; são novas como tudo na pousada que foi inaugurada em novembro do ano 2000.(p. 141)

A seguir, passamos à análise de trechos extraídos das entrevistas obtidas por meio das conversas com esses sujeitos.

¹¹ Os pantaneiros não expressaram nenhum tipo de preocupação em serem citados nominalmente, mas, por uma questão de privacidade de cada um deles, preferimos referi-los pelas iniciais dos nomes a cada momento em que for preciso citá-los.

¹² Cerca de ripas de madeira que são pregadas a uma distância regular umas das outras e que formam a cerca.

¹³Lago formado por represamento das águas.

¹⁴ A cidade de Aquidauana é considerada, na região, como o Portal do Pantanal.

SITUAÇÃO 1 - “... aí eu comecei a **trabaia** no Pantanal por volta de doze... doze ano... treze ano já comecei a **trabaia** no Pantanal... mas **trabaiava** em cima de:... da área de **campero**... né?” (D1)

Podemos observar, a partir da fala extraída da entrevista realizada com o informante 1 (D1), que a linguagem proferida nessa passagem apresenta uma variação na qual podemos assemelhar a variação diatópica ao expressar a palavra trabalhar por “trabaia”, ou seja, o fonema “lhar” é substituído por “ia”. Há portanto uma palatização do “r” = “ar” => reduzido do infinitivo.

Vemos nesse trecho que não há efetivamente uma preocupação com a conjugação do verbo de acordo com a pessoa e o tempo verbal adequados, contudo, houve um perfeito entendimento do que o falante pretendeu transmitir em seu discurso. Assim como ocorre com a mudança linguística, os contextos em que os falantes estão inseridos influenciam na sua maneira de expressar as palavras e de comunicar-se com o seu interlocutor. Nesse sentido, podemos afirmar que a falta de concordância verbal é um fenômeno bastante comum na fala de pessoas que pertencem a uma classe social menos favorecida ou àquelas menos escolarizadas – como é o caso dos peões pantaneiros entrevistados.

Esta situação também se fundamenta na questão dos falares regionais já mencionado anteriormente nesta pesquisa por Bagno (2006) a respeito da linguagem não padrão. Contudo, a falta de uma conjugação adequada aos padrões em relação ao tempo verbal e a utilização de uma linguagem informal regional não há de ser considerada sociolinguisticamente como 'erro'.

Esse tipo de pronúncia é comumente encontrada na linguagem utilizada pelo homem pantaneiro, como verificamos também na palavra campeiro, que é expressada como campero. Contudo, em ambas as situações temos o perfeito entendimento da fala do peão, havendo, portanto, uma perfeita comunicação entre o interlocutor e seu ouvinte.

Podemos observar que nesse caso a maneira com que os peões se comunicam estão intimamente relacionadas com o seu ambiente de trabalho e com o desempenho de suas funções, que possibilitam a adequação do seu vocábulo ao contexto de fala. Assim, as palavras proferidas por eles buscam atender às necessidades reais de comunicação e não a um sistema linguístico formal.

A respeito dessa questão, Martelotta (2009) menciona que “cada grupo social tem um comportamento que lhe é peculiar e isso vai manifestar também na maneira de falar de seus representantes”, ou seja, na situação em questão é possível relacionar esse falar como sendo típico de indivíduos provenientes da região rural, diferentemente do dialeto carioca, paulista ou sulista. Ainda podemos atribuir esse falar a sujeitos que possuem pouca escolaridade ou situação financeira menos favorecida, conforme complementa a autora onde destaca ainda que “indivíduos pertencentes a um grupo social menos favorecido têm características de fala distintas dos indivíduos de classes favorecidas.(MARTELOTTA, 2009, p.19 *apud* QUEIRÓZ, 2015, p. 23).

Por conseguinte, conforme abordado por Bortoni-Ricardo (2004) no capítulo da fundamentação teórica, essa variação linguística por ser considerada como sendo uma linguagem regional, neste caso dos peões do Pantanal, se constituindo como um falar típico daquela determinada região e que contribui para identificar por meio desses traços linguísticos, aquela comunidade geograficamente constituída.

A seguir, selecionamos trechos da fala do informante 3 (D3) para prosseguiremos com a análise dos aspectos (sócio) linguísticos presentes nesta situação 2.

SITUAÇÃO 2 - “**sô** criado aqui no Pantanal... então... nasci na Nhecolândia... me criei... (não) me criei quase lá né? aí meus pais **mudô** pra cidade... aí nós fomos pra cidade.... aí meu pai foi trabalha de **charretero**... aí foi começando a vida e **nóis/e nóis** estudava... até o primeiro... segundo anos... éh... tinha o primeiro ano A né? é... e o (segundo)/estudei muito **poco**... eu só escrevo o meu nome... mas eu conheço muita letra eu não sei é **juntá**.” (D3).

Nesta situação de fala temos primeiramente a construção de maneira reduzida ou em uma linguagem mais simplificada de algumas palavras, como podemos observar no caso das expressões “sô”, “ mudô”, “poco” e “juntá”. Essas construções, mesmo que em desconformidade com as normas gramaticais padrão, não devem ser consideradas como impróprias ou inadequadas uma vez que temos nesse caso a utilização de uma variedade linguística diferente daquela considerada como 'padrão' que pode ser facilmente justificada devido ao contexto em que o falante se encontra inserido, ou seja, seu contexto social.

Esses contextos, além de influenciarem a produção linguística dos falantes, favorecem o uso de uma variedade não padrão que também auxilia na definição da identidade de seus sujeitos, salientando essa forma linguística peculiar regional e demonstrando a agramaticalidade da construção das palavras em desconformidade com o estabelecido na norma padrão culta da língua portuguesa.

Entendemos que cabe nessa situação a questão mencionada por Monteiro (2008, p.65 *apud* ARAÚJO, QUEIRÓZ e BUENO, 2012, p.7) na qual o teórico considera que “se o falante é um camponês ou mora numa favela, se é analfabeto ou de baixo nível de escolaridade, é lógico que sua maneira de falar não será a mesma que a das pessoas que se situam no ápice da pirâmide social”, e ainda complementa que “Ele provavelmente usará formas como vrido, pranta, expilicar e musga ou construções do tipo nós veve, ele viu eu, eu se danei etc.” A variação na fala ocorre, portanto, devido a fatores extralinguísticos como o fato de ser um peão pantaneiro e ainda devido ao baixo nível de escolaridade que o informante possui.

Assim, como nos estudos desenvolvidos por Labov (1964) que consideravam os fatores extralinguísticos como: classe social, idade, sexo, escolaridade, entre outros, para demonstrar a relação de interdependência existente entre o fator linguístico de seus falantes e o meio social em que vivem, temos aqui a questão da idade e da escolaridade que julgamos serem fatores que também contribuem para a predominância desse tipo de linguagem, bem como o fator geográfico e cultural, uma vez que esse tipo de fala é muito utilizado na linguagem regional, principalmente em localidades rurais.

Já na expressão 'charretero', que é grafada na língua culta como charreteiro, podemos classificá-lo dentro dos neologismos, conforme menciona Araújo (1998)

um fenômeno linguístico que consiste na criação de uma palavra ou expressão nova, ou na atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente... Como o falante nativo tem total domínio dos processos de formação de palavras, pois tem a língua internalizada, para ele é fácil criar uma nova palavra sem nem mesmo se dar conta de que está utilizando um dos processos existentes na língua como a prefixação, a sufixação, a aglutinação ou a justaposição.

Se refere, portanto, a um termo originário da palavra 'charrete' – que refere-se “a um carro leve, normalmente sem cobertura, de duas rodas altas, assento para dois passageiros e um condutor, puxado por um cavalo”¹⁵. Podemos observar que, na fala desse peão há uma certa uniformidade no falar. Assim como na palavra 'charretero', é possível verificar nas expressões 'sô', 'mudô' e 'poco', também pronunciadas pelo informante D3, que há uma supressão de vogais ao proferir esses termos.

Temos presente nessa situação, o neologismo sintático – que é aquele proveniente da combinação de elementos já existentes na língua como a derivação ou a composição, conforme mencionado no capítulo da fundamentação teórica.

Assim, podemos evidenciar por intermédio das falas apresentadas nessa situação de análise, que um estudo sociolinguístico tem por finalidade descrever essas e outras variações que ocorrem na língua, analisando e sistematizando as variedades linguísticas predominantes em uma determinada comunidade de fala e ainda buscar relacionar esse falar a fatores sociais, linguísticos e extralinguísticos que justificam essa comunicação.

SITUAÇÃO 3 - “a gente morava du lado de lá do... do rio Negro... então você pra vim na cidade...você num tinha contato... num tinha um telefone... num tinha um rádio... num tinha um nada...” (D2).

Percebemos na situação 3, a manifestação da cultura local rural, decorrente das influências migratórias e da própria localização geográfica que desencadeia um falar

¹⁵ Definição extraída do Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa.

regional. Aplicando este princípio à Sociolinguística, onde nenhuma língua ou variedade deve ser considerada inferior, entendemos que na fala em questão deve prevalecer sempre a valorização da língua e da identidade do falante acima dos demais aspectos linguísticos da norma culta padrão e, ainda, dos (pré)conceitos a ela atribuídos em função da regionalidade ou diversidade.

Além disso, para que haja uma investigação mais detalhada a respeito do fenômeno da variação linguística, os fatores extralinguísticos não podem deixar de ser considerados, como por exemplo a origem geográfica do falante. Situação semelhante a mencionada por Bagno (2007, p. 43) cujo entendimento é de que “a língua varia de um lugar para outro; assim, podemos investigar, por exemplo, a fala característica das diferentes regiões brasileiras, dos diferentes estados, de diferentes áreas geográficas dentro de um mesmo estado.” Ainda segundo o teórico, existe um “outro fator importante também é a origem rural ou urbana da pessoa.”

A questão da repetição dos termos ou palavras também é uma característica que evidenciamos estar presente em algumas situações de discurso nas entrevistas com o peão pantaneiro.

Na fala acima podemos verificar a presença da heterogeneidade da língua como sendo uma característica universal e inerente às línguas onde o sistema linguístico deve atender às necessidades de todas as comunidades de fala. Além disso, podemos considerar que ela é sistemática, uma vez que pode estar relacionada a fatores sociais, tanto externos quanto internos ao sistema linguístico e ao indivíduo. Se não fosse assim, as construções discursivas não sofreriam variações por parte da comunidade linguística.

Nesse sentido, a Sociolinguística Variacionista tem por objetivo o estudo da língua em seu contexto sociocultural, uma vez que parte da explicação da existência da heterogeneidade inerente e sistemática à língua. Com base nas fundamentações apresentadas no capítulo I, observamos aqui que o estudo sociolinguístico tem por objetivo descrever fenômenos variáveis, analisando as variantes linguísticas usadas em

uma comunidade de fala e relacionando-as aos fatores sociais e linguísticos que as desencadeiam.

SITUAÇÃO 4 - “isso é meu sonho... né? (...) eu queria deixá eles formados... durante eu num formá eles... eu num tô sastifeito... eu num tô sastifeito...” (D1).

Identificamos nessa situação que o falante não se detem ao uso da norma padrão. Ainda em uma análise sob a ótica de Bagno (2006) em que este menciona a respeito do falar regional rural em sua obra *A Língua de Eulália: novela sociolinguística*, na qual são apresentadas e discutidas diversas situações de discurso que apresentam variações linguísticas e que representam, segundo o teórico, apenas uma das muitas diversidades que o português do Brasil apresenta. Nesse sentido, vemos na situação em análise a questão da regionalidade presente na fala proferida pelo informante D1 por meio das expressões “eu queria deixá eles formados... durante eu num formá eles...”, podemos observar que se trata de uma linguagem oriunda de uma comunidade de fala rural.

Prosseguindo a análise, destacamos na expressão “eu queria deixá eles formados” que há uma conjugação verbal não adequada (em relação a gramática padrão), onde: 'deixá' (com supressão do 'r') foi utilizado no lugar de 'deixar'. Da mesma forma, ocorreu com o termo “formá”, que apresenta a mesma variação linguística na sua pronuncia.

Há, nesta fala, a presença de elementos essencialmente extralinguísticos que podem ser facilmente identificados como sendo de origem predominantemente cultural, inerentes ao seu falante e seu contexto comunicativo. Podemos então destacar que as variedades presentes nos falares regionais constituem um instrumento que identifica um determinado grupo de falantes e que “toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social”, conforme mencionado pela sociolinguísta Bortoni-Ricardo (2004).

Assim, conforme observado por Faraco (2005), a variação diatópica ou variação regional ou geográfica tem a função de identificar a origem de um indivíduo de acordo com a maneira como ele fala ou se expressa.

Temos então, a questão do fator cultural que, juntamente com o fator linguístico e outros fatores sociais, contribuem para a constituição da identidade do povo pantaneiro. Enfatizamos aqui a menção de Lyons (1979 *apud* Costa 2002) com referência a ser a língua um elemento integrante da cultura de uma comunidade:

A língua de uma determinada sociedade é parte integral da sua cultura, e as distinções lexicais de cada língua tenderão a refletir traços culturalmente importantes de objetos, instituições e ou atividades na sociedade em que a língua opera. (LYONS, 1979, p. 457 *apud* Costa 2002, p. 34)

SITUAÇÃO 5 - [...] fazia de tudo (na vida) ...fomos casqueiro, naquela época tirava muita casca...de madeira, de angico... [...] ele me deu uma égua velha e um burro aporriado.” (D2)

Observamos na situação acima apresentada que as palavras 'casqueiro' e 'aporriado' podem ser consideradas com Neologismos. Lembrando que o neologismo refere-se a um “fenômeno linguístico que consiste na criação de uma palavra ou expressão nova, ou na atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente” que pode ocorrer por meio de processos de justaposição, aglutinação, prefixação, sufixação, etc., como podemos perceber nas palavras destacadas, conforme mencionado por Araújo (2018).

Assim, podemos considerar os neologismos como sendo expressões ou termos que integram a linguagem da comunidade pantaneira, bem como de muitas outras comunidades de fala existentes Brasil afora. Entretanto, devemos entender que cada falante tem um modo próprio de falar de acordo com seu contexto social e da situação de interação em que se encontra, seja ela formal ou informal.

Ainda nessa perspectiva de investigação e diante a classificação das variedades linguísticas mencionadas por Bagno (2007) no capítulo da fundamentação teórica, podemos considerar as expressões 'casqueiro' e 'aporriado', como sendo um Dialeto

(que é o modo característico de uso da língua numa determinada localidade) ou um Socioleto (que é a variedade linguística própria de um determinado grupo de falantes que partilham os mesmos traços socioculturais), uma vez que se referem a expressões de uso em uma determinada localidade – e não um termo comum a todos os sujeitos –, sendo uma variedade linguística que pode ser atribuída a fala de determinados grupos.

Com referência as palavras em análise (casqueiro e aporriado), observamos que elas contribuem para o resgate da cultura do homem pantaneiro por meio da preservação da sua oralidade regional, sendo este um dos objetivos da pesquisa sociolinguística: a preservação da língua e da cultura da comunidade de uma determinada região. Tais exemplos confirmam que a língua que falamos é resultante de mudanças ocorridas com o tempo.

Cabe destacar que em muitos momentos o peão pantaneiro também faz uso da linguagem culta para se expressar. Seja pelo uso de uma fala regional rural, ou seja, por meio de uma linguagem culta, devemos ter o entendimento de que, conforme fundamentado por Callou e Leite (2010), é por meio do uso da língua que uma sociedade se comunica e retrata o conhecimento e o entendimento de si própria e do mundo que a cerca. Portanto, não existe dialeto superior ou inferior, apenas diversidades de falares.

Nessa perspectiva, os estudos da variação linguística e o ensino da língua são fontes inesgotáveis de pesquisa, em decorrência da dinamicidade da língua que se atualiza com o tempo e varia no espaço. Assim, levando em consideração essa dinâmica da linguagem oral, sempre haverá o ‘desvio’ a ser refletido com fins em sua ‘adequação’.

Portanto, podemos concluir que por intermédio de Labov temos uma nova maneira de fazer linguística por meio do estudo das comunidades de fala; e isso tem contribuído para redefinir novas formas e novos padrões de conduta em relação ao uso da língua no âmbito da Sociolinguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar os aspectos (sócio)linguísticos presentes na fala do homem pantaneiro; Buscou-se, efetivamente, observar as variações linguísticas que envolvem a linguagem do peão pantaneiro, por meio de um estudo e análise, sob a ótica da Sociolinguística laboviana e da Teoria da Variação.

Ao discorrer a respeito da questão das variações e das variedades linguísticas existentes nas línguas faladas no Brasil, a pesquisa buscou demonstrar que não existe um padrão correto ou uma 'língua única'. O que encontramos são diferentes estilos linguísticos predominantes na fala de um determinado grupo social ou comunidade de fala, confirmando assim, a heterogeneidade da língua. Há de se considerar ainda, os fatores geográficos; as variedades regionais e rurais; e a análise do sistema linguístico em si no que se refere ao sistema fonético (diferentes pronúncias) e lexical (regionalismos, neologismos).

Durante a elaboração da pesquisa, observamos que o conhecimento de uma variedade linguística de maior prestígio - baseada na gramatical normativa -, constitui um processo que forma o preconceito linguístico que, de acordo com Bagno “põe em evidência a importância de reconhecermos a diversidade linguística de nosso país”. Assim, o português falado no Brasil varia e se transforma; a língua muda e varia: “muda com tempo e varia no espaço, além de variar conforme a situação social do falante, observa Bagno (2006).

Cabe considerar que a língua apresenta, em sua essência, variedades dialetais e na pronúncia que confere um caráter identitário ao seu falante, de acordo com o grupo social ou comunidade de fala em que ele está inserido. Podemos verificar que língua é identidade e que falar diferente não significa falar errado. Isso reflete a diversidade linguística existente em cada região do país.

Portanto, se faz necessário respeitar as variedades linguísticas em seus diferentes aspectos, uma vez que nenhuma língua é melhor ou pior que a outra e que todo sistema linguístico objetiva expressar a cultura do povo que a fala. Como mencionado por Bagno (2003, p. 131), “a língua permeia tudo, ela nos constitui

enquanto seres humanos, nós somos a língua que falamos”; e ela nos possibilita um novo olhar de mundo e de novas maneiras de socialização com o outro.

Vimos ainda, que a norma padrão é apenas um modelo idealizado pelos órgãos oficiais sendo as variedades da língua reais e concretas e não abstratas. Nesse sentido, foi possível compreendermos que as variações não empobrecem uma língua, ao contrário, elas se fortalecem à medida em que as valorizamos, tornando-a mais rica. Assim como o linguajar do homem pantaneiro pode ser considerado uma riqueza cultural.

Ante aos pressupostos apresentados pela Sociolinguística, nos foi possível refletir a respeito da realidade do peão pantaneiro e reconhecer a construção das representações culturais como sendo a idealizada na própria imagem desse pantaneiro e nas suas histórias de vida que se manifestam também por intermédio de sua fala.

Por fim, a pesquisa demonstrou a importância da diversidade social, cultural e linguística para a preservação da identidade e da cultura da região; e, que se faz necessário desmistificar a ideia de uma unidade linguística no falar brasileiro, respeitando as suas variedades linguísticas regionais, pois elas constituem um valioso tesouro cultural. Nesse sentido, a língua deve ser compreendida como algo inerente a cada indivíduo e deve ser acessível a todas as pessoas de diferentes camadas sociais.

Cabe ressaltar as contribuições dos estudos da Sociolinguística no sentido de minimizar os preconceitos existentes a respeito da língua e, principalmente o seu uso em um determinado contexto social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990.
- ARAÚJO, Ana Paula de. **"Neologismo"**. Infoescola. Disponível em <http://www.infoescola.com/linguistica/neologismo>. Acesso em 30 de março de 2018.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 15ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. **Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola, 2001.
- _____. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 56ª ed. São Paulo: Loyola, 2015.
- _____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BARROS, Abílio Leite de. **Gente pantaneira**. Rio de Janeiro: Lacerda, 1998.
- BARROS, Leonir. **Magia Pantaneira**. Campo Grande: Associação de Novos Escritores de MS, 2004. In: MORETTINI, Marly Teixeira e URT, Sônia da Cunha. **Cancioneiro do Pantanal**. Campo Grande: Life, 2010.
- BARROS, Manoel de. **Para encontrar o azul eu uso pássaros**. 2ª ed. Campo Grande-MS: Alvorada, 2011.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental: **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CÂMARA Jr., Joaquim Matoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 1972.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). **Gramática do Português falado**. 2ª ed., vol. 1. Campinas: Editora da UNICAMP/ FAPESP, 1991.
- COSTA, Natalina Sierra Assêncio. **As variações entoacionais na língua portuguesa falada por mulheres guatós**. 2010, 131p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo - Faculdade de Filologia, Letras e Ciências Humanas – UNESP. São Paulo, 2010.
- DORSA, Arlinda Cantero. **Língua e discurso nas crenças sul-pantaneiras**. 2006. 245 p. Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/14413/1/LPO%20-%20Arlinda%20C%20Dorsa.pdf>. Acesso em: 10 de maio 2018.

FREITAG, Raquel Meister Ko; LIMA, Geralda de Oliveira Santos. Sociolinguística. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, 2010. Disponível em: www.cesadufs.com.br/ORBI/public/.../18534216022012Sociolinguistica_Aula_1.pdf. Acesso em: 17 de abril de 2018.

FIGUEIRA, Kátia Cristina Nascimento; LACERDA, Léia Teixeira; STEIN, Nedina Roseli Martins. **História da Educação e Fontes: a constituição do Centro de Documentação em Educação, Diversidade Cultural e Linguagens de Mato Grosso do Sul**. In: II Encontro de História da Educação do Centro-Oeste (EHECO), 2013, Dourados, MS. Anais do II Encontro de História da Educação do Centro-Oeste (EHECO). Dourados: Editora da UFGD, 2013. v. 001. p. 001-011.

GONÇALVES, Débora Fittipaldi. **O homem pantaneiro, suas crenças e atividades de turismo: uma leitura a partir da sub-região de Miranda**. 2008, 113p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Regional de Blumenau – FURB. Blumenau, 2008.

GONÇALVES, Débora Fittipaldi. **Turismo de experiência, culturas e desenvolvimento: uma relação possível para o pantanal mato-grossense na sub-região de miranda?!** 2016, 246p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Regional de Blumenau – FURB. Blumenau, 2016.

GONÇALVES, Débora Fittipaldi; WENCESLAU, Marina Evaristo; GARCIA, Daniela Sottili. 2009. **O Homem Pantaneiro e Atividades de Turismo: algumas reflexões sobre cultura, identidade e territórios**. VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo- 10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/6/139.pdf>. Acesso em: 20 de abril de 2018.

GANDOLFO, Monica Cristina. **A classificação das afasias em questão: lugares de institucionalização e de questionamento**. UNICAMP, Instituto de Estudos da Linguagem. 2006. 187 p. (Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas)

ISQUERDO, Aparecida Negri; ROMANO, Valter Pereira. **Discutindo a dimensão sociolinguística do projeto ALiB: uma reflexão a partir do perfil dos informantes**. Artigo publicado na Revista Alfa, São Paulo, 56 (3): 891-916, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n3/a08v56n3.pdf>. Acesso em: 20 de junho de 2018.

LARAIA, R. de B. **Cultura; um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LEITE, Yonne e CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 4ª ed., 2010.

LEITE, E. F. **Marchas na história: comitivas e peões-boiadeiros no Pantanal**. Brasília: Ministério da Integração Nacional; Campo Grande, MS: ED. UFMS, 2003.

MELO, Priscila. **"Neologismos"**. Disponível em <https://www.estudokids.com.br/neologismos-tipos-funcoes-classificacao-e-definicao/>. Acesso em 5 de abril de 2018.

MENEGAZZO, Maria Adélia e BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro. **Travessias e limites: escritos sobre identidade e o regional**. Campo Grande: UFMS, 2009.

MOLLICA, Cecília. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação**. In.: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, p. 9-14, 2003.

MORETTINI, Marly Teixeira; URT, Sônia da Cunha. **Cancioneiro do Pantanal**. Campo Grande, MS: Life. 2010.

MORETTINI, Marly Teixeira; URT, Sônia da Cunha; PIATTI, Célia Beatriz; MEDEIROS, Beatriz Teixeira Morettini; GODOY, Helena de Paula Salgado. **Expressões regionais**. Caderno de leitura. Campo Grande, MS: UFMS. 2012.

NOGUEIRA, Albana Xavier. **O que é Pantanal**. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **Pantanal: homem e cultura**. Campo Grande, MS:UFMS. 2002.

OLIVEIRA, Andreia Angela de. **A variação linguística em livros didáticos de língua portuguesa: uma abordagem sociolinguística**. 2016, 136p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS. Campo Grande-MS, 2016. Disponível em: http://www.uems.br/pos_graduacao/detalhes/letras-campo-grande-mestrado-academico/teses_dissertacoes. Acesso em 2 de maio de 2018.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2003.

PANTANEIRA, academia. **Povo pantaneiro**. 2018. Disponível em: <https://academiapantaneira.webnode.com/povo-pantaneiro/>. Acesso em: 15 de maio de 2018.

PINTO, Leda Maria. **Discurso e cotidiano: histórias de vida em depoimentos de pantaneiro**. 2006. 246 p. Tese de Doutorado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

PROENÇA, Augusto César. **Pantanal: gente, tradição e história**. 3ª ed. Campo Grande: UFMS, 1997.

QUEIRÓZ, Silmara Silveira Lemes Sampaio de. **Uso da variável curral e suas variantes "mangueiro" e "mangueira" em comunidades rurais: uma descrição Sociolinguística**. 2015, 102 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS. Campo Grande-MS, 2015. Disponível em: http://www.uems.br/pos_graduacao/detalhes/letras-campo-grande-mestrado-academico/teses_dissertacoes. Acesso em 5 de junho de 2018.

SILVA, Maria Lúcia da. **A linguística e a Sociolinguística numa perspectiva brasileira**. Revista Filosofia Capital. Vol. 4, Edição 8, Ano 2009. Brasília-DF, 2009.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

APÊNDICES

DEPOIMENTO 1 (D1) – HISTÓRIA DE VIDA DO SR. S. N. C.

Idade; 45 anos

Residência: Fazenda Paloma - Pantanal Alto

Duração da gravação: 70 min

Data: 28/08/2004

Meu nome é S. N. C. ... aí eu comecei a trabaia no Pantanal por volta de doze... doze ano... treze ano já comecei a trabaia no Pantanal... mas trabaia em cima de... da área de campero... né? Aí eu enjoei de trabaia no campo... tá? dos treze até os dezessete ano... eu trabaiei no... no campo... mas não... nunca tive acidente no campo... aí eu larguei de trabaia no campo e passei a trabaia com trator... aí minha vida foi só trabaia no Pantanal com trator... éh... puxá CARga... levá CARga... duma fazenda pra otra... as vês... a gente trabaia o dono da fazenda tinha duas... três fazenda... então... a gente tinha que locomove de uma pras otra pra levar CARga, né? são mantIMENTO... as vês arame... éh material... que as vês tava construindo e a gente tinha que levar... e daí que a gente começava a sofrer MAIS que a vida de campero... que as vês a gente achava que a vida de tratorista era mais fácil e não era... era mais difícil... mais difícil porque a cavalo você não atola e com trator você atola... né? com trator você atola e as vês fica o dia inteiro... a noite inteira com ele ali... sem poder sair... e de a cavalo não... se você saiu cedo... você tem certeza que à tarde você tá na sua casa... e a trator não... porque o trator não tem como você tira ele do lugar e pôr no outro... a não ser ele mesmo sair... né? então é muito difícil a vida no Pantanal nesse sistema... pra quem trabaia... todas as partes que você trabaia no Pantanal é difícil... né? não tem nada fácil... não existe nada fácil... porque só... o Pantanal é uma área muito grande... é uma área muito grande... então é difícil uma fazenda dentro do Pantanal... né? há quinze... vinte anos atrás que ela tinha três mil hectares... ela sempre é de QUARENTA mil hectares... CINQUENTA mil hectares... então pra você locomove... as distâncias são muito grande... você teje de a pé... você teje de a cavalo... você teje em cima de um trator... tudo é longe... tudo é longe (disso aí)... né? aqui pra cima da serra você sobe aí... numa fazendinha de três mil hectares... você anda o dia inteiro nela... de tarde você tá na ()... no Pantanal você anda o dia inteiro numa invernada e não chega no fim dela... são só fazenda grande... então as vês você... dum retiro pro otro... você vai dum retiro... você sai da sede pra ir num retiro vinte quilômetro... né? se tá na seca você faz ele com duas hora... se tá na época das águas... você vai fazer aí... o dia inteiro e ás vês não chega... você atola... você desatola... você atola e vai indo até você chegá no seu destino final... né? então... é por isso que eu falo que é difícil... então... as coisa lá não é fácil que nem as pessoa fala “ah... o pantaneiro tem uma vida feliz... o pantaneiro éh... éh... tranquilo”... tranquilo na realidade... mas a vida deles são muito difícil... não é fácil não... a vida deles... se uma criança as vês fica doente... uma pessoa TARde da noite... como é que você vai sai? a noite avião não baixa... né? então você tem que se sair... se mover de uma carreta de boi... você tem que sai em cima de uma carreta de trator... né? você sabe que você sai... agora você saber que você vai chegá lá... tal

hora... isso aí ninguém sabe... em cima duma condução... isso aí não tem previsão... né? são três tipo de recurso... são trator... né? cavalo... né? e barco... que você vai sair de lá... senão você não sai NÃO... as vês no começo do Pantanal... quando você pega o MEio do Pantanal... são só esses três pra locomover... as vês a pessoa fica doente... não tem (otro)... não tem um trator... não tem nada pra levar ele... vai ter que sair uma pessoa de a cavalo... até chegar numa fazenda que tem um trator... pra podê avisá aquela pessoa... pra aquele trator í LÁ naquela fazenda... pra pegá a pessoa... pra trazer até onde tem um ponto de carro que pega a pessoa pra levá (pro hospital)...qué dizê que aí você já perdeu tempo... se é um caso de salva vida... você praticamente já tá... bem mal... né? que da hora que você gastou duas horas de a cavalo pra í até nessa otra fazenda... se tivesse um jeito de você saí de lá... você tinha duas hora pra frente... né? você já tinha duas horas pra frente... então éh... por isso que eu falo “o Pantanal éh bom... éh bom... mas a dificuldade lá não é fácil... não é fácil mesmo”... mas têm pessoas... lá dentro que:: ... se você dé uma vida melhor pra ele... pra fora... ele não sai... ele NÃO acostuma... que ele já nasceu e criou em cima daquilo ali... a dificuldade pra ele... éh só a felicidade dele... mas não todos... não todos... então... pra mim mesmo... eu... eu fui trabaiano... trabaiano e fui veno que aquilo ali... não éh uma vida que a gente queria pra gente... não éh uma vida... você trabaia no Pantanal... você sofre... sempre... -- anoitece... hoje né?-- o Pantanal já quase... cinqüenta por cento dos lugar já tem luz... antigamente não tinha... né? antigamente não tinha... então você no escuro... é de lamparina... o mosquito... mosquito... hoje no Pantanal... noventa por cento... TUdo tem... né? então as criança tudo éh:: (ferrada)... tudo éh manchada dos mosquito... né? num tem uma no Pantanal que num tenha mosquito NÃO... você trabaia lá... por causa da sobrevivência... da sobrevivência você trabaia... tem a farTURA... tudo éh à vontade... tudo éh à vonTAdade... você num tem horário de serviço... hoje você pega quatro hora da manhã... no otro dia você pega as sete... então cada um trabaia em cima do horário deles... né? se chega três hora da tarde... você já tá... já paro... tá entendeno? Não é que nem uma firma... né? que você tem que pegá sete hora... largá onze hora... lá NÃO... lá cada um trabaia conforme QUÉ... então num/por isso que eles acha bom isso aí... eles num éh preso... então se você precisa sair “ó eu vô hoje na cidade” o patrão - - você fica quatro dia lá - - ele não te desconta nada... ele não te desconta NEM... nem um dia... chega no fim do mês... seu pagamento tá... em cima daquilo ali... daqueles quatro dias... cinco dia que você ficô pra cidade... aquilo ali não éh descontado nada... e se você trabaia pra fora e se você faiô dois dia... isso vêm descontando... isso vem descontADO... então é por isso que as vês a gente fala que o Pantanal éh bom... tá? mais... que não é fácil...(e... **o aprendizado do senhor... como é que foi? lá tem que aprende:::.. já ir sabendo as coisas? como é que se aprende?)** NÃO... a gente se aprende assim... tem uma pessoa que::... éh/você trabaia... vão supor no campo primeiro né? eu trabaiei... comecei a trabaia com doze ano... então... você num tem... você num sabe trabaia... então... você vai aprende oiando os zotro fazê... conforme o zotro vai fazeno... então... o próprio capataz... que (fala) que é da fazenda... ele apóia você... “vai lá... joga o laço... laça... pega... maneia né?” pra você í aprendeno... então você já aprende trabalhano... você já aprende

trabalHANO... aprende fazê tudo... () éh... se aprende tudo que é feito... em cima do campo... é os próprios campeiro que faz... ele aprende faze um (arreio)... aprende trança o laço... aprende fazê um::... ()... aprende tudo... então nada éh fácil pra ele... né? ele mesmo faz a traia dele... se você... vai aprende trabaia com trator... se eu com treze... dezessete ano... eu num saBIA... então o que eu ia sê? ia trabaia de ajuDANte... você começa trabaia de ajudante daquele tratorista... você tá entendeno? aí você vai trabaia de ajudante... aí você vai oiano ele... ele trabaia... muda marcha... pára... sai né? aí você pede pra ele “deixa eu leva um pouquinho?” então você vai pegá... como você vai pegá? você vai pegar nos lugar bom... porque se ele te dé num luga ruim... ocê vai ficar ruim... vai ser pra ele... porque você vai atola... vai fica mais difícil... então depois que você aprende nos lugar bom... aí você começa a::... dirigir também nos lugar difícil... pra vê se você tem capacidade de fazê o serviço que ele fez... então você já aprende sofrendo... você já aprende trabaia de em cima daquilo ali que você aprende... né? então hoje... você passa num lugar difícil... passou bem... quando é amanhã... ele já não tem medo de te entregar o trator pra você í sozinho... porque sabe que você vai e VOLta... uma atolada... duas atolada... não vai deixar o trator na estrada... você vai vim com ele... você vai desatolar... ocê vai sofrê até você voltar aquele trator pra trás... **(ih... você faz isso com boa vontade?)** boa vonTAd... tudo com boa vontade... e isso que ele num ajuda muito... você se vira... porque todas as vezes que cai numa dificuldade... e o próprio cara que é profissional... tira você... você jamais vai aprende... tá entendeno? então ele vai ‘NÃO... voCÊ tem que fazê assim’... ah mais... não... “faz assim que você vai sai daí” tá entendeno? agora se ele fizer... você não tá aprendeno... né? então... ele vai deixá você sofre um pouco... que é pra você aprende... pra vê se você tem paciência... se você não é nervoso... que as vêis a pessoa começa mexe fica muito nervoso... ele já larga de mão... pega o caminho e vai embora e a... sua máquina ficou pra trás... por que se não? “ah::... porque eu pelejei lá e não deu certo” mas como não deu certo? como é que o rapaz vai lá e tira e vêm? então a pessoa nunca pode fica nervoso... todo serviço que você fica nervoso... você não... não faz mais... éh um aprendiZADO... tudo que você aprende no Pantanal é um aprendizado... porque se você não aprende... você num VIVI... você não vive MESMO... tudo é diFícil... né? você tem que ter MUIta paciência... né? você atola o trator... se você ficou nervoso... aí... se o trator fica lá... ele fica::... você vai embora... que pra nós num... que pra nós... nada segura NÓIS... se você vem com trator bem... se não vem... você vem a pé... ocê vem por dentro d’água... rasgando água pela cintura... espantando jacaré... sucuri... mas você vem emBORA... por quê? porque você é CRlado e nascido ALI... você não tem medo daquilo ali... né? você não tem medo...você tá vendo na sua frente três... quatro jacaré... você vai pra cima deles... eles que tem que saí de você né? então se você ficou nervoso... você vai larga o trator? você tem que tê muita paciência... tranqüilidade... para pensa... cuma que eu tenho que fazê pra mim sai daí? até você achá um meio de você tirá a condução que você atolou... pra pode vim embora... né? então... é onde você vai pegano média cos patrão... **(ah tÁ...)** você tá entendeno? se você começá desisti... eles já te manda emBORA... né? você não SERve.. éh::... você não SERve... porque você vai leva uma carga... principalmente de uma fazenda pra

outra... hoje chegou a compra do mês... aí eles põem você pra levá essa compra lá num retro... cinqüenta quilômetros... lá no retro... as pessoas de lá num tinham mais nada o que cumê... já tinha acabado... então aquela compra tem que chegar Lá... aí você atola o trator... fica nervoso... volta pra trás... aquela compra vai chegar lá em três quatro dia... qué dizer que você não tá sofrendo... quem tá sofrendo é os outro que tá sem nada lá... então... aí tem que existir muita paciência... tranqüilidade... pra você consegui leva aquele que foi posto pra você até no destino final... né? tem que dá um jeito de se leva lá... então a gente::... cada lugar que a gente trabaia... em todas as fazendas... cada um gerente... cada um capataz tem seu modo de lidar... tá entendeno? aqui um lida dum jeito “ah... eu vou sai daqui porque o capataz é ruim” as vês você vai prum outro lugar... é pior ainda... o capataz de lá é mais rígido... né? ele não gosta de brincadeira... ele quer as coisa certo... né? então você vai se habituano... a CAda tipo de fazenda é um tipo de... de mandato... né? cada tipo de fazenda... você trabaia com tipo de pessoa diferente... ocê tá entendeno? tem lugar... que você trabaia numa fazenda... que você vai sai com trator... eles qué que você sai correndo... vai ligero e volta ligero... tem lugar que eles não gosta que corre... né? eles prefere que você vai mais devagar... então tudo você vai aprendeno conforme os... os líder da cabeça... que é o capataz... se não tem o gerente é o capataz... se tem o gerente... primeiro é o gerente... você vai lá... você vai degavar... você pode chegá lá à tarde... já tem outros que fala “não... eu quero que você chega aqui meio dia” você tá lá... aí você tem que:: apertá... então é muito difícil... se você vai sai duma fazenda pra outra pra/prabaia... eles vai pedi informação por que que você saiu de lá? o quê que você fez lá? né? “mas por que que ele saiu daí?” “ah... ele saiu daqui porque brigou com capataz” “mas por que que ele brigou com capataz? o que que o capataz fez com ele?”... né? “ah... o capataz xingou ele” “ah... então ele não trabaia aQUI” porque hoje... muita gente éh:: quer tratar você com a ingnorância... e com a ingnorância hoje nós não resolve nada... não éh mesmo? **(então, de vez em quando existe esse tipo de... de desaforo?)** que as vês éh:: eu... trabaio com trator... eu não sou tão bom como outro... as vês... o outro faz aquilo ali... com maior facilidade que eu... mas eu num tenho a::: a... -vamos supô assim - - a tranqüilidade que ele tem... e tem muitos que não qué que tudo... que seja igual... num existe tudo igual... num existe tudo igUAL... tem uns melhores... tem otros mais ruim – faz... mas mais devagar – tem outros que fazem aquilo ali... mas diferente... né? então... as vês, aonde você sai duma fazenda pra outra éh através disso aí... né? e no campo a mesma coisa... - - se corre uma (rês) - - as vês tem pessoa que com cinqüenta metro laça ela... tem outro que vai laçá com duzentos metro... né? então... as vês o capataz num vê esse lado aí... ele qué que seja todo mundo BOM... num existe todo mundo bom... num existe todo mundo éh bom... tem uns que éh melhor... outros éh (pior)... mas que faz... faz... mas não com a mesma ligeireza que um::: né? porque as vês você fala assim ‘ah... eu fiz tudo ligeiro’ tá bom... tudo ligero você fez... mas se você for oiá aquilo ali... de tudo ligero que você fez... você vai aproveitar dez por cento... porque o resto ficou errado... né? só se você não (tem) aquela tranqüilidade... aquela... aquela coisa pra você fazê aquilo ali... você tem que fazer... CAda vês que você fazê você tem que fazer bem feito... bem FEITO... se você fizer bem feito... você

vai te tudo... (...) éh::... que o patrão gosta... né? tudo que o patrão gosta... porque a nossa vida lá no Pantanal éh:::... num éh::... uma vida tranqüila... pra você sobreviver... tudo que você vai... vai pra sobreviver... você tem que sofre... tudo você vai ter que sofrer... num existe nada FÁCIL... **(e... a Caimã, como é que foi?..)** foi na Caimã... na Caimã que eu fiquei cinco ano e meio... mas lá eu já era... -- conforme a gente vem aprendeno de tratorista... então... você vai aprendeno... você vai aprendeno... você vai aprendeno e vai subino... né? vai subino... -- então na Caimã... eu já entrei como encarregado de máquina... daí eu comandava dezesseis tratorista... eu comandava lá... tudo éh:::... tudo era por minha conta... então... eu num precisava í no gerente pra saber se eles podia pegar um dia... se eles... precisava de um dia de forga... eles num precisava í no gerente... eles podia vim ni mim né? se eles precisasse dum dia “não, você pode í... né?” o gerente num precisava nem saber quando... “o J. foi pra cidade?” “foi...” mandei porque eu sabia que ele podia te aquele dia de forga...né? então... tudo era comandado por mim... e graças a Deus... trabaiei cinco anos e meio... tive pobrema com o gerente... né? com gerente tive pobrema... que foi a minha saída... nunca a gente é prefeito... um dia as vês... você tá nervoso ele também... onde foi a nossa desavença... mas::... a gente tem que (caça jeito) pra fazer as coisa bem feito... pra você pode subi na vida... se você num fizé bem feito e com tranqüilidade... você num sobe nunca na vida... nunca... nunca... nunca... () de lá eu vim pra fazenda Estrela... aí pra... aí já foi em cima da (serra)... vim pra fazenda Estrela só que daí eu num era mais o encarregado... eu já vim ser subordinado... né? eu já fui sê pião... lá já era outro encarregado que mandava ni mim... aí que trabaiei três anos e meio lá... aí eles venderam a fazenda e eu vim pará hoje aqui... na Paloma. () um ano e seis mês... já fez que eu tô aqui na Paloma... fez um ano e seis mês... **(o senhor tem::.. algum::.. o::.. divertimento como é que é no Pantanal... como é que era lá... vocês têm momentos de::.. lazer... de::... como é que... como é que isso funciona? ou é só trabalho? mesmo que () do trabalho..)** não... eles tem lazer... o lazer deles... éh hoje... éh o domingo “ah... tá tudo parado... vamos lá na fazenda... fazenda fulana lá brinca” de que que eles vai brincá? vai lá conversar... diverti... você tá entendeno? então... as vês lá na... - - aqui nós somo quatro pião... lá éh mais três - - então num tem como você fazer um divertimento... um jogo de bola... com sete pessoa né? você vai lá... mas só conversá e falá das coisa... que você mesmo fez... ah... eu lacei uma vaca... eu atolei o trator... eu... eu montei num bezerro... eu... eu brinquei... montei num cavalo... então esse aí é o divertimento deles... () éh muito difícil... éh muito difícil... lá no Pantanal mesmo... é muito difícil festa... né? e se tem uma festa... as vês... num é todos que vai... por exemplo um pai de família... tem uma festa daí::... cinqüenta quilômetros... num tem como ele í... porque num tem condução pra leva... então quem vai mais é a rapaziada sortera tá entendeno? que as vês... onde vai ter aquela festa... éh::... carro num vai... só vai a cavalo... como é que um pai de família vai as vês com três crianças... muié... tudo em lombo de cavalo... né? então... os rapaz sortero se locomove com mais facilidade... porque ele é sozinho... né? ele pega uma muda de roupa... ponha num () dele... ele vai com a roupa suja... chega lá ele toma banho... troca de roupa... no outro dia ele pega o caminho e vem embora... então... mais éh sortero... mais éh sorTEro... só participa mais os casado...

éh... quando a festa éh na fazenda que você mora... aí os casados participa... já os outros que moram nas outras fazenda vizinha... talvez já num vem também... que as vês a festinha vai até uma hora... duas hora da manhã... aí você volta tudo a cavalo... com criança... duas hora da manhã pro seu... pra sua fazenda... então... talvez vai... talvez não... né? talvez “ah:... vai lá numa festinha de aniversário... um:... um bolo que vai fazer” então convida as fazenda... né? “vai lá” então você vai prum:... sonzero lá pra você escutá... até uma hora... duas hora da manhã e cada um vai pra sua casa... então se você tem família... como é que você vai volta as vês uma hora da manhã com criança dormindo em cima de cavalo... né? que as vês essa... esse dia que teve essa festa o Pantanal tá cheio... né? não tem como você í de carro... não tem como você í de trator... só vai mesmo a cavalo... né? as vês um trator num vai... né? porque éh:... éh o campo das fazenda (então)... as vês uma fazenda dentro do Pantanal... ela faz divisa com quatro... cinco fazendas... as vês dez fazenda... então... (talvez) durante o dia você encontra... com os outros... pessoa de lá... que você tá dentro do campo da fazenda... você passa na divisa... você vê uma pessoa do outro lado... aí você... — ah:... lá na fazenda fulana vai te uma festa... então... através disso que vai a comunicação... as vês... éh buscá uma (riculota) né? uma (risca) que ele qué... dessa fazenda... que passô pra de lá... o capataz avisa... né? aí você vai lá e já sabe a notícia... que na outra fazenda da frente... vai ter uma festa... né? existe muito o rádio amador... né? em cima do rádio amador... que as vês você tá falano e você escuta otra fazenda fala... você fala com ele “ah! aqui vai te uma festa... fulano... você vem aqui... né?” então... você vai... a vivência é muito BOA... muito BOA... acho que o Pantanal... éh uma área do Pantantal que éh... vamos supô assim... ingnorância existe em qualquer lugar do Brasil... mas o pantanero... você pode andá dentro do Pantanal... não existe ingnorância... não existe ingnorância... são as pessoas... tudo quanto éh lugar que você chegá... você é bem tratado... tudo lugá que você chegá... você é bem tratado... — **(cedem a comida... cedem...)** cedem a comida... se você chegá numa casa dum pantaneiro... a primeira coisa que ele pergunta pra você — você já comeu? você já armoçou? você quer tomar um tereré? ele qué sê/ele qué fazê você feLIZ... aquilo ali pra ele éh um prazer... né? se as vês... ali vai passá gente ali... cada:... quinze dia... vinte dia que passa uma pessoa... quando chega uma pessoa estranha pra eles éh um prazer tá recebendo dentro da casa deles... não é todo dia que eles vê aquele tipo de gente... eles vê aqueles... aqueles deles ali... né? as próprias pessoa da comunidade do Pantanal... que todo dia... as vês eles vê... as vês duas vês por semana ele vê... mas essa pessoa de fora éh difícil... por que... que uma pessoa de fora vai fazer no Pantanal? né? ela vai atrás de uma entrevista... vai as vês... cruzá duma fazenda pra outra... as vês quebrou o carro... ela vai de a pé... então... todo lugar que você chega lá... você tem (esse espírito)... você tem (esse espírito)... e o que eles pode cede pra você... eles cede... se você tá indo de a pé... eles te dão um cavalo... se tive um trator “não... pega fulano... leva lá na fazenda” eles manda leva... então éh diferente de outros lugar... se você hoje... trabaia em cima da serra... ninguém te dá nada... se você pedi um favor aí... muita gente num faz pra você... se você quebrá um carro aí ó... e pedi pra uma fazenda í puxá pra você e levá até num recurso... ninguém LEva... e no pantanal... as vês... se uma pessoa anda aí...

levando um trator que quebrou aí... as vês... trinta... quarenta quilômetro... quanto custa isso? num custa nada... por quê? porque ele faz pra você hoje... amanhã você faz pra ele... então... são trocado... isso é trocado... né? ninguém cobra nada de ninguém... pra otro lugar que você fizer isso... eles só faz em cima de dinheiro... só em cima de dinheiro... se você não pagá você não faz... e lá pra lá... não... éh... essas vantagem e pra lá ninguém cobra nada de ninGUÉM... ninguém cobra nada de ninguém... se precisá hoje... dum trator pra í trabaia numa fazenda vizinha... o fazendeiro “oh... vai lá e trabaia o dia inteiro pra lá” “quanto custa?” “num custa nada” porque amanhã... ele vai... talvez ele vai precisá daquela fazenda... que você prestou um dia serviço pra ele... trabaia pra ele também... então... eles chamam... né? então chama... “você vem... trabaia” num custa nada... né? num custa nada... então você sai... fica as vês quatro dias na otra fazenda... você não vai pagá cama... você não vai pagá comida... você não vai pagá nada... se você precisa í naquela fazenda... vai acontece a mesma coisa com você... ninguém vai cobra nada... né? são áreas muito boas... NESse sentido né? mas:::.. falá que o Pantanal éh:::.. éh:::.. muito bom... muito bom... éh só pra quem é de idade... sessenta... setenta ano... que nunca saiu dali... então... eles (gabam) aquilo ali... mas a próxima geração... dessa geração que nós tamo hoje... pode... pode desce aí por baixo e preguntá... eles vai falá que tudo éh difícil... **(hoje se trabalha com carteira assinada?..)** HOje já assina em quase todo lugá... éh, quase todo lugá... mas antigamente não... eu comecei cum treze anos... num exis/JÁ existia a carteira de trabalho... mas ninguém assinava... hoje eu tenho... vinte e dois ano de cartera... tô com quarenta e cinco... tenho vinte e dois ano de cartera assinada... por quê? porque você sai duma fazenda e entra na outra... ninguém assinava cartera... hoje a lei... já tá obrigano qualquer lugá que você teje... a sua cartera seja assinada... toda/todo lugar... né? se você entrou hoje... amanhã a sua cartera tá assinada... já! **(já tem como aposentar...)** exatamente... se hoje... se você não tiver treze... quatorze ano de cartera assinada... dificilmente você vai consegui aposentá... se você não tivé um padrinho pra te:::.. ajudá aposentá... dificilmente... se você tem vinte cinco... trinta ano de cartera... éh mais fácil pra você (aposentá)... porque você contribuiu cum INSS... éh... né? se você não contribui fica difícil... aposentá... mas é difícil... né? então... são as coisa que:::.... hoje as vês você preferi... as vês... ganhar MENos num lugar... com a cartera assinada... que você vai segurá você e sua família... né? e aqui... você chega no Pantanal... ainda tem um monte de fazenda que num tem/tem pessoa aí que tem dez... doze ano que trabaia na fazenda e num existe cum carteira assinada... não tem ainda... né? por quê? porque eles num liga... eles acha que aquilo ali pra eles éh uma felicidade... eles num pensam no amanhã... eles pensam o HOje... se ele comeu hoje... pra ele tá bom... ele não pensa no amanhã pra eles... né? eles acham que TOda vida eles vai manter e sobreviver no Pantanal... né? eles num vê a velhice deles... as vês... tá chegando... eles precisa dum lugar... melhor... se você trabaia vinte e cinco ano numa fazenda... num tem uma cartera assinada... como é que você vai ter o recurso pra saí do Pantanal pra comprá uma casa na cidade pra você morá? se o patrão não te der aquilo ali... -- éh por bondade -- você trabaiou vinte e cinco ano perdido... **(e tem uns que dão?)** talvez dá... talvez dá... isso depende muito... as vês você tá cum vinte e cinco ano que

trabalha... você foi um excelente empregado... né? o patrão gosta de você
barbaridade... cum vinte e cinco ano que você tá lá... você brigô... xingô o fazendero...
você perdeu tudo os vinte e cinco ano... num éh mesmo? ele ficô bravo com você...
então... aqueles vinte e cinco ano de prazer... de... serviço prestado que você fez pra
ele... ele não considera mais... ele considera a partir daquele momento que você xingô
ele... **(hum...)** você tá entendeno? as vês foi o quê? uma hora... as vês meia hora de
discussão... aqueles vinte e cinco anos já... já foi... né? “ah... mais trabaizou vinte e
cinco ano saiu e me xingo”... aí... num te dá nada... e as vês tem muitos que fala
“NÃO... nós briguemo aquele dia... mais eu vou dá uma casinha pra ele” de seis...
você tira um... que vai fazê isso pra você... então... se você tivÉ a sua cartera
assinada... você teria como... comprá su/sua casinha... você tá entendeno? então...
você perde muito sob isso aí... muito mesmo... **(e a família... você constituiu como?
em que lugar?)** a minha famíia... quando eu constitui ela... foi em oitenta e cinco...
oitenta e cinco eu casei... casei em Aquidauana e trabaia em... em ::cento e dezoito
quilômetro na fazenda Paiaguás... cento e dezoito quilômetro no Pantanal... na
fazenda Paiaguás... aí nós casemo... mudei pra lá... já num quis tê filho no primero
ano... porque a dificuldade... eu num sei se vai sê bom... se num vai sê bom... e você
com a muié... você sai de a pé... você chega... você tendo uma criança já é mais
difícil... aí fiquemo um ano e oito mês pra mim vê... também se dava bem... com
patrão... (pra mim) não era mais só eu... aí eu já tinha uma muié pra me acompanhá...
tá entendeno? eu sendo sozinho... eu vou lá... se num dé certo... em um mês eu vou
embora... só que aí... eu chegava dentro da cidade eu tinha a casa dos meus pais...
pra mim ficá... e eu casado... tinha que tê a minha né? por muito bom que seja o sogro
e a sogra... num é como você tá dentro da sua casa... então... já muda totalmente a
diferença... né? muda e muda mesmo... aí é que eu... eu vim trabaizando... vim
trabaizando... aí eu fui pro norte de Mato Grosso... lá pra lá de Coxim... pro Pantanal
também... -- pra gente podê/sempe eu pensei comigo... se você casou, você tem que
tê casa... né? se você casou... é porque você saiu do poder do seu pai... né?-- aí eu
fui pra lá... trabaiei mais de dois ano e meio lá no norte de Mato Grosso... ali perto de
Rondonópolis... né? lugar BOM... já difícil pra locomove... nós tinha... nós tinha... são
trezentos éh::... quatrocentos e vinte quilômetro daqui lá.. pra nós i vê meu pai e
minha mãe... né? se nós quisesse sai lá da fazenda... pra mim vê meu pai e minha
mãe dentro de Aquidauana... são quatrocentos e vinte quilometro... né? então... pra
você vê... tudo é difícil... tudo é difícil... tivemo dois filhos... a guria já fez dezenove e o
guri tem onze... onze ano... bom... aí eu tive essa guria com... em oitenta e cinco... aí
dei um tempo... né? vamo pará... porque você fazê filho hoje é fácil... cuidar deles que
é difícil... né? então... primeiro você vê se você tem condição de cuidar dos seus
filho... aí sim... você faz o filho... ele não pede para nasce... mas eles tem que sê
(espirrou)/então... pra você tê hoje cinco... seis... sete filho... num tá fácil... num tá
fácil... é muito difícil... a guria tá no terceiro ano e o guri já tá na quinta... então... ele
tem onze não... **(estudam em Aquidauana?)** NÃO... ela estuda no::... no Taboco
mesmo... no Taboco mesmo ela estuda aí e o guri já vai pra quinta série... então... ela
esse ano ela fecha o ensino médio... né? aí ela já vai prestá:: cursinho pra fazê o
vestibular... aí ela vai segui o que ela... pretende sê né? mas por enquanto ela tá

fechando o:: ensino médio do terceiro ano... agora... esse ano ela... se ela não reprová ela... - - peço a Deus que não... né? que nunca reprovou - - ela fecha o terceiro ano... eu já também fiz de tudo na minha vida foi... foi... fui até balconista () pra tê os filhos estudano... porque lá no Pantanal é difícil escola... então... você não tem escola no Pantanal... né? se você tem um escola é até quarta série... aí da quarta série pra frente... você tem que saí... ou você deixa os filhos sem estudá... ou... muda do Pantanal... eu mudei... mudei pra mim podê dá estudo pros meus filhos... eu já num tenho... né? meu estudo é pouco... então... pra sê uma família de tudo analfabeto... (riu) achei que:: num compensava né? então... pelo menos um da família tem que tê estudo... daí que eu vim:: mudando... vim saindo do centro do Pantanal... vim subindo mais pra frente... onde tinha até oitava série... aí onde tinha oitava série... se num tinha mais recurso pra mim... eu vinha pra cidade... éh:: eu trabaiava sozinho na fazenda... mandei minha família pra cidade... passando um MONte de dificuldade sozinho... pra manda a família pra cidade... pra podê os filho estudar... né? aí eu trabaiava sozinho... aí eu fui... aí eu fui enjoando de trabalha sozinho... aí que eu comecei a tra/pensa assim numa fazenda que tivesse condições de nós morá junto... com a faMília estudano... tudo junto... aí... então... mais num é fácil... mas graças a Deus consegui a fazenda... que foi aí... pertinho de:: de Campo Grande... então tinha condução que levava até Campo Grande e trazia até a fazenda... aí nós mudemo tudo junto... aí você fica em:: harmonia com a família... né? que as vês... aí você trabaiando no Pantanal... as vês vinha em casa a cada quarenta e cinco dia... trinta dia... que as vês na época que chegava o fim do mês... deu vim pra casa... num tinha condução né? num tinha condução pra mim í... aí eu... num é o dia... você tá entendeno? ali num corre um ônibus... ali num tem um carro de linha... ali num tem nada... né? você fala “ah::... o fim do mês eu venho” “tá... então fim do mês você vem” aí quando chega o fim do mês o patrão liga lá... “compra mais daí vinte e cinco dia mais pra frente” aí eu tenho que ficá lá... porque de a pé num tem como você vim... né? são duzentos... trezentos quilometros... aí... aí eu fui enjoando daquilo... aí eu falei “não, eu vou::... vou muda” aí eu mudei pra mais perto da cidade... onde eu vinha e voltava... porque tem pelo menos uma... uma estrada... corre um ônibus... né? pra mim poder vim pra cá... mas mesmo assim a gente vai se enjoando... aí eu fui caçando um jeito de trabaia só onde tem escola... então... onde tivé escola... que cabe eu com a minha família... eu vo trabaia lá... se não tivé... eu mudo pra cidade... eu mudo pra cidade... porque ali eu trabalho ali durante o dia e a noite to na minha casa... porque acho que uma família que::: trabalha um prum lado e outro pra outro éh::: dificilmente ela é feliz... dificilmente... tanto pro homem... quanto pra mulher num éh fácil... aí eu resolvi a subi a serra... falei “não... eu vou embora pra cima porque... aqui pra baixo é difícil” **(então, o senhor tem além desses sonhos que eu vi que o senhor já colocou aí... que... ter a sua casa, dos seus filhos estudar... o senhor ainda tem mais algum sonho que o senhor quer realizar?)** tenho... é de formá meus filho.. **(ah!)** vou trabalhá pra podê formar (do jeito...) onde eles qué chegar... talvez num... num realize o meu sonho mas tenho essa vontade... se minha filha quisé... “vou sê veterinária” eu queria éh tê condições de fazer ela sê o que ela qué... tá entendeno? isso é meu sonho... né? aonde você as vês passa mais dificuldade...

pra poder dá felicidade pros seus filhos... tá entendeno? EU... já tô no fim da picada... né? mas queria dá::: a felicidade pros meus filho... né? se amanhã ou dispois eles não vai recramá pra mim “ah... mas eu tinha vontade de sê isso e meu pai não deixô” daí... eu queria deixá eles formados... durante eu num formá eles... eu num tô sastifeito... eu num tô sastifeito... **(o senhor tem algum tipo de medo?)** (risos) o maior medo da gente éh a própria vida... né? (risos) a própria vida da gente... a própria vida... porque o medo... eu acho que ele não existe... quem faz o medo é a gente mesmo... né? a gente mesmo que faz o medo... porque eu num vejo nada que dá medo... na fazenda não... na fazenda eu acho que nada dá medo... o medo só existe na cidade... aonde você sai e você num sabe se você chega... né? na fazenda num existe esse tipo de medo... né? eu acho que... pra nós aqui num existe medo... né? você pode tomá um susto... mas falá MEdo... medo mesmo... o quê que vai tê aqui pra nós? nada... nada... porque nós num temo uma área de bicho perigoso... nós num temo uma área... de mata selvagem... onde a onça pode te ataca... nós num temo aqui... né? de repente você vai/passa um bicho... você pode dá uma assustada... mas tudo em cima do normal... agora na cidade grande... aí você tem que tê medo... ali sim... ali o::: o perigo existe na cidade... né? ali tem o perigo... pra nós aqui não... pra nós aqui nada dá medo... de jeito nenhum... **(o senhor é feliz?)** eu acho que eu sô... em cima do que nós depende... eu sô... eu tenho a minha família né? sô feliz com ela... sô feliz com meus filho né? posso... queria dá mais felicidade... só que eu num tenho condições... né? nós num temo condições de dá uma felicidade... as vês pra família da gente conforme a gente qué... né? pra você tê uma felicidade... dá uma felicidade as vês pruma família... um conforto de vida melhor... você tem que ganhá melhor e hoje em dia pra você ganhar melhor... num é qualquer lugar que... que as pessoa vai pagano pra você... as vês o que você merece né? as vês você merece muito mais do que aquilo... mas ninguém te reconhece... se você num::: num... num buscá o que você qué hoje... ninguém reconhece o seu serviço... se pude baixá o seu ordenado eles baixa... mas levantá não... (risos) mas é a realidade... né? “ah... o fulano é bom... porque eu trabalho com ele há cinco ano... ele é bom” Oia... aí você fala pra ele “eu vou embora” “mas porque cê vai embora?” “eu vou embora porque o ordenado tá poço” “então... você vai embora... porque aumentá pra você eu não vou aumenta” então... você num é bom... você tá entendeno? então... você num é bom... porque se você fosse bom ele aumentaria seu ordenado e num deixava você saí... então... você é bom durante você tá trabaiano... a partir do momento que você não qué trabaia em cima do que eles qué... você tá dispensado... você tá entendeno? então... não existe pessoa boa... né? ah... a pessoa é boa... trabalhou lá há dez ano lá... a pessoa é boa... se você pedir um aumento pra ele... ele vai arranjá outro que trabaia mai/MAIS barato que você... porque o custo de vida hoje tá muito duro e desempregado tem muito... se eu num quero outro qué... **(o qui é a felicidade para o senhor?)** eu acho que a felicidade pra mim éh::: você vive bem... né? você vive bem... você sê uma pessoa boa... né? se você num seja muito ingnorante com as pessoa... você tratá todo mundo bem... as pessoa te trata bem... acho que aí é a felicidade de você... então... toda vez que você recebe... você recebe bem... você chega numa casa... você é muito recebido... então... éh::: a felicidade... porque a partir do momento

que você seja uma pessoa fechada... né? que não se dá com todo mundo... você::
éh:: dificilmente vai tê felicidade... você recebe uma pessoa alegre na sua casa né?
aí... éh a felicidade da pessoa... eu vejo por aí.

DEPOIMENTO 2 (D2) – HISTÓRIA DE VIDA DO SR. J. Q.

Idade: 70 anos

Residência: Cidade de Aquidauana

Duração da fita: 50 min

Data: 02/10/2003

A gente morava no pantanal... pantaNAL alto ... não... pantanal... baixo... depois de muitos anos eu fui morá no pantanal baixo... então:: minha mãe morreu muito cedo... eu tinha de certo o quê... uns cinco... seis anos... eh:: meu pai estraviou no mundo como diz o...eh...né? o caboclo... (ele) suMIU... ficou desorientado::... (tossiu)::... então::... até me emociona... sabe?...éh::... éh::...aí... aí... a gente foi morá com a vó... minha vó era uma gaúcha MUItto trabalhadeira... MUItto dinâmica...juntô todo mundo num lugar só... aprendemos muita coisa com ela... ajudávamos ela fazer flores (sabe?)... pra podê ganhá o pão... (e) teve muito ajutório... do Cel. Z. (esse povo antigo aqui) ajudou muito ela porque eles eram do Rio Grande... né?... então::... eles ajudaram muito a gente... aí... depois de muitos anos meu pai a/(casô) apareceu eh::... aí já apareceu com uma mulher...e essa mulher nos amparou... (porque)... os macho - - vamos dizê assim - - os guRI... fomos criado com o papai... e trabalhando... desde dez anos... oito anos a gente trabalhô duro mesmo... fazia de tudo (na vida)... fomos casqueiro... naquela época tirava muita casca ...de madeira... de angico... pra vendê::... fazia contrato com a Noroeste... não sei com quem... curtume de São Paulo... né?... e a gente mandava pra lá... e aí ficamos muitos anos trabalhando... mudamos pra Miranda-Estância... meu pai foi sê gerente na Miranda-Estância na época de Dom R. ... que era Companhia Inglesa... né?! a gente foi morá lá e lá a gente aprendeu de tudo... estudamo um pouco... eh:: trabalhava... ajudante de bulicheiro... de loja... bolicheiro... naquela época chamava bulicho... então a gente era ajudante de bulicho... e estudava e trabalhava no campo... era campero também... aí ... passamos uns quatro... cinco anos... aí o meu pai saiu... saiu e foi trabalha com o genro dele que era o Dr. E. ... e a gente também trabalhando... e fomos mudá da... da fazenda Miranda-Estância para a Vazante... onde estivemos uns quatro anos também... fazia... quase as mesmas coisa cuidava gado... rebanho... e domava muito... a gente domava naquele tempo diz que pra ganhá mais dinheiro... éh::... ganhava... oito rea/oito cruzeiro por animal que domava... né? ajudá salário... salário e ajudando o pai... que nós nunca tivemos salário... trabalhava muitos anos... até vinte anos eu trabalhei sem salário de nada... ajudando o pai... ajudando (a turma)... aí mudamos pra fazenda ()... mudamos pra fazenda Divisa... que ele comprou no pantanal lá do outro lado do Rio Negro e enchia demais... naquelas épocas... enchia MUItto... em

cinquenta e quatro mais ou menos... enchia demais... (nóis) levemos... uns sessenta dias pra saí daqui... de...de... da Vasante... pra chegá nessa fazenda Divisa... e tinha que atravessá o Rio Negro... o rio Aquidauana e tudo tava cheio... então parava... dez dias... cinco dias esperá rio baixá ... córgo abaixá ... co... corixo... né? ah... lá é corixo... fazia... fazia:: estiva nas carreta... tudo com carreta de boi... não tinha... não andava carro... e então chegamo na fazenda Divisa e (fomos) moramos lá uns Olto anos... mais ou menos... oito a dez anos... aí eu vim pro quartel... aí... do quartel aqui em Aquidauana... vim pra Aquidauana... servi o exército... éh::: aí::: achei a dona A. ... namorei ela... e.. acabei casando... né?! e... aí a vida continuou... aí... daí já fui ser retireiro... já casei... já tinha mulhé... já podia ser retireiro... de fazenda... fui... voltei pra Divisa... lá fiquei uns quatro... cinco meses... também era avião... avião ou a cavalo... aí viemos de avião pra fazenda São José... ele comprou a fazenda São José... e nós ... ficamos morando lá... eu como retireiro... Seu S. P. era o dono da São José... nessa época... (em) que o E. comprou... aí ficamos aguardando a retirada de todos os objetos dele... né?... ficamos morando na fazenda... quando ele levou todo ga/du(essas) coisas eu fique de retireiro... tive uns três anos sozinho... só eu e a A. ... recebi um gado pra cuidar... um plantel de gadu Gír.. então... eu fazia tudo... eu era retireiro... era pião... era capataz... era tudo... fazia todo o serviço da fazenda... certo?... e o meu tio era o gerente da fazenda... ele me deu uma égua velha e um burro aporriado e dez éguas pra mim adomá se eu quisesse andá a cavalo... bem a cavalo e eu domava e a dona A. me ajudava... ela.. segurava... eu montava... então nós só (tossiu).. a gente pedia a Deus pra ajudá pra não acontece nada... e aí eu morei lá... uns deis anos... na fazenda São José... meus filhos nasceram todos lá... né... o/a M. ... a V. e o C. ... aí eu fui... comecei a enxergá e a ... querer mudar de vida... né?... aí eu/esse tio meu saiu da fazenda... (Pequi) aí o E. me levou... pro Pequi... aí eu já fui ser capataz mais evoluído... né? mais... melhorado... ai passei a gerente... mas fazia tudo... gerente e capataz naquele tempo e pião tudo era uma coisa só... trabalhava que só um condenado... né?... a gente trabalhava pra mostrá serviço... e tinha ambição de querer se gente... hoje em dia é difícil... né?... pião ninguém qué se gente... qué se/qué ganhá do patrão... qué por o patrão na justiça eh::: eh não... não qué nada... ele qué só isso... só prejudicá a quem dá pra ele a mão que mata a fome dos filho dele também... né?... que... eu sempre (digo) que o melhor emprego é de fazenda... o cara ... que se... se ele souber se tive ambição de ter alguma coisa... ele tem... porque é só ele economizá... ganhá ele ganha bem... coMlda ele tem... todo mês o patrão leva... carne ele tem na fazenda... ele não vai pra frente porque ele não quer... moradia... água... luz... não paga nada... () infelizmente... a nossa justiça é contra isso porque... eles põem você na justiça... né? (no Ministério) e você sempre é prejudicado... mas é um... negócio muito desagradável... - - e assim foi - - hoje... aí eu comprei uma fazendinha... comprei... antes disso eu tive um amigo que foi meu segundo pai... chamava-se I. (T.)... esse homem começou a freqüentar a fazenda Pequi... arrendou/o Dr. E. arrendava gado pra ele a partir lucro e ele me dava muita orientação... ele era um senhor de Lavínia e tinha fazenda em Dourados... homem bom... caboclo... caboclo bom... ele começou a vida também... como se... serraria e foi adquirindo e tal e ficou MUITO bem de vida... tinha fazenda... tinha dois avião... e aí (enfim)... tinha muita coisa... ele era muito bom.... ele me orientou... e

que me ensinou também muita coisas... formação de PASTO... foi MEU professor... eh:: (tossiu) arrendei pra ele... nessa época... o E. ... que era meu cunhado... me deu invernada como deu pra todos os peões da fazenda... também - - conseguido por mim - - cada pião tinha seu lote de gado... tinha ... teve pião que tinha até trezentas reses... eu era privilegiado cheguei a ter quinhentas... então eu dei pra esse I. T. arrendado... né?... ele me/levou pra/não sei pra onde... ele levou/arrendei o gado pra ele.. ele levou... e sempre ele me incentivava “J. compra uma terra pra você” aí eu... por intermédio dele... ele me ajudando... eu comprei essa fazendinha... ele me levou de avião... falou “J. eu vou de avião... não tem jeito de eu ir por terra... vou... eu vou de avião... eu desço aqui e te levo... você escolhe uma fazenda pra você comprá por aí”... aí eu es...escolhi não ... num gosto de tá pulando de galho... né? ele falou “(vamo) pode comprá que é boa né?” eu comprei... com sacrifício... porque::... eu não tinha capital... o único capital que eu tinha era essas quinhentas vacas com ele arrendada... aí ele falô “compra que eu... avalizo... eu vou nas costas” e adquiri essa fazendinha que eu tenho... e passô a chamar Repressa a minha fazenda... aí botei o nome de fazenda Repressa nela... porque a primeira coisa que eu fiz nela foi uma... uma barragem de concreto porque ela era muito seca... ela tinha córrego... mas era seco... o córrego só enchia... num período assim... vamos dizer... de seis... sete meses no ano... aí eu fiz uma barragem... fiz um poço e aí... enfim fui fazendo as coisas... fui formando e ela graças a Deus... com o auxílio de ... Deus e do meu filho... ela tá formada... né? eu tenho lá umas -- é pequena... fazendinha de novecentas hectares -- eu tenho umas setecentas hectares formadas de pasto... e vendi meu gado pra comprá... esta casa... o que eu tinha de sobra comprei a casa que eu moro... e com a dificuldade de tudo fui tocando a fazenda... dei cem hectare pro vizinho que era dono da indústria... pra derrubá pra mim podê formá... prepara a terra... também éh::: forçada pelo... C. meu filho... ele que sugeriu essa... esse meio... que nós não tínhamos meio de ...diNHEIRO... né?! ... não tinha JEITO... então tinha que fazer qualquer coisa... achá um meio... e o meio foi esse... eu lutando pro C. estudá... mas ele não queria de jeito nenhum... mandei ele pra São Paulo... pra todo lado... no Objetivo... eu era muito amigo/eu comprava boi pro Objetivo... J. C. (D. G.) que é dono do Objetivo... é meu amigo... ele era sobrinho do I. T. esse senhor () e o O. era o geren/gerente do Objetivo... o Dr. O. ... ele ... ele foi muito bom pra mim... mas o C. não teve jeito de... de estudar... veio embora pra cá... eh... aqui eu ajudei ele a comprar uns tratores e foi começá a formá pasto pros outros... cem hectares... né?... assim... com grade... etc e tal... aí:: eu achava que não tava bem... que ele tinha que ser gerente... capataz de alguma faZENda... e nesse meio tempo eu adquiri também umas tropas e comecei a viaJÁ... comitiva... éh:: eu achei que ia dá dinheiro... mas não dá... dá só pra comê... comitiva não dá dinheiro... ela dá /éh um trabalho muito cansativo... muito sacrificado... né? a senhora já pensô você viajá aí sessenta... setenta dias no lombo do burro i comendo aquela comida... passando mau tempo... chuva... é gostoso... é bom... é divertido que você vai cada dia num lugar... mas é sacrificoso -- quem num tem opinião num vai -- eu botei esse menino pra judiá dele pra vê se ele ia estuDÁ... eu larguei ele daqui... ele era novo ainda ele tava com os seus quatorze anu... botei ele -- ele era de opinião ele -- era um tempo frio (mês de maio lá em) Maracajú o... o velho que tava cum/na comitiva com ele... ligô pra mim escondido dele...”seu J. vem buscá o C. ... ele tá

mal... tá todo rachado... os lábio... o rosto dele” (disse) “tá bom... eu vô dá um jeito” aí peguei um irmão meu que tinha carro i fui atrás dele truce... ele num queria vim aí eu truce ele... mas éh... o negócio num é fácil... a vida éh sacrificada... é gostosa... éh boa... a melhor/o melhor lugar que eu acho de fazenda é Pantanal... Pantanal... eu sô pantaneiro... gosto demais do Pantanal -- até sempre falo pra eles se eu tivesse jeito eu compraria uma fazenda no Pantanal (num é) venderia a minha aqui em cima que... aqui você forma... é melhor pra criá mais... engordá bem... mas você tem qui viver limpando se você num limpa acaba sua fazenda e hoje a manutenção é muito cara -- eh o pantanal num precisa de nada você vive lá... éh:: só saber viver... a minha num é no Pantanal eu comprei essa fazenda aqui em cima... ela é começo do Pantanal... é cumecinho... é bem cumecinho mesmo... ela é aqui na beira do (Agaxi) né? beira do (Agaxi)... o (Agaxi) é começo do Pantanal... **(o senhor... a sua experiência primeira de trabalho é dentro...)** eu me criei no Pantanal... eu sô pantaneiro nato... eu morei muitos ano no Pantanal... toda vida fui do Pantanal... todas as fazendas... Fazenda Divisa... Fazenda São José... Rio Negro... meu pai foi capataz na Fazenda Rio Negro muitos anos... eu... morei ainda minha mãe era viva tava cum meus quatro anos quando eles eram capataz na fazenda Rio Negro... do seu O. ... seu O. R. ... esqueço o nome do pai do seu O. ... éh... o seu T. R. e o outro irmão dele esqueço... então ele era muito bom e muito amigo... o pai foi um homem muito campeiro... muito laçador e disposto ele não tinha tempo ruim... era baguazeiro... gostava mesmo de trabalha e o C. puxô ele... esse menino meu o C. gosta mais... de tá nu... mexendo com essas coisas éh... pra ele num tem coisa melhor... assim também como eu gosto... eu adoro essas coisas... num faço mais - - eu tô com setenta ano né? - - num faço mais coisas porque::... a gente tem que se guardá um pouquinho né... se não você vai e a coisa fica... **(eh... a convivência... como é no Pantanal?)** muito boa... o pantaneiro é um povo muito acolhedor... muito bom... você chega numa fazenda no Pantanal você tem tudo... era assim né? era assim/ num sei hoje porque tá intrando muita gente de fora - - num é um pantaneiro - - ele num conhece a dificuldade que tem o Pantanal... né? eles querem sê ruim... num qué deixa você posá... às vezes você chega numa fazenda que não é pantaneiro ele... - - não são todos - - têm alguns que não qué que pose com uma boiada... certo? não tê oferece um aconchego bom... né? você já comeu? quantas vezes você chega num pantaneiro ele... primeira coisa que ele fala “você já comeu?” é desse jeito... e esse povo não... é deferente... ele ... se ele pudé vende ele vende pra você... QUANDO acontece de quere vende, tem muitos que fala “ah... é difícil trazê mantimento aqui pra fazenda... sai caro” não sei o quê... tal () mas nu mais é uma... região muito boa... () depois que... que eu morei... que eu moro aqui na Aquidauana que eu meio que parei de mexer um pouco com comitiva... eu tive que procurá uns meio pra mim ajudá a sustentação... né? que só da minha fazendinha num dava porque ela é pequena... a renda é curta... se eu fosse viver só dela... eu teria que vender ela pra mim sobreviver... né? porque ela é pequena e não tinha acesso nessas épocas... agora hoje tem... né? e o que eu tinha de dinheiro gastei pra comprá ela... gastei pra comprá minha casa... enfim... até eu adquirir novamente pra forra o que/o que saiu... éh... o negócio num é fácil... e é só eu pra trabalhá... né? os filhos... as mulher casaram todas... o C. que me ajudava muito casou também... foi tomá conta de fazenda... graças a Deus hoje ele tá bem... né? toma conta

aí da Fazenda Caimã... éh... parece que é bem quisto lá na fazenda... parece não... é bem quisto porque o patrão dele cresceu bastante com as administração dele... né? em matéria de fazenda... gado cresceu muito... as fazendas todas formada... éh::... vai levando... já tem uns princípios bom... né? ele já comprou uma fazendinha... e vai indo... a senhora dele muito boa... (muito) trabalhadeira... **(a família está sempre reunida?)** sempre... sempre reunida... e eu fico meio chateado com eles... quando eles começam a... a querê brigá um com o outro né? eu acho que a família tem que ser unida né? tem que ser unida pra podê vence... porque se não extravia um do outro num dá... e como eu tava te falando... quando o meu pai extraviô que minha mãe morreu... a gente extraviô que só filhote de ema... né? a ema quando quando desova que sai assim tem cinqüenta... cem filhote... né? aí... aí vai crescendo... vai extraviando tudo... quando você assusta sobra só o casal... o resto (risos) o que bicho num comeu... duas que sobro... alguma -- mas sempre extraviado -- esparrama nu mundo né? é desse jeito... () graças a Deus... eu sô feliz... que tenho meus filhos todos criado... né? vivo bem... graças a Deus... tenho ainda saúde pra trabalha (tá)... trabalho... o que eu posso fazê... até eu fico inquieto... quando eu tenho que... eu tô à toa... não sei fica à toa... éh::... eu quero... quero agir... quero/quero saí... enfim... éh... mexe o doce... né? como falam... tem que mexe o doce senão não vai... é hoje eu tô trabalhando com o L. ... é um senhor de São Paulo... L. N. N. muito bom... é por intermédio do (H. de A.) ele que me indicô esse senhor... aliás... ele indicô (os) eu... pra ele... e ele pra mim... ele me procurou e a gente se introsô... que eu olhava a fazenda do H. e passava na fazenda dele... desse seu L. e... aí coincidiu da gente se encontrá e eu fiquei trabalhando... ele não me chama de... de empregado... ele cha/fala que eu sô sócio dele... né? pra me leva mais pra frente... né?... pra (risos)... é pra me cativar de certo... né? é porque... salário pequeno num...num dianta nada... a gente/eu trabaio demais... eu... tudo o que eu pego eu quero fazê e vencê... eu não fico apalmando... eu quero... quero mostrá serviço... até hoje eu ainda faço assim... eu não sei esconde da/das coisas... eu quero mostrá serviço né? e tudo o que eu faço... eu faço com amor... eu tando mun/(é)eu não posso muntá a cavalo... eu sô proibido do médico... que eu tenho problema... mui/espinha quebrada e um mundo de coisa... né? coluna e enfim (até é o... é o...)/tudo... tenho três ou quatro operações e... mas mesmo assim... num... num tem tempo ruim pra mim... eu tandu muntado num cavalo... eu tô satisfeito... éh:: considero isso a felicidade... eu acho que a felicidade da gente... é vive bem... né? tê lugar pra você na velhice... de... ser amparado pelo menos tê uma casa... tê a família junto... num é? éh... o quê eu sempre falo pros meus filhos... “olha vocês hoje... vocês tão me/me agradam porque eu ainda posso fazê alguma coisa... eu não sei se quando eu ficá mais velho... vocês vão fazê a mesma coisa comigo”... tenho medo disso acontecer... né? mas sô feliz porque todos eles... parece que me querem bem... né? e... eu ajudo o que eu posso eles... a M. -- por exemplo -- tem fazenda lá no (Mato Grosso) no Pantanal.... “oh... pai o senhor num vai lá” “(ah) minha filha tô trabalhando... não posso saí ainda... né?” e... vô tocando... graças a Deus a gente vive bem... **(onde moram os seus filhos?)** todos vivem aqui éh... as duas mulher e o filho o C. ... o C. é meio estouradão... mas é muito bom... estouradão assim... porque éh... éh... a maneira de ser... né? ele é caboclo... trabalha desde criança e você pra cê... você dá conta do recado... você tem que... não pode ser muito fininho

não... você tem que ser meio grosso mesmo... porque senão você... éh... éh:... senão você apalpa e não vai.... **(esta é a vida que o senhor sempre sonhou... sempre quis?)** é a vida que sempre quis... porque eu não tive outro meio... né?... aprendi assim e assim eu vivo... e passei pro meu filho... né? meus filhos não tem outro meio... não tem outro jeito... já tô... que que eu vô que mais hoje... né? já tô com a vida terminando... setenta ano... que que eu espero disso... acho que nada... () mas num tem dúvida que... a gente aprendeu a viver... tá aprendendo... continua aprendendo... porque tudo... cada dia tem uma coisa diferente... né? porque cada pessoa tem uma maneira de pensá... e uma coisa pra... te ensiná... né? tem muito sabidão aí... que fala "ah... eu sei tudo" porque ganhô tudo de mão beijada... né? ou herdou de alguém... eu quero vê o caboclo começá du nada... né? e fazê alguma coisa... esse qui é (importante)... () num tem mais () por exemplo... a gente.... naquelas época que enchia Pantanal... né? a gente morava du lado de lá do... do rio negro... então você pra vim na cidade... ou era avião... que era muito difícil naquela época... você num tinha contato... num tinha um telefone... num tinha um rádio... num tinha um nada... se você via um avião passa loNGE... você saia correndo... você precisando das coisas... você abanava com pano branco... né? pra vê se o avião enxergava... pra desce ali pra te dá um socorro... uma coisa... era muito difícil... e ... aí depois com tempo... a gente já conversô com os pilotos pra eles sempre dá uma... uma... passar (em frente) em cima... se a gente quisesse alguma coisa... fazia esse sinal que eu tô falando... com lenço branco... **(pedia ajuda?)**... exato... é porque era raro avião naquela época... era um ou dois avião só que tinha aqui ou intão o A. P. que foi um homem que era ... comprador efetivo da região pantaneira naquelas épocas... seu A. P. foi um homem também dinâmico... um homem muito bom... a gente trabalhô com ele... puxei muito boi pra ele também... esse homem era muito (bem) tinha um avião... de vez em quando... raro... RARO... éh às vezes assim... cinco... seis meses ele passava uma vez... e a gente não vinha na cidade como vêm hoje... todo dia tá aqui... era num ano... um ano e pouco lá na fazenda... você num vinha na cidade... né? então... no/no caso de precisão era diferente... tô dizendo assim a vida... você passa lá um ano... um ano e dois meses... três... quatro... nove meses... era a média que você ... ficava na fazenda... não vinha... então (no caso) numa precisão de vim... na... na cidade ... a gente surtia de carreta antes de enche vinha né? antes de encher... vinha com as duas carretas aqui na cidade... enchia as carretas de mantimento que você ia passar cinco... seis... sete meses... com a quirera... cinco... seis... oito sacos de arroz... três... quatro de farinha... quatro... cinco de macarrão... cinco de feijão... ia indo... enfim você fazia o sortimento... esse negócio de temperinho... cebola... alho... esse você comia lá... cheiro verde... esse da horta que você plantava... mas num tinha... cebola... num vai durá? num dura... né? num durava... ela dura aí quinze... vinte... um mês no máximo... aí apodrece... então num tinha/o tempero nosso era o tempero de casa de fazenda... cansei de... de fazê isso com o velho meu pai... a gente vinha... ele era o cacique... era o... o patrão do negócio... né? então... a gente vinha com ele... fazia o bota fora dele até um ponto determinado... assim que não tinha perigo mais pra frente... vinha... sempre era eu... eu era o mais velho dos irmão... né? eu vinha... eu ou o outro irmão ou um peão bom... fazia bota fora dele... atravessá aqueles curixo... aquelas vasantes... nadando... bola à pé e tal... atravessá o rio negro... a

barra... largava ele aqui na Costa Rica... ele vinha pra Aquidauana... né? no caso de precisão... aí... ele largava o animal dele... em qualquer lugar do retirinho... -- por exemplo -- era um ponto de referência... aí... depois a gente pegava o animal... ou ele ia de condução ou chegava até Aquidauana de a cavalo... né? se ali já... aí nu retirinho sempre já tinha mais facilidade... ali já... a condução de vez enquanto já vinha... o senhor S. P. tinha sempre um carro... ele era muito amigo... ele era primo irmão do meu pai... sabe? eles gostavam demais do meu pai... é gado por exemplo... você precisa de mata um gado no frigorífico aqui... você ... tando cheio... num tando cheio... tinha que vim... então... era uma... um dos sustos que a gente sempre passava... você nadando com o gado... aquilo é um perigo... nadando... né? o rio negro quando enche ele emenda com o aquidauana e vem até aqui na... na... na Costa Rica... aquilo é um mar só de água... e nada de tê curixo... nada... a gente vinha/fazia pelota das... das mala... pra num... num... num rodá... fazia aquela pelota... amarrava na garupa... trazia ela... dava um jeito de trazê... pra num se molhá todo... até a roupa né? enrolava num plástico... numa capa... num negócio e vinha nadando... deixava um pouco do pelego... vinha só com um peleguinho... éh... éh era dificultoso... não era fácil não... **(e era bom?)** mas ah... num tem dúvida... aquilo pra nós era uma farra... era um negócio gostoso... você fazia aquilo com prazer... né? com prazer... éh:: ... ganhava 5000 mil réis por mês (risos) é... era mil réis... né? naquelas épocas... então... e hoje você pra achá esse tipo de gente... peão... você tem que pegá os velhã ainda... e alguns novo que ainda aprendeu... ainda... né? que tá fazendo essas coisas... mas é muito difícil... mas é gostoso demais... muito bom... é um/éh uma felicidade você tá mexendo com aquilo né? aqueles negócios... aquilo... éh... éh::... depois você conta no galpão... hora que você vai tomá mate de madrugada ou então de noite... depois da janta... a pessoa tá desinciliando o cavalo... e tal... tá contando as histórias... “poxa...você viu aquela hora que afundo... fulano saiu lá na frente... né? aquele boi que ia rodando... se viu o J. saiu nele lá e ... pegô o boi... fez o boi voltá na/no gado” enfim... é muito gostoso... é uma felicidade a gente mexe assim com gente prática e gente boa... né? quando você pega uma turminha ruim... é duro... você trabalha dobrado... eu sempre falo... quando eu era mais novo... eu falei “eu trabalho por três peão... pode deixá por mim... que dou conta... de três” (risos)... é então... é desse jeito... é.

DEPOIMENTO 3 (D3) – HISTÓRIA DE VIDA DO SR. R. O.

Idade; 45 anos

Residência: Fazenda Santa Emilia - Pantanal

Duração da gravação: 50 min

Data: 18/06/2004

Meu nome é R. O. né? tenho quarenta e cinco anos... sô criado aqui no Pantanal... então... nasci na Nhecolândia... me criei... (não) me criei quase lá né? aí meus pais mudô pra cidade... aí nós fomos pra cidade.... aí meu pai foi trabalha de charretero... aí foi começando a vida e nós/e nós estudava... até o primeiro... segundo anos... éh... tinha o primeiro ano A né? é... e o (segundo)/estudei muito poço... eu só escrevo o meu nome... mas eu conheço muita letra eu não sei é juntá... é formá as palavras... você sabe? então... eu/daí nós fomos para cidade e ficuemo pra lá... o meu pai trabalhando de charretero e ... ele só tinha um lado da perna dele... ele quebrou a perna ali na fazenda Jurumi... ele tinha dezenove anu... mas nem... trabalhando nu campo... um touro trompo na perna dele.... e quebrô... mas num tinha nem nós ainda... num tinha ficado com mãe... nada...num tinha se ajuntado (risos)... aí...depois que se ajuntaram que ele ... (éh) somos entre sete filho...mais já perdimu dois irmão... os mais velho nós já perdimus... (um nós távamos inda aqui)... e duas mulher e... (deixa eu vê quem mais) J. ... M. ... M. ... Z. e eu... eh as mulhé... que é D. e D. ... eles foram criado tudo na fazenda também... mas o patrão que criou... deu tudo pra eles... eles morava com a patroa.... (é Pantanal) na... eles foram criados aqui na... na fazenda Barranco... Barranco não... éh::: Porto Ciriaco... é desse R. também... (Seu S.) aí...depois eu formei a minha família... até já não me lembro mais (risos)... quando... eu sei quando eu fiquei com a minha mulhé nós amiguemo... né? ela tinha quinze anos... eu tinha dezenove anos... lá na Caimã...- - era Miranda-Estância antigamente - - lá nós ficuemo por lá... eh se ajuntemo eh fomo mora junto... ficuemo QUATro anos ... éh::: ajuntado depois de quatro anos nós casemo... aí depois que nós casemo ... aí ... não deu mais certo (fico ao contrário)... nós tivemo ... três filhos... dois guri tão com a mãe deles () lá pro lado de Aquidauana pra lá ... ou::: pra Campo Grande ... pra lá de Campo Grandetrabalha em fazenda... ela é cozinheira né? agora o marido trabalha em fazenda também como campeiro (como diz o outro)... faz tempo já que não vejo meus filhos... só via o mais velho que ele tinha/(de vez em quando tava) aí na cidade agora num tá... tá pra fazenda... tá cum a mãe dele (tá) então sempre que ele ia/ que eu ia daí

da fazenda... trabalhava aqui na... fazenda que éh do (M.) R. sempre ele tava por lá... (eu encontrava)... ele ia lá ... sabia que eu tava lá... ih::: (então) ia lá... aí nós encontrava... mas os outros eu não via mais ... tá cuns três anu que não vejo eles ... mas já conversei pelo telefone cum eles... () telefone... éh::: que agora eu perdi o número do telefone (risos) extraviô o número do telefone e não tive mais contato com eles... mas tão na fazenda.... aí não casei de novo... não (depois dessa)... ah::: não deu mais certo... então... (eh::: fico igual a tal da) guaiaca velha... escondendo... perdido por aí... dentro do brete... é um... um/éh::: mesmo que um porco (cachaço)... um bicho macho né? que vive/ele fica sempre sozinho né? ele não fica misturado no meio dos porco... nem nada... éh::: se sente assim/éh sozinho... mas vivo minha vida tranqüilo graças a Deus... trabalhando... a minha profissão é trabalhá no campo... é lavrador né? na carteira minha (é) assinado como lavrador... mas eu faço tudo quanto que é serviço... eu mexo com trator ... dirijo a caminhonete... também eu dirijo... mas num tem coisa assim né? tem sempre mais é campo... é com lida de gado né? AGORA que eu vim pra cá que... eu tô mexendo com o negócio de turismo e... acho que tô indo bem né? (vai dando bem)... eu acho que eu tô tratando bem as pessoas que vem né? eu sei recebe eles... sei cunversá cum eles... eh::: vamo pelo campo aí... eles vão me perguntando... eh::: e e o que eu posso eu vô informando pra eles falando né?! ... “e o nome daquela ave lá?” “éh arara”... “e aquele... que passarinho é aquele?” “é tal passarinho” (bichos também)... éh::: qui ... só num... num conheço assim pelo nome... eu conheço pelo o nome de/quando eu conheci pelo aquele nome né? éh::: mas assim... como assim (da coisa aqui) eu sei tudinho o nome deles. **(conte-me o dia-a-dia de seu trabalho do senhor, como o senhor começa, que hora que levanta, que o senhor faz até anoitecer?)** então... eu levanto cedo... tomo meu mate aqui... naquele fogãozinho ali... cedo só eu... e Deus né?! perante a Deus... aí vô pro mangüero tiro meu leite... aí vô trata da tropa... dá ração pra tropa... aí eu pégo o meu animal que eu vô sai nele... aí pégo vô amurcinha... quebra torto, que éh::: uma comida. é o de manhã... é o chá que eles falam... é comida de sal... se nós comê um::: um chá aí Deus me livre (risos)... (pelas) dez horas já tá de barriga lá nas costa... aí eu saio pro campo... aí vô pará rodeo no gado... vê se tem alguma rês abichada... se tem alguma rês doente... então... esse é meu serviço... daí de lá venho... venho ajudá a turma por aqui... que às vezes não tem mais serviço pra mim fazê... senão eu vô... casquiá um animal... fazê um jaravi no animal... casquiá o animal é a pata dele... se pega e levanta a mão dele... limpa por dentro... e aí tem ... um troquês... aí corta o casco do animal.. aí tem ali/tá até lá... ah::: a grossa... aí já grossa bem::: dexa bem certinho... e o jaravi éh::: o rabo do animal... então cê vai tirá aquele mundo de né? mundo de cabelo que fica... é mesma coisa que cortá cabelo... (risos) faz tudo isso... faz isso só quando cresce... é mesma coisa do cabelo... é a mesma... é a mesma coisa da unha nossa... quando cresce nós tem que cortá porque senão ela vai ficando suja né? éh... fica aquela ()... tem gente que... não luta com o nosso serviço aqui... como no meu serviço aqui... éh:::... mexe por aqui... e se qualquer coisinha... mexe com uma graxa... a unha já fica na merda... já suja por baixo né? então aqui quando teve uma reunião com nós aí... então né? tem que te/andá bem limpo né? aqui eu não posso andá muito limpo por que eu mexo cum/cedo vaca veia tá cagando ne mim... pisando bosta... não posso aí né? eu não posso saí de lá tomá banho... troca

de roupa... porque que eu vô/como é que eu vô güentá pagá lavadeira... trinta reais por mês... porque eu mando... eu gosto de... que as minha coisa seja bem limpinha né? mando lavá... éh pago... lavadeira... (gosto) tudo passadinho... agora... comê eu como aí no... no ... hotel... éh! gosto dessa vida... porque na cidade num é... eu não güento ficá na cidade... porque na cidade tem que tê dinheiro né? e eu quando vô pra cidade... eu tenho que ta... eu tenho que tê o meu dinheiro... acabô o meu dinheiro/acabô eu também já? éh::: (porque)...gasta (com um mundo de coisa) a gente vai faze/eu paro na casa de um irmão meu... e lá eu tenho que fazê compra... as vez dá dinheiro pra ele (porque) ele também trabalha né?... então eu ajudo (na casa dele)... então pra mim... eu vô na cidade eu paro lá dois... três dia e vô imbora... todo mês eu vô né? aqui a vida é mais tranqüila... dorme tranqüilo... na cidade a gente não dorme muito tranqüilo não? trabalha mui/trabalhei na cidade não gostei... aqui éh/eu ando no campo... vê criação... é parte que eu adoro mais... mexer com os animais... amansá bem mansinho eles né? amansá os animais... quando cheguei aqui essa tropa era tudo novo... era MANsinho de... de lombo... tem uns que qué pulá... mas () só que...é que não sobra dinheiro né? e quando eu... - - então como nós tava falando negócio de casamento - - depois que eu separei da minha mulher... eu tinha que/eu não dava pensão pros meus filho... mas eu fazia crediário pra eles né? comprava ropa... tirava no/coisa prá pagar por mês... porque tirá dinheiro pra paga tudo... três criança pra vesti aí e carçá num é fácil né? pagá mercado pra eles... e sempre que encontrava com a gente qué dinheiro... eles não qué nem sabe se tem ou não... da donde que vai tirá... mas qué ... éh::: agora não... graças a Deus tão tudo trabalhando... a menina casô também... já tão tudo adulto... um tá com/o mais velho tá com vinte e um anos...(o seu convívio com a vizinhança aqui da fazenda é bom?) bom... bom... tudo são meus amigo... são tudinho... num tenho... rixa com ninguém por aqui né? garanto que eu chegá numa fazenda dessa aqui... a gente é bem recebido... qualquer fazenda que eu trabalhei... eu chegá eu sô bem recebido... porque nunca briguei com ninguém né? nunca saí de mal com ninguém... então se num vai dá certo aquele um/negócio se pega pede a conta e vai embora... pra num ficá intrigando com os outros... vai embora... então... briga num dá camisa pra ninguém... então a gente faz isso aí... bom no meu pensar... tem uns que não... tem... uns que::: num qué nem saber... briga... faz o pisero na fazenda... aqui é tudo muito bom... bom... tudo mundo trata um cum o outro brincando... num... num... manhece ninguém brabo com ninguém... desde a hora que a gente se levanta cedo aqui um brincando com o outro... tirando sarro e vai indo... é até de noite... eles vão fazê o serviço deles ali... eu pego vô fazê o meu... as vezes eles vão me ajudá também no campo... eles me ajudam... as vezes tá apertado aí eu tenho que curá uma rês aí... sozinho é ruim da gente curá... esses dia tive que curá uma rês sozinho... porque eles num podiam me ajudá e ela tava bichada e... tive que laçá ela sozinho e curá... só que se não tiver prática num... num... faiz esse aí... (o senhor tem algum medo?) medo a gente tem medo... eu tenho medo assim de/é uma coisa que é - - como se fala éh - - é de assombração eu tenho medo também... eu nunca vi assombração... assim não... mas eu acredito... eu já vi o tal de lubisomem... eu encontrei cum ele... isso eu era guri... era gurizão... porque... nós ia pro baile - - antigamente polícia corria atrás de nós no baile - - então eu cheguei numa fazenda... trabaiava aqui perto de Rio Verde... aí fui falei pra

mãe “vô pro baile” “quê se vai fazê guri?” “ah... vô lá mãe... vó dá uma olhada no baile... () vô arrumá uma namorada... né? gosto de dança” aí fui pra lá... aí nós fomos entre lote de gurizada... foi dois irmão meu e... e um colega nosso... e chegemo lá... daí... era uma casa de uma muierada lá... e lá num podia ficá de menor de jeito nenhum... então ficava um sondando - - é tempo da patrulha né? do quartel - - que ela que escurraçava nós e a polícia... aí chegô a patrulha nós currimo na casa da... da... da dona lá do baile... mas nós num conhecia a dona direito... nós ficuemo escondido embaixo da mesa e a patrulha fazendo a revista por lá achou nós lá embaixo da mesa... ah... já saiu pega num pega.. nós era... naquele tempo era magrinho curria () aí desci passei um córgo que até chama até... córgo João Guia... aí ele não pôde com nós ele não quis molhá a botina dele... ele me largô ali... mas ele ia pega num pega na coisa da minha camisa... eu sentia a mão dele passá (risos) eu falei se chegá de roda na frente desse homem (ele vai) () aí passei o córgo ele largou de mim... foi logo que tava formando a nova Aquidauana, num tinha casa nenhuma na chegada daqui pra lá... a senhora conhece ali a nova Aquidauana né? num tinha nenhuma... era até um... quando ia com boiada... então saia ali fizeram um boiadero ia saí lá na boiadera mesmo éh... então eu... o luar tava claro... eu extraviei dus companheiro... falei ‘se eu volta pra lá essa turma vai me pegá ainda... eu vô embora pra casa” aí eu ia indo na estrada e de longe eu vi... tava o luar claro... vi aquele tareco preto que vem vindo (eu falei “ih::: ai..ai..ai..”) já pra trás... já era uma metade grande pra mim vortá né? falei “pra mim vortá pra trás num dá” lá vai eu pra frente... aí eu parei uma distância... parei fiquei meio de juelho... de olhá ele... vô vê que bicho que vem vindo aí... e ele veio vindo... mas ele é bem feio mesmo... aquele bicho tá loco... ele chegô uma dist/acho que ele nem me viu direito... porque eu tava/ele de certo vinha de cabeça baixa... sei lá eu... que vem... vem molengão... andando... tudo mole... mole... e eu falei... “daqui eu arranco... eu passo perto desse bicho e ele não vai vê que eu vô correndo daqui pra lá... né? ele vai pensá que/creio que passo perto dele” daqui eu arranquei meus Deus do céu... passei correndo muito duro perto desse bicho... e ele é um bichão curtão assim e alto assim... pel::: (pele) é um preto pel/ele é peludo... ele é um bicho preto... que a oreia dele... ele vai mexendo até... e a mão... e os cutuvelo dele que é... é um bicho feio demais... cheguei é muito assustado lá... lá na chácara... em casa... mas aqui eu dormo sozinho... mas num penso em nada... penso em Deus... benzo meu corpo e deito e... dormo tranqüilo... sô feliz... bem feliz... graças a Deus... até... até agora tô bem feliz aqui... é que tando bem de saúde... a felicidade que... que eu acho é eu tando bom de saúde e trabalhando... esse aí é minha felicidade... se eu ficá doente meu Deus do céu... então esse já aí... esse aí... já... já fui quebrado umas três veiz... quebrei quando era criança... quebrei aqui trabalhando na... na Olho D’água... na fazenda aqui... era foi dono dessa terra aqui... dono da Santa Maria... trabalhei aqui três anos na... na Olho D’água... então... então... é minha felicidade é eu tê saúde e boas amizades... né? como... como eu... eu me sinto bem aqui porque desde que eu cheguei aqui acho que todo mundo gostou de mim... éh... éh... porque... pelo jeito de eu tratá eles... eu... eu... num chego muito... timidez cum eles... num faço () num respondo pra eles... cum/num faço isso... então o que eles falá pra mim... pra mim tá tudo bem... éh::: éh::: isso aí que to/porque... se eu sô um ruim... um cara... um funcionário ruim... então eu se eu i pra quella outra fazenda ali... eles vão ligá pra cá... tirá a saber o quê...

o quê que eu era... o quê que eu sô... se eu sô um peão bom... se eu sô um peão ruim... as veiz o peão é bom... mas... ele é... ele é ruim né? então aí/dali aquele carinha já num tem (as veiz)... então... pra mim é importante... pra mim é importante... importante pra fazenda né? éh... eu comecei a mexe com o negócio de turismo aí... i é importante pra fazenda né?! ... e é importante pra mim também porque... que eu fico mexendo cum eles e eu quero que a pessoa então... ele sai... ele sai daqui contente... sai sastisfeito... né? nós trata bem eles... eu sô... BEM importante aqui na coisa... porque... pelo tipo que a turma fala pra mim né? que eu quando cheguei aqui a tropa era tudo bagunçada... já tem... já tem aí... já até criança mesmo anda no cavalo aí que era... era um cavalo brabo né? pulava... mas é porque eles provocavam o cavalo pra faze/então se provoca ele pula mesmo... eles acostumam... eles vai acostumando cum aquela que a gente dão um jeito de lidá com ele... ele sai aí... ele vai pastando cum o turista... o turista fica... “oh:: deixa ele... coitado deixa ele pasta” (risos)... então é importante éh:: éh... éh importante tê paciência pra mim... que o animal também é burro... né? se ele fosse inteligente também... que tem animal que ele sabe... tem animal que ele é delicado... você sabe o que é delicado? É a mesma coisa que uma pessoa delicada... ele num qué...tratamento ruim... éh:: num qué... tem um cavalo que eu encilho aí... um todo dia... aquele eu num ponho turista porque ele... ele já é um cavalo véio e num tem jeito de tira/se a gente grita cum ele... daí meu Deus do céu já... pode... já... já contrariou ele... ele já num qué dexá pô mais o freio nele... i vira um trem... se dexá ele até põe a mão na cabeça da gente... tudo isso ele qué fazê... então tem que tratá ele com carinho... eu pus o nome dele de “moda”... eu... eu apriqueei uma injeção nele... apelido dele... nome dele de “moda” - - que ele saiu uma ferida brava - - eh pra nós aqui no Pantanal... é ferida da moda... aí eu pus o nome de “moda” nele... **(e com os patrões como é o seu relacionamento?)** aqui eu conversei... eu não converso quase com eles... sabe... eles chegam aí e eu fico por aqui... até ele falô com o rapaiz aí... que eu sô muito quieto... né? falei “mas claro... eu tô no meu lugar... eu não posso tá indo lá... né?” I pricurá ele por aí e conversar o quê? então... não... eu converso assim com o nosso superior aqui... né? só com o gerente... é com ele... né? porque ele conversa com eles... né? então a gente tem que saber o lugar da gente... como peão... e nós... eu sei o meu lugar... então... é difícil... aí... esses dias que ele cunversou comigo () “é oh... (...) faz esse serviço aqui pra mim” faço né? tô aqui pra fazê o serviço... fala pra ele... aí eu converso com eles... aí tinha... tinha algum que é teimoso qué que faiz... aí tem que fazê... né? nem que dá mal... mas tem que fazê... porque... aqui às vezes escuta... aqui faiz... até agora (só trata) agora... num::: falaram nada sobre isso aí... o serviço que eles manda eu fazê é serviço certo... né? aí é certo... então num tem de eu falá nada pra eles... “não... eu num vô fazê ou vamo fazê diferente né?”... então... éh isso aí... que é bem importante pra gente isso aí... aí... combiná... porque se... se a gente vai fazê o que eles mandam você fazê... um serviço... então o peão já num qué fazê aquele serviço... porque num qué trabalha... né? ele qué... ele qué sê um cara... ruim... então ele num qué fazê aquele... ele não qué sê mandado... eu nunca achei ruim... até uma criança se for um superior nosso... manda nós aí eu atendo ele... porque ele tá mandando em nós... ele manda fazê um serviço aí nós vamo fazê... ué? porque ele tá na gerência... né? ele tá comandando (tudo aí)... então a gente tem que sê assim... tem gente que já num gosta disso aí... porque às vezes sai/aqui como...

aqui é vários... entra um sai... sai aquele... chega outro... outro gerente né? e agora vai... vai vim um gerente mesmo... agora eu num conheço o homem... às vezes a gente num se dá com aquela pessoa... então... às vezes ele num se dá com a gente... por causa disso que eu saí de lá... da... da... Caimã... (num dá nada) num adianta criá caso... então... vai embora... vai... tem muitas... éh... muitas fazendas pra trabalha... nunca fartô serviço pra mim... sempre eu trato do jeito de/vô pra/às vezes o patrão fala assim “oh::: tal dia eu quero que se tá na fazenda’ tar dia tô lá... só se num ti/num achar uma condução.., um... ou marcá um horário comigo... ‘tar hora te pego” eh... ele pode chegá... éh... atrasado... mas ele não espera eu não... a primeira vez que eu saí da... da... da Miranda-Estância... que eu/da Caimã... teve média aí que eu parei... que num combinava mesmo... tava cum minha mulher lá... e ela que... ela trabalhava... cuidava da... da sede... né? então o patrão era muito nojento... então ele num queria que... se a gente falasse alguma coisa... ele falava “não... isso num dá certo”... então... então eu falei...”então o senhor pega o quê... as coisas do senhor... a fazenda é do senhor... e eu num vô cuidá da terra do senhor desse jeito não... aí nós num vai combiná então... o senhor mi acerta minha conta que eu vô imbora” levei um mês... () trabalhei um mês... nunca tinha trabalhado assim... trabalhei um mês numa fazenda... mesma coisa que tivesse trabalhado um ano perto dele... Deus me livre... em outros lugares eu fui pra outra fazenda aí trabalhei um ano e nove meses... aí o fazendero... bom patrão... bom MESmo... aí ele vendeu a fazenda... aí eu saí... saí da/aí fui pra lá pra uma chácra dele... fiquei lá... ele ficou enrolando naquele tempo em que o Collor entrô meteu a mão no dinheiro dele... aí ele num comprou mais fazenda e até hoje ele não comprou mais fazenda dele de novo e ele fico escoiando... escoiando... porque naquele tempo o juro era bom... o dinheiro era bom... né? o juro caía quê... era tempo do Sarney... parece... era o Sarney... então ele achô que... quando ele assustô o Collor meteu a mão lá i... limpô o dinheiro dele comprá fazenda... aí saí de lá vim pra/fiquei morando em Aquidauana em casa alugada... aí fui viajá... aí desci cum gado na estrada mas num gostei disso aí também não... porque eu não adaptei com esse serviço de viagem... que a gente pega muito companheiro ruim... se passa num... num... num ... numa cidadezinha... num... como fala... numa cidade aí... às vezes... o condutor compra uma pinga... ele já pega outra pinga aí... já provoca a gente... então isso num gostei... né? isso pra mim num adaptei... aqui vô fazê quatro mês... vim agora há pouco... eu vim em três mesmo... eu vim com a... a R. ... senhora conhece a R.? a R. que eu vim...ela é diarista aqui... a gente veio pegá uns porco aí... eu fique uns quatro dia diarizando com ela aqui... aí... aí que surgiu essa vaga pra mim aqui... né? aí eu fiquei aqui... aí o patrão chegô e o N. falô com ele sobre mim... né? aí ele pegô eu... pra trabalha... então eu falei... vamo indo... vô experimentá... vô vê se... vê como que vai... se num dé certo... a gente vai embora... né? aí a R. voltô de novo... achô eu aqui (risos) a gente já foi trabalha junto de novo...